



VOTO PARA PRESIDENTE

Eleições mobilizam paraibanos que têm residência fora do país

Número de brasileiros aptos a votar no exterior cresceu 31,8%, de 2022 a 2026, passando de 918 mil. **Página 13**

Editais para cargos no serviço público reúnem 1,8 mil vagas no Nordeste

Oportunidades na Paraíba, em Alagoas e no Maranhão são para profissionais de níveis fundamental, médio, técnico e superior.

Página 16

Com seis títulos, Berô Paraíba é o maior destaque no X1 Brazil

Natural de Campina Grande, atleta tornou-se uma lenda na modalidade, que conta com um jogador de linha e um goleiro.

Página 21

Festival MêiMundo terá início, amanhã, com programação gratuita, na UFPB

Abertura do evento acontece a partir das 15h. Programação gratuita reúne música, oficinas e apresentações culturais.

Página 12

Foto: Carla Miranda



Uso do cinto de segurança ainda é negligenciado

Acidentes fatais reforçam a necessidade de utilizar o equipamento obrigatório, muitas vezes ignorado por motoristas e passageiros. Na Paraíba, o número de vítimas fatais em acidentes teve um aumento de quase 16%, segundo o Atlas da Violência de 2026.

Página 7

Marília Arnaud detalha relação com a literatura

Em entrevista, a escritora paraibana reflete sobre o trabalho que desenvolve com a linguagem e revela ter uma escrita intuitiva.

Página 4

Foto: Evandro Pereira



Correio das Artes

Suplemento reverencia a maestria de Pedro Santos na cena cultural paraibana

O músico, professor e regente, falecido há quatro décadas, foi responsável por trilhas sonoras de montagens teatrais e de importantes produções audiovisuais paraibanas, além de colaborar para a modernização da gestão pública local. O "santo maestro de jeans" foi professor de muitos maestros e fundou um dos corais mais longevos da Paraíba.



Jogos de tabuleiro ganham comunidades engajadas e vencem disputa com as telas

Motivados pela nostalgia e em busca de lazer, grupos encontram conexão e divertimento em atividades com menos tecnologia e mais contato humano.

Página 8

Foto: Carlos Rodrigo



■ “O campo, entre nós, mesmo na região brejeira de mais densidade demográfica, é hoje um mundo de casas fechadas, desde a do morador à casa grande do proprietário”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ “O sertanejo, que sempre inovou por meio da resiliência para sobreviver, ganha força e inova, agora, com conhecimento para o futuro, para transformar. E, assim, o nosso Sertão vai virar inovação”.

Claudio Furtado

Página 19

■ “Dizem que casamento é caixinha de surpresas. A minha tem cheiro de café, som de gargalhada e bilhetinho torto escrito ‘te amo’ encostado na escova de dentes. Amanhã a aniversariante é ela. É quase um feriado”.

Eduardo Augusto

Página 3

Editorial

Vedete digital

Em um espaço de tempo considerado relativamente curto, a inteligência artificial (IA) transformou-se na vedete do debate contemporâneo. Ela está presente, em maior ou menor grau, por exemplo, em conversas protagonizadas por personalidades de todos os campos da atividade humana, seja das artes, ciências, esportes, saúde, finanças, educação... enfim, onde a vida estiver em tela, a IA também mostra a sua cara.

Representantes de grandes empresas de tecnologia digital são mais propensos a defender a IA enaltecendo a utilidade dessa ferramenta, seja generativa ou preditiva, para o aperfeiçoamento de estruturas direcionadas para o bem-estar da sociedade, como as ciências médicas. Empresários de outras vertentes produtivas também vislumbram a possibilidade de produzir mais com a IA gastando menos com mão de obra remunerada.

Nas searas políticas, filosóficas, artísticas e educacionais progressistas, há o receio de que a IA fuja completamente do controle de organismos idôneos, sejam eles estatais ou da sociedade civil organizada, e favoreça, de variadas maneiras, a permanência ou até mesmo o aumento das desigualdades sociais, por meio da disseminação massiva de inverdades acerca do *status quo*, a partir de um controle mais aprimorado das redes sociais.

A questão ética relacionada à IA permanece em aberto. Para o empresário estadunidense Bill Gates, cofundador da Microsoft, trata-se de uma tecnologia revolucionária “que irá mudar a maneira como as pessoas trabalham, aprendem, viajam, obtêm assistência médica e se comunicam”. Já Tim Cook, presidente da não menos famosa Apple, sugere ter cautela até se obter uma melhor compreensão dos impactos sociais da IA.

O fato é que a IA, de uma maneira ou de outra, já está no dia a dia de milhões de pessoas, em caráter planetário, quer elas tenham ou não consciência disso. E a tendência da presença dessa tecnologia que encanta e, também, assusta é aumentar exponencialmente, remodelando estruturas provavelmente em todos os campos da atividade humana na face da Terra. É sedutor, por exemplo, obter respostas a perguntas em questão de segundos.

Por se tratar, sem dúvida, de uma tecnologia de extraordinário poder transformador, dentro e fora do território ético, faz-se necessário que a IA permaneça no centro das atenções de pessoas e instituições comprometidas com a democratização do bem-estar, para que os avanços científicos por ela induzidos finalmente consigam ser direcionados para a difícil, porém imprescindível construção de um mundo melhor.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

A cidade que resistiu ao Golpe de 64

Há momentos na história em que uma cidade deixa de ser apenas um lugar no mapa e passa a ocupar um espaço definitivo na memória de um país. Rio Tinto, no Litoral Norte da Paraíba, viveu um desses momentos no dia 1º de abril de 1964.

No início dos anos 1960, o Sindicato Têxtil de Rio Tinto era o maior do estado, reunindo mais de quatro mil associados. E foi como cidade operária que Rio Tinto reagiu ao golpe. Desde as seis e meia da manhã, os trabalhadores começaram a se mobilizar. A entrada da cidade foi bloqueada. A fábrica parou. Os operários ocuparam as ruas, a praça central e a sede do sindicato. Dois homens se destacaram naquela jornada: Antônio Fernandes e o juiz Hermilo Ximenes.

Antônio Fernandes era presidente do Sindicato Têxtil e, ao mesmo tempo, prefeito constitucional de Rio Tinto, eleito em 1963. Sua vitória havia quebrado o longo domínio político exercido pelos representantes ligados aos proprietários da fábrica. Apenas três meses depois de assumir a prefeitura, seria afastado pelos primeiros atos de cassação do novo regime.

O juiz Hermilo Ximenes também havia escolhido seu lado. Embora tivesse chegado à comarca por indicação de pessoas ligadas aos proprietários da fábrica, logo deixou claro que não seria um homem subordinado aos interesses dos poderosos. Ao ser informado de que não precisaria pagar o aluguel da casa onde morava, recusou o benefício. Fez questão de pagar e registrou o pagamento em cartório. Naquele 1º de abril, porém, diante da tensão que tomava conta de Rio Tinto, Hermilo Ximenes decidiu deixar o município, evitando uma participação mais direta nos acontecimentos.

Por volta das dez e meia da manhã, chegou à cidade uma guarnição da Polícia Militar, comandada pelo coronel Luís de Barros. A repressão começava a se impor. Antônio Fernandes foi intimado a prestar depoimento. Recusou-se a comparecer. A resposta provocou a reação da força policial, que determinou o bloqueio de toda a área do quarteirão e ordenou a retirada dos trabalhadores que ocupavam a sede do sindicato. Mas o presidente da en-

tidade permaneceu no prédio.

O coronel Luís de Barros só retornaria ao sindicato por volta das seis horas da tarde. A ordem era clara: a sede deveria ser fechada. Quando a determinação foi cumprida, Antônio Fernandes já não estava mais ali. A resistência havia sido vencida pela força.

Nos dias seguintes, Antônio Fernandes fugiu e acabou se entregando ao Exército. Foi levado para o 15º Regimento de Infantaria, em João Pessoa, onde permaneceu preso durante seis meses. O juiz Hermilo Ximenes também foi preso. E o destino colocou os dois homens, que haviam desempenhado papéis diferentes naquela história, atrás das mesmas grades.

O movimento sindical paraibano, assim como o sindicalismo brasileiro em seu conjunto, não teve força para enfrentar a máquina repressiva que se instalou no país.

Naquele dia, Rio Tinto foi uma cidade que não se calou. Seus trabalhadores saíram às ruas quando a democracia estava sendo arrancada do país. Pararam as máquinas, fecharam a fábrica, ocuparam a praça e fizeram da cidade um território de resistência. O golpe venceu.

Mas, naquele 1º de abril de 1964, milhares de trabalhadores de uma pequena cidade do Litoral Norte da Paraíba deixaram uma mensagem que atravessou o tempo: diante da ameaça à liberdade, houve quem escolhesse resistir.

“

E foi como cidade operária que Rio Tinto reagiu ao golpe. A entrada da cidade foi bloqueada. A fábrica parou. Os operários ocuparam as ruas

Opinião

Foto Legenda



Bola e alegria

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Para onde foi o cambão?

No Dicionário Aurélio, tratando com eufemismo, conga “é prêmio a que tem direito o proprietário da casa de farinha pelo produto de outrem ali fabricado”. Coisa que deve ter ido buscar no Dicionário do velho Moraes, em paz com o latifúndio e a escravidão.

Mas foi contra sujeições como a da conga que surgiram, prosperaram e se levantaram as Ligas Canponesas, deflagradoras da maior conflagração do Nordeste camponês esmagada, violentamente, pelo regime militar de 1964.

De todas as sujeições, o cambão era a pior. Cambão, que está na última versão dos dicionários gerais como “peça de pau que se junta ao cabeçalho do carro puxado por mais de uma junta de bois”, significado que ignora o sentido do vocábulo usado no Nordeste da cana-de-açúcar como os dias de trabalho, dados pelo camponês ao senhor da terra, pelo direito de “morar num casebre e plantar culturas de subsistência ao seu redor”. Podia ser um, dois, três e até quadro dias de sujeição, obrigação, condição, como acusa Assis Lemos, em seu Nordeste/O Vietnã que não houve.

O cambão acabou? Suponho que não, adquirindo, com a evolução de algumas conquistas sociais, outro formato. A denúncia, o protesto, o ímpeto de vir à tona na imprensa, no rádio, na televisão se esvaiu, depois da repressão, no êxodo em massa do trabalhador rural para as pontas de rua, os aceiros das escarpas inabitáveis, trocada a enxada de enfrentar o eito pela flanela atraída por 400 mil automóveis colados às garagens e calçadas de uma cidade que ainda não alcançou o milhão de habitantes. Um automóvel para cada 2 habitantes, média igual ou superior a muitas capitais europeias.

O campo, entre nós, mesmo na região brejeira de mais densidade demográfica, é hoje um mundo de casas fechadas, desde a do morador à casa grande do proprietário. Em minha Alagoa Nova, a cidade que deixei res-

“

O campo, mesmo na região brejeira de mais densidade demográfica, é hoje um mundo de casas fechadas, desde a do morador à casa grande do proprietário

trita à colina, desce umas cinco vezes maior capoeira abaixo, rural e urbano num mesmo espaço geográfico. No meu último retorno, não tive a quem dar bom-dia por todo o trajeto que vai da cidade ao nosso antigo engenho, até encostar nas águas do Riachão, que nos separam das terras de Areia.

Com que mãos vem sendo feita a agricultura da roça, desses ticos que constam da estatística, onde a rapadura, a mandioca e o fumo imperavam?

Na verdade, se isto me inspira uma página de saudade, conforta-me verificar que muita coisa se obteve pelo cano ladrão nesses últimos vinte anos de política social, cada vez mais odiada pelo bilionarismo financeiro local e internacional com intromissão aberta ou disfarçada nas políticas nacionais, tema oportuníssimo tão bem tratado por artigo recente do professor Cidival Moraes de Souza, com meu particular proveito por ele pontificar semanalmente neste jornal.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA – PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO Uma publicação da EPC

Av. Chesf, nº 451 — CEP 58.082-010 — Distrito Industrial — João Pessoa (PB)

Gisa Velga
GERENTE – EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (83) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (assinaturas)

ASSINATURAS IMPRESSAS: anual R\$ 404,25 / semestral R\$ 202,12 / número atrasado R\$ 4

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor, exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.



Foto: Reprodução/UEPB

Feito com vidro, cimento e lonas, o equipamento funciona como uma estufa, aproveitando o sol para esquentar a água salobra

NA PARAÍBA

Dessalinizadores levam água potável a áreas rurais

Projeto desenvolvido na UEPB beneficia agricultores em várias regiões do estado

Bárbara Wanderley
babiwanderley@gmail.com

Um projeto desenvolvido por um professor da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) tem levado água potável a diversas famílias em áreas rurais da Paraíba desde 2010. São cerca de 200 dessalinizadores solares instalados, idealizados pelo professor Francisco José Loureiro Marinho, do Centro de Ciências Agrárias e Ambientais (CCAA) da UEPB, Campus II, em Lagoa Seca. A tecnologia já foi copiada em outros estados como Pernambuco e Ceará.

Em algumas regiões, a água proveniente de poços cavados nas áreas rurais não servia para o consumo humano por ser muito salobra. Há locais em que o nível de sal chega a sete gramas por litro de água, sendo que o tolerável para o consumo humano é até meio grama por litro. Para resolver o problema, o professor montou um grupo de pesquisa e,

com um agricultor que participou do projeto-piloto na época, começou a construir e aperfeiçoar um equipamento que funcionasse para dessalinizar a água.

Feito com vidro, cimento e lonas, o equipamento funciona como uma estufa, aproveitando o calor do sol para esquentar a água salobra. O vapor gerado sobe, condensa no vidro, escoam por canaletas e se transforma em água própria para consumo humano. O sal, que não evapora, fica depositado na lona. A manutenção do sistema é simples: é necessário apenas limpar a lona. Cada dessalinizador custa em torno de R\$ 3 mil e o projeto já teve diversos patrocinadores, como empresas e organizações não governamentais, além do próprio Governo Federal.

“Antes de ter dessalinizador, em 2017, quando ele foi construído, a gente estava no ciclo seco, terrível, não tinha autonomia de água para beber, dependia dos progra-

mas do governo, dos carros-pipa. Então veio a universidade para cá, os vizinhos se juntaram com os alunos da universidade e foi construído esse dessalinizador. A água desse poço só servia para os animais, é uma água de salinidade alta, não servia para nós bebermos de maneira nenhuma. Então, dali, quando é construído, a gente passa a ter uma água de excelente qualidade para beber”, ressaltou o agricultor familiar Reginaldo Bezerra de Lima, morador de um sítio no município de Caraúbas, região do Cariri paraibano.

Reginaldo destacou que agora ele tem a água para beber e para cozinhar garantidas e que o benefício não é só para a casa dele. “Tem o meu irmão que pega, minha mãe e mais três vizinhos que vêm pegar água aqui. Então multiplicou para as pessoas o acesso à água de excelente qualidade. E, todo dia, quanto mais sol quente, mais água boa nós temos.

O conjunto aqui são 10 casinhas e essas casinhas podem produzir 150, 160 litros de água”, disse. “Casinhas” é como são conhecidos os dessalinizadores por terem o formato parecido com a miniatura de uma casa.

O agricultor ressaltou que o projeto atraiu a atenção da imprensa e também de autoridades de outros estados e até mesmo de outros países. “Já recebemos visita de pessoas do Ceará, da Bahia, da Espanha. Recebemos uma comissão que veio de Senegal, um pessoal que trabalha lá na Muralha Verde [projeto de combate à desertificação], inclusive teve um que era deputado lá. Nós recebemos várias pessoas de vários cantos do Brasil e do mundo por causa dessa tecnologia. E o trabalho da universidade foi fundamental, não só aqui, na região, mas em outros locais. A universidade está cumprindo o seu papel, levando conhecimento, chegando até a população do campo que necessita”, opinou.

Tecnologia empregada faz a diferença

O uso de dessalinizadores nas áreas rurais do estado já não era novidade quando o projeto teve início. A diferença está na tecnologia empregada. O professor Francisco Marinho explicou que a maior parte dos equipamentos financiados pelo governo funciona com uma tecnologia chamada “osmose reversa”. “São equipamentos que têm umas membranas filtrantes, que só conseguem filtrar a partir da pressão de uma bomba”, detalhou.

A vantagem é que esses equipamentos conseguem produzir uma grande quantidade de água potável, tornando-os ideais para agrovilas. O problema é que o custo alto torna difícil instalá-los nas comunidades menores e mais dispersas.

“Você tem, por exemplo, uma propriedade em Caraúbas. A casa mais perto está a 1 km de distância. Então, se você instalar uma unidade, as pessoas vão de lata d’água na cabeça, vão ter que caminhar, às vezes, 2 km ou 3 km. Eu já vi agricultor no final da década de 1990, numa seca grande que teve, que já existia um dessalinizador por osmose numa comunidade chamada “Sul de Dentro”, em Campina Grande. Ficava mais ou menos a uns 3 km ou 4 km da casa dele. Ele era um senhor idoso e estava assando batata, porque não tinha água para cozinhar o feijão que tinha recebido do governo. E tinha que andar 3 km, 4 km para pegar água do dessalinizador por osmose”, contou.

Além do custo, outra di-

ficuldade do dessalinizador por osmose citada pelo professor é que a salinidade da água tem que ser baixa. Caso contrário, a membrana se estraga muito rápido, sendo que ela equivale a quase 50% do valor do equipamento. “Então, a vantagem do solar é que você consegue disseminar em comunidades dispersas por um custo baixo em relação ao por osmose. Cada agricultor pode ter as suas duas casinhas ali e ter água de beber e cozinhar”, afirmou. Cada casinha consegue produzir cerca de 15 litros de água por dia.

O professor revelou que continua desenvolvendo pesquisas sobre o tema e agora busca uma alternativa de dessalinizador móvel, que possa ser levado para outra propriedade caso o agricultor se mude. O mo-

delo atual é construído de forma fixa, de modo que se o agricultor sair da região é obrigado a deixar o equipamento para trás.

“

A vantagem do solar é que você consegue disseminar em comunidades por um custo baixo em relação ao por osmose

Francisco Marinho

Eduardo Augusto

eduardomelosocial@gmail.com

Amanhã é o dia dela

Há pessoas que entram na vida da gente com a suavidade de uma brisa. E há a Nélida Maria. Que entrou que nem ventania de agosto, derrubando porta, bagunçando meu cabelo e me fazendo rir antes do primeiro “oi”. Amanhã, 3 de agosto, essa força da natureza completa mais uma volta ao sol. E eu, marido prevenido e cronista apaixonado, deixo este texto na véspera do aniversário da minha esposa. Sim, amanhã. Porque aniversário de Nélida não é um dia comum, é quase um feriado que o governo insiste em não decretar.

Conheci a Nélida num contexto que hoje parece comédia romântica. Ela ria antes mesmo de eu abrir a boca. Não era riso tímido, social. Era gargalhada sonora, cheia, daquelas que fazem as pessoas na mesa ao lado virarem o pescoço. Uma risada que começa grave e termina aguda, como escalada vocal, e no meio do caminho faz ela bater a mão na testa e jogar a cabeça pra trás. Essa risada virou trilha sonora da minha vida. Tem dias que conto piada sem graça só pra ouvi-la. E ela sempre ri. Sempre. “Você é meu marido, tenho que dar uma força”, diz, e depois cai na gargalhada de novo, porque até a solidariedade conjugal vira motivo de riso.

O bom humor da Nélida não é daqueles de frases prontas de autoajuda. É real, orgânico, quase involuntário. Acordar ao lado dela é exercício diário de otimismo. Ela abre os olhos sorrindo, antes mesmo do café. Aliás, o café é um capítulo à parte. Ela prepara com seriedade de alquimista, mas derruba pó, suja três colheres e deixa a cozinha parecendo cenário de guerra. Quando entro e vejo aquilo, ela me olha com olhinhos apertados: “Está uma zona, mas o café está divino”. E está mesmo. A zona e o café fazem parte do pacote. “A zona é minha alma criativa agindo”, explica. Quem sou eu para discordar?

Falando em desafios, Nélida Maria tem biografia que não cabe em legenda de Instagram. Atravessou tempestades que fariam muito marmenjo desistir. Perdeu pessoas fundamentais, enfrentou portas fechadas com a testa e descobriu cedo que o mundo não é jardim de flores. Só que, em vez de se amargarar, transformou cicatriz em matéria-prima de risada. “Se eu não rir, choro. E chorar dá rinite”, diz ela, com lógica impecável de quem entendeu que humor é forma de resistência.

Numa fase dura, quando as contas não fechavam e os planos pareciam castelos de areia na maré alta, ela olhou para o horizonte e disse: “Vai dar certo. Não sei como, não sei quando, mas vai”. E deu. Porque ela acreditou, trabalhou, estudou madrugadas a fio, pediu ajuda quando precisou — sim, ela sabe pedir ajuda, raridade neste mundo de gente autossuficiente. Lembro de uma noite em que o estresse bateu forte. Ela desenhou uma cara feia com lágrimas e uma seta apontando pra um sol sorridente. Embaixo: “Plano infalível para amanhã: fazer o sol rir de volta”. Pendurou na geladeira com ímã de joaninha e foi dormir. Aquilo era Nélida em estado puro: poesia tosca, verdade profunda.

O que me fascina nela é a capacidade de ser absolutamente sincera no riso e obstinada nos sonhos. Não tolera cinismo, não aceita desrespeito disfarçado de “sinceridade brutal”. Quando ama, ama com entrega que assusta. Eu sou o principal assustado — assustado de tanta sorte. Porque ser amado pela Nélida é ganhar na loteria e descobrir que o prêmio é vitalício.

Quanto aos idealismos para o futuro, ah, são muitos. Ela quer um mundo mais gentil e milita do jeito dela: dando bom-dia ao motorista, lembrando o nome do garçom, perguntando se a atendente está com dor nas pernas. Mas não é só o macro disfarçado de micro. Quer viajar para lugares com nome difícil e comidas apimentadas. Quer ver a aurora boreal e tomar cerveja em boteco pé-sujo com música ao vivo. Quer escrever um livro (mais um) e eu serei o primeiro leitor, o revisor, o fã-clube inteiro. Quer plantar árvore frutífera, mesmo com quintal do tamanho de selo postal. “A gente bota num vaso grande, ué”, disse ontem. Claro. Limitação física é detalhe para quem tem imaginação sem cerca.

Amanhã a aniversariante é ela. Mas juro que a festa é de todo mundo que já cruzou com essa mulher. Porque Nélida tem o dom de espalhar o que sente. Se está feliz, a casa fica mais clara. Se está pensativa, o silêncio fica mais denso. Mas dura pouco: em minutos está cantarolando música inventada na hora, misturando meu nome, o nome do cachorro e crítica social ao preço do tomate. E lá vem a risada de novo. Aquela. A que me fez casar antes do pedido oficial.

Nélida Maria faz aniversário amanhã. Dizem que casamento é caixinha de surpresas. A minha tem cheiro de café, som de gargalhada e bilhete torto escrito “te amo” encostado na escova de dentes. Amanhã direi “feliz aniversário” com o mesmo frio na barriga do primeiro encontro. E ela rirá. Porque a vida é boa, porque o amanhã existe. E porque nascer um dia depois desta crônica é um luxo cronológico que só a Nélida Maria poderia proporcionar. À minha esposa, à minha ventania, ao meu sol sorridente: feliz quase-aniversário. O mundo ainda não sabe a sorte que tem. Mas eu sei.

Colunista colaborador

Marília Arnaud

Escritora

“A minha vida se confunde com as letras”



Em entrevista, Marília reflete sobre o trabalho paciente com a linguagem e diz que sua escrita é muito intuitiva

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Aos 14 anos, a escritora paraibana Marília Arnaud passou mais de um mês economizando o dinheiro do lanche para comprar *Felicidade clandestina*, na livraria do seu Bartolomeu, na Rua Duque de Caxias. Foi lá que teve seu primeiro contato com Clarice Lispector. Ao terminar a leitura, soube ali que queria escrever como ela. Mas a vontade já vinha de antes. Desde pequena, ensaiava os primeiros textos em uma casa onde a leitura era incentivada pelo pai, leitor assíduo de prosa e filosofia. Dali em diante, como costuma dizer, sua vida passou a se confundir com as letras. Hoje, quando ouve que sua escrita assemelha-se à de Clarice, Marília sorri como quem recebe um elogio, embora faça questão de marcar respeitosa-mente a distância entre as duas. “Clarice é genial, uma filósofa. Mas estou muito distante dela. Talvez digam isso porque, assim como ela, faço uma escrita muito intimista”, observa.

Sua trajetória na literatura foi construída sem pressa. Primeiro vieram os contos e as crônicas, publicados nos jornais paraibanos; depois, o livro *Sentimento marginal*, lançado de forma independente, em 1987. Concursos, leituras críticas e muitas reescritas ajudaram a autora a amadurecer uma obra que, dos contos aos romances, encontra nos afetos, nos silêncios e nos conflitos sua matéria-prima. Em meio a essa caminhada, a paraibana, nascida em Campina Grande, mas pessoense por escolha, conciliou a escrita com a carreira no Judiciário, sobretudo no Tribunal Regional do Trabalho da Paraíba (TRT-13). Ali, aprofundou o olhar analítico e acompanhou de perto histórias marcadas pela busca por direitos e justiça.

Vencedora do Prêmio Kindle, em 2021, com *O pássaro secreto*, ela diz que o reconhecimento ampliou o alcance de seus livros, mas, independentemente disso, continuaria a contar suas histórias, porque escreve por prazer e com sua própria verdade. Hoje, dedica-se totalmente à literatura e está trabalhando em um novo romance. É sobre isso e mais um pouco que ela fala na entrevista a seguir.

Entrevista

■ *Você começou a escrever ainda jovem e descobriu Clarice Lispector na adolescência. O que a leitura despertou em você?*

A minha vida se confunde com as letras. Comecei a escrever aos nove anos. Meu pai era um leitor de prosa e de filosofia. Inclusive, ele queria que eu fizesse Filosofia. Lia Monteiro Lobato e, mais tarde, aos 11 anos, comeci a ler Machado de Assis, aqueles primeiros livros, como *Helena e Iaiá Garcia*. Já na escola, lia José Lins do Rego, José Américo de Almeida. Depois, aos 14, eu e uma colega vivíamos fuçando os livros na livraria de seu Bartolomeu, na Duque de Caxias, quando saíamos da escola. Foi ele quem nos apresentou Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles, mulheres de quem eu nunca tinha ouvido falar. Passei mais de um mês juntando minha mesada, que era o dinheiro do lanche, para comprar *Felicidade clandestina*. E, quando lia aquele livro, disse: “Quero escrever como ela”. Clarice sempre foi inspiradora para mim, assim como Virginia Woolf, Simone de Beauvoir, Lygia Fagundes Telles e Nélida Piñon, que conheci mais tarde. Mas não vejo semelhança entre a minha escrita e a de Clarice. Acho ela genial, uma filósofa. Estou muito distante dela, mas o fato de me compararem já é uma alegria. Talvez seja porque faço uma escrita muito intimista.

■ *Como você enxerga, hoje, Sentimento marginal, seu primeiro livro?*

Sentimento marginal tem muitos contos da minha adolescência. Comecei a escrevê-los aos 16 anos, e eles estão ali. Acredito que, se tivesse esperado mais quatro anos, talvez não tivesse lançado aquele livro, porque

tem muita coisa juvenil, uma subliteratura, vamos dizer. Mas quem conhece gosta, porque ali já estava a semente do que faço até hoje. A minha essência está ali. O livro também tem três contos que foram premiados em um concurso local. Mas o artista pena muito até conseguir seu lugar. A gente não tem ajuda, não tem mais um mecenas como antigamente. Então, foi uma produção independente. Eu mandei para a gráfica, porque achava que só iriam olhar para mim como escritora se eu tivesse um livro publicado. Depois veio o livro *A menina de Cipango*, vencedor de um concurso literário na Paraíba e pelo qual tenho o maior carinho. Aliás, ele foi reeditado recentemente pela A União e distribuído para bibliotecas e escolas daqui. O terceiro livro de contos também saiu por meio de um concurso literário da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Uma coisa que sempre recomendo aos mais jovens é: não tenham pressa. Escrevam e reescrevam. Peçam a alguém para ler. Eu tinha duas pessoas que faziam isso por mim, Ângela Bezerra e Aldo Lopes. Ângela era professora do curso de Letras da universidade, e Aldo é contista. Para mim, o melhor da Paraíba. Os dois me deram muitas aulas. Às vezes, pensamos que uma coisa está pronta, mas podemos fazê-la melhor. A pressa de publicar impede que você retrabalhe o texto.

■ *O que a carreira no Judiciário acrescentou à sua escrita e ao seu olhar?*

Percebi muito cedo que não poderia viver da escrita. Todos os autores que eu conhecia daqui tinham uma profissão. Eram jornalistas, médicos, professores de universidade. Como eu

tinha feito Direito, resolvi prestar concurso. Na verdade, queria cursar Psicologia, mas meu namorado da época era estudante de Direito. Engravidei aos 17 anos e entrei na universidade com uma bebê ainda mamando. Aos 20, fiz o concurso do TRT-13. Eu gostava do que fazia, porque trabalhava com a parte analítica dos processos. Acho que tudo ajuda, porque dentro daqueles processos havia muito drama. Eram trabalhadores reclamando seus direitos. Então, havia muitas histórias, muita dor e sofrimento. Havia justiça e injustiça também. O tempo como analista judiciária me fez crescer como ser humano. Aprendi muito e gostava do meu trabalho. Hoje, não sinto falta, porque estou em tempo integral com a escrita.

■ *Durante muitos anos, você dedicou-se aos contos. O que a levou a escrever o seu primeiro romance, Suíte de silêncios, em 2012?*

Foi um desafio que recebi de uma editora. Eu estava procurando, fora daqui, uma editora para o meu quarto livro de contos. Queria sair um pouco dessa coisa provinciana, dos amigos e familiares. Mas estava muito difícil, porque eu escrevia e ninguém respondia. Até que a 7Letras me deu um retorno. Mandei o livro, eles gostaram e publicaram. Depois, meus textos chegaram à Editora Record, e Luciana Villas-Boas, que era a editora, me disse, muito gentilmente, que eu deveria escrever um romance, porque via uma romancista nos meus contos. Foi daí que surgiu o desafio. É claro que as dificuldades do conto e do romance são diferentes. O romance requer mais tempo e oferece a possibilidade de construir os personagens de forma mais profunda. Já o conto, por ser curto, exige que você se restrinja. É muito cirúrgico e é por isso que é tão difícil. Em poucas palavras, você precisa dizer muito. No romance, você tem uma narrativa inteira e precisa segurar todas as pontas do começo ao fim. Acho um milagre chegar ao fim de um romance de forma coerente. Hoje, só escrevo conto quando sou pressionada a fazê-lo para coletâneas ou recriações.

■ *Como funciona seu processo de escrita?*

Não tenho técnica nenhuma, nunca tive. Minha escrita é muito intuitiva. Gosto de trabalhar a linguagem, mas faço isso posteriormente. Escrevo hoje, vamos dizer, uma lauda. Amanhã, quando vou reler, já começo a trabalhar aquele texto. Essa parte da linguagem é bem cerebral. Mas o desenvolvimento da trama, tanto no romance quanto no conto, é muito intuitivo. Antes de começar a escrita propriamente dita, passo, às vezes, meses com os personagens sendo elaborados mentalmente. Costumo dizer que eles ficam soprando nos meus ouvidos. Depois, passo para a escrita no computador, e aquela história que eu achava que estava pronta não estava. Parece mentira, mas é verdade. Você quer ir para um lado, mas o personagem quer ir para o outro. Mas, quando estou no processo de escrita, escrevo todos os dias. Agora, por exemplo, estou es-

crevendo um romance, mas o processo ficou muito partido. Comecei em 2024, depois viajei muito para fazer o lançamento do livro anterior e tive problemas de saúde no primeiro semestre deste ano. Retomei muito recentemente. E, quando passo muito tempo longe do texto, preciso reler o livro inteiro. Ao mesmo tempo, também há uma coisa boa nisso: cada vez que você deixa o livro descansar e volta, vê um monte de coisas que precisam ser mudadas. Existe um amadurecimento.

■ *Por que os conflitos familiares aparecem tanto em sua obra? Suas protagonistas também são complexas.*

Acho que não existiria literatura se não houvesse família. A família está por trás de tudo. Todas as luzes e todas as sombras do ser humano vêm desse período da nossa vida, da infância, da adolescência e daquilo que vivemos em família. Costumo dizer que uma família pode ser muito danosa para uma pessoa. A relação com o ser humano é difícil. Há pais e mães que não estavam preparados para ser pais. E, mesmo quando querem e amam, às vezes amam de uma maneira equivocada. São muitas nuances. Gosto muito da literatura em primeira pessoa, tanto de escrever quanto de ler. Quando um romance ou um conto está narrado em primeira pessoa, acho que fica mais próximo da gente. Quando você diz “eu”, está vestindo a pele daquele personagem. Acho que nós, que gostamos dos livros, precisamos dessa fantasia. Sobre as protagonistas, eu não tento passar nada por meio das personagens. Quero simplesmente escrever o que vem de dentro de mim. Nós, seres humanos, somos complexos. Se não fôssemos, não haveria literatura. Às vezes, a pessoa escreve algo muito superficial, aquela coisa em preto e branco: o bom e o mal, a mocinha e o vilão. Isso não tem nada a ver com a nossa humanidade. Nós somos sombra e luz. E não existe nada mais difícil do que a convivência humana.

■ *O que mudou após a conquista do Prêmio Kindle de Literatura com O pássaro secreto?*

Existe um antes e um depois do Prêmio Kindle, porque houve um alcance muito grande. Cheguei a conversar com estudantes de um curso de Letras, aqui, na Paraíba, e eles disseram que nunca tinham ouvido falar de mim. E eu já tinha 30 anos escrevendo, com textos em jornais, entrevistas e livros publicados. O prêmio mostrou ao mundo *O pássaro secreto*, que já está na terceira edição, e as obras anteriores. Pessoas que nunca tinham me lido passaram a me ler. Sendo sincera, eu queria que *Esboço em pedra e sonho* tivesse o mesmo caminho, mas as pessoas, quando conversam comigo, ficam sempre em *O pássaro secreto*, como se eu fosse autora de um livro só. Gostaria que os outros também tivessem esse alcance.

■ *Em Esboço em pedra e sonho, a memória familiar mistura-se ao cenário da Ditadura. Você traz à tona medo, segredos e conflitos. Ao olhar para esse*

passado, você também acabou falando do presente?

O paralelo com o presente não foi intencional. O que eu tinha como intenção era trazer Ramona, a protagonista, como artista plástica. Depois, defini o espaço. A cidade do livro de certa forma existe. Todos os espaços são inspirados em Pombal, onde minha mãe viveu. A casa do avô de Ramona é a casa do meu avô. Então, há muita ficção e muita memória no livro. Agora, não posso falar em memória política, porque, quando tudo aconteceu, eu era criança e não tinha essa consciência. Precisei fazer Ramona mais velha do que eu para que ela já pudesse perceber as coisas. Li bastante sobre a Ditadura, algo que nunca tinha feito antes para escrever um livro. Procurei obras de ficção e testemunhos de pessoas que realmente viveram aquilo. A classe média vivia em uma bolha. Quem não tinha na família alguém preso ou torturado fechava os olhos e seguia a vida. Alguns por falta de solidariedade; outros por ignorância, porque realmente não sabiam o que estava acontecendo. Hoje, com essa polarização muito forte, estamos vendo familiares e amigos se afastarem. Eu mesma não perco uma pessoa que amo por uma divergência. Respeito, escuto, não me exalto e, às vezes, faço perguntas e deixo a pessoa falar. Mas vejo muita gente que não consegue mais conversar. Acho isso um horror. A democracia são as diferenças. É aceitar um pensamento que não é o seu.

■ *As redes sociais favorecem narrativas rápidas. Como formar novos leitores?*

Essa escrita compacta e superficial das redes sociais pegou as pessoas — não apenas os jovens, mas também os adultos. Tudo é muito rápido, e ninguém se aprofunda. Se você publica um texto grande e mais denso, ninguém lê. Há muita informação e você sente que precisa correr para a próxima. Não há tempo. Mas acho que quem gosta da literatura não a abandona. A questão é: como formar esse leitor? O professor não lê, ele não pode formar um leitor. O modelo em casa pode ajudar, mas não significa que vá resolver. Éramos três irmãos na mesma casa, e só eu lia. A biblioteca do meu pai estava disponível para todos. Então, fico me perguntando o que fazer. Precisamos de políticas públicas, de mais livros nas bibliotecas e de levar o autor local para conversar nas escolas públicas. Trabalhei, voluntariamente, com crianças em um centro comunitário, em Mandacaru. No início, comeci a ler para elas, mas não prestavam atenção. Queriam correr e brincar. Então, comeci a dramatizar e a envolvê-las nas histórias. Depois disso, ficou muito mais fácil. O professor pode provocar essa mudança, mas como ele vai ler se não pode comprar livros porque é mal pago? Ao mesmo tempo, também não podemos colocar toda a responsabilidade sobre a família. Quando uma família não tem o que comer, como vai comprar um livro? É um problema sistêmico.

TAREFAS DOMÉSTICAS

Quando a lição é ensinada em casa

Introdução gradual das crianças às atividades do lar permite o desenvolvimento cognitivo, social e da autonomia

Carolina Oliveira
marquesdeoliveira.carolina@gmail.com

Arrumar, guardar, limpar, organizar: esses verbos fazem referência às diversas tarefas que compõem e viabilizam o cotidiano das famílias. O papel das atividades domésticas e do seu aprendizado desde a infância, porém, vai muito além de manter a casa organizada e gerar bem-estar familiar. É o que evidencia a psicopedagoga Patrícia Vasconcelos. “De forma gradual e compatível com a fase vivida pela criança — sua idade e suas habilidades —, essas tarefas, aprendidas e desempenhadas, constituem ferramentas importantes para o desenvolvimento cognitivo, emocional, social, motor e da autonomia, refletindo-se positivamente na vida adulta”, aponta a profissional.

Envolver as crianças nesse contexto pode ser um dos primeiros passos para que elas entendam sobre responsabilidade e coletividade. Observando os adultos, os pequenos passam a perceber as tarefas como parte da dinâmica familiar. Ao come-



Foto: Carlos Rodrigo

Filhos da assistente social Karla Sousa, Ana e Pedro colaboram com a organização da casa e aprendem a ser mais proativos

çar a fazer algumas delas, essa noção consolida-se, inclusive emocionalmente. “A criança aprende a colaborar, entende que a sua par-

ticipação possui valor e se integra a essa rotina da família e do lar”, frisa Patrícia, destacando que esse processo deve envolver o ensino, a

demonstração e a indução, sem associar as tarefas a punições ou obrigações excessivas ou desproporcionais. Quando se analisa o as-

pecto cognitivo, começar a participar da rotina de tarefas da casa promove o estímulo de diversas funções executivas. A psicopedago-

ga enumera: planejamento, organização, memória de trabalho, atenção, resolução de problemas, flexibilidade cognitiva e controle inibitório são algumas das capacidades acionadas durante esses pequenos esforços que ajudam a manter tudo em ordem. “Ao separar roupas por cores, organizar brinquedos, seguir uma sequência para preparar um lanche ou guardar objetos em seus lugares, a criança desenvolve habilidades fundamentais para a aprendizagem escolar e para a vida cotidiana”, resume.

Já no âmbito social, Patrícia destaca que as tarefas favorecem a cooperação, o senso de comunidade, a empatia e o respeito ao trabalho do outro. A criança compreende que todos os membros da família possuem responsabilidades compartilhadas, aprendendo valores como solidariedade, compromisso e colaboração. “Estudos atuais já conseguem observar que crianças que colaboram em casa têm maior senso de empatia e conseguem trabalhar melhor em equipe”, exemplifica.

Adaptar abordagem a cada filho é estratégia para mantê-los engajados

Além de serem os primeiros exemplos ativos de comportamento para boa parte das crianças, mães, pais e responsáveis também assumem o papel de induzir, orientar e passar adiante, quando pertinentes, alguns ensinamentos que receberam nas suas próprias infâncias.

A assistente social Karla de Fátima Sousa, por exemplo, já ouviu dos pais, algumas vezes, o clichê “Eu não vou estar aqui pra sempre”. Agora, enquanto mãe, ela entende que a frase traz um ensinamento: com os processos de crescimento e amadurecimento, a vida pede, cada vez mais, autonomia e proatividade. “De fato, isso é verdade: nem sempre eu vou poder estar com eles, e chegará o momento em que executar todas essas funções dentro das vivências deles será uma necessidade”, reflete.

Para que seus dois filhos sejam autônomos em seus futuros, ela procura inserir na educação das crianças a noção de que essas tarefas diárias, que, às vezes, passam despercebidas, são relevantes para o presente e para o futuro, e que todos devem desempenhá-las. “Incluí-los nas atividades domésticas, delegar, orientar e encaminhar, para que sejam executadas no dia a dia, é um tanto cansativo, porque você precisa ficar reforçando e incentivando. Mas é uma necessidade para a vida, e eu sempre trago essa fala para eles. Existe, sim, uma necessidade e é uma construção diária”,

“**Em um dia de faxina, cada um coopera dentro dos seus espaços, guardando as roupas, por exemplo**”

Karla Sousa

afirma Karla.

Mãe de Ana, de sete anos de idade, e de Pedro, de 12 anos, a assistente social nota diferenças nas respostas dadas por cada um aos estímulos e orientações que recebem em casa. Por isso, ela precisa adaptar as abordagens adotadas. “Cada um tem o seu jeito, a sua personalidade. Por mais que a gente siga uma mesma linha de educação, sempre tem aquele que apresenta um pouco mais de resistência e que a gente precisa falar várias vezes”, conta.

Nesse sentido, Karla observa que sua filha mais nova demonstra maior iniciativa, sendo indispensáveis, principalmente, supervisão e trabalho em conjunto. “Tem coisas que ela me vê fazendo e acaba participando também, reproduzindo de alguma forma, daquele jeito dela. Lógico, é uma atividade observada e guiada, mas com

esse trabalho em conjunto”, relata a assistente social.

Os dois irmãos precisam, entretanto, contribuir para manter organizados os espaços que habitam, dentro de suas possibilidades. “Ferrar uma cama, lavar o prato após alguma refeição, jogar o lixo fora. Em um dia de faxina, cada um coopera no todo ou dentro dos seus espaços de organização, guardando as roupas, por exemplo”, detalha a mãe.

“Não posso dizer que há uma receita pronta, que todas as vezes acontece da melhor forma ou que todas as orientações são sempre seguidas. Tem dias que é mais cansativo e outros em que é mais tranquilo. É uma construção que cada família vai adaptando à sua rotina, e também à forma que quer educar seus filhos”, finaliza Karla Sousa.

Afazeres devem levar em conta as habilidades adequadas à idade

Entre os pontos que merecem maior cuidado, um tópico crucial é evitar que essas tarefas sejam utilizadas como castigo ou, ainda, que surjam em contextos nos quais possam ser entendidas dessa forma. “Deve ser valorizado o esforço e não apenas o resultado, entendendo que esse é um novo aprendizado. O ritmo individual precisa ser levado em conta nesse sentido: cada um aprende de uma forma”, orienta Patrícia Vasconcelos.

A psicopedagoga cita um referencial que pode ser usado pelos pais. Trata-se de um quadro desenvolvido pela educadora Maria Montessori, que divide por fases da infância (faixa etária) as atividades a serem desenvolvidas pelas crianças.

“Podem ser iniciadas a

partir dos dois anos de idade, sendo respeitadas suas habilidades físicas e motoras. Nessa fase, as crianças já conseguem guardar seus brinquedos e colocar roupas sujas no cesto. À medida que crescem, os desafios podem ser elevados respeitando sua fase”, destaca. Dos quatro aos cinco anos, as crianças já conseguem arrumar a cama e regar plantas; enquanto, dos seis aos oito anos, podem varrer e ajudar a pôr a mesa, por exemplo.

Para realizar as tarefas de maneira saudável, é importante considerar que elas sejam adequadas ao estágio de desenvolvimento da criança e ensinadas com demonstração e acompanhamento de um adulto. “Quando possível, busquem fazer juntos essas atividades da casa que vão

sendo propostas, apresentadas e ensinadas às crianças. É interessante que, dentro das possibilidades de cada família, elas ocorram de forma lúdica e integrada à rotina. Aprender dessa forma possivelmente trará mais benefícios e mais memórias formativas e positivas”, ressalta Patrícia.

■ Profissional orienta evitar que as tarefas sejam vistas como punição; é importante valorizar o esforço e o aprendizado da criança

Saiba Mais

Confira as atribuições por faixa etária, conforme a tabela Montessori:

De dois a três anos	De quatro a cinco anos	De seis a oito anos	De nove a 11 anos	De 12 a 14 anos
Guardar os brinquedos	Arrumar a cama	Lavar louça	Preparar lanches rápidos	Lavar banheiros
Tirar seu prato da mesa	Colocar a roupa dentro da máquina (não ligar, só colocar)	Pôr e tirar a mesa	Limpar os móveis	Pôr roupas para lavar
Guardar os sapatos	Guardar as próprias roupas	Tirar o lixo da casa	Limpar os espelhos	Passar pano no chão
Colocar a roupa suja no cesto	Guardar parte da louça, como vasilhas de plástico	Varrer a casa	Trocar a roupa de cama	Cuidar das plantas
Limpar pequenas superfícies	Ajudar a pôr a mesa	Passar aspirador em alguns cômodos	Cuidar de animais domésticos	Cuidar de irmãos mais novos
Pegar frutas e legumes na fruteira	Limpar a poeira de alguns móveis	Lavar parte do quintal	Ajudar no preparo das refeições	Preparar pequenas refeições
Pôr guardanapos na mesa	Regar plantas	Guardar as compras	Guardar a louça	Fazer compras rápidas
Tirar a própria roupa	Separar o lixo para reciclagem	Pendurar roupas no varal de chão	Fazer a lista de supermercado	Separar contas para pagar

MODELO DE PARTO

Mulheres devem ter poder de decisão

Estudo indica, porém, que muitas gestantes passam pela cesariana mesmo sem desejá-la ou sem haver indicação clínica

Nalim Tavares
nalimtavaresrdo@gmail.com

De todos os momentos que marcam a maternidade, a lembrança do parto é uma das mais fortes. O impacto emocional do nascimento do filho, somado ao esforço físico para ajudá-lo a vir ao mundo, compõe uma ocasião em que as mulheres precisam de força e, ao mesmo tempo, encontram-se em uma situação de vulnerabilidade. Entretanto, ao longo da gestação, muitas mães recebem informações desconstruídas ou são induzidas a optar por um parto diferente do desejado, mesmo quando não apresentam complicações ou fatores que classificariam a gravidez como sendo de risco.

Desenvolvido pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), o estudo *Já decidiu sobre o parto? Influências e barreiras na decisão da via de nascimento entre gestantes*, publicado em julho, aponta que, no início da gravidez, sete em cada 10 mulheres gostariam que o método de parto fosse o normal. Porém, uma série de fatores emocionais, institucionais e econômicos, como orientações superficiais, falta de participação do parceiro, desconhecimento sobre o plano de parto e o acesso restrito à analgesia, fazem com que muitas dessas gestantes acabem passando por cesáreas, mesmo sem nenhuma indicação clínica. Dados da Organização Mundial de Saúde (OMS) sugerem que, ao redor do globo, 15% dos nascimentos ocorrem por meio da cirurgia cesariana.



Foto: Carlos Rodrigo

Segundo a Unicef, mais de 60% dos partos no sistema público são feitos via cesarianas

No Brasil, porém, essa taxa é superior a 60% em setores públicos, aproximando--se dos 90% em redes de saúde privadas, de acordo com estudos do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef).

Segundo a doula Aline Martinelli, a maior preocupação relatada pelas mulheres que atende não é, necessariamente, a dor que pode acompanhar um parto normal, mas o medo de sofrer violência obstétrica em um momento tão sensível. Relatos de repreensões ou comentários degradantes no momento do parto e intervenções realizadas sem o consentimento da gestante, por exemplo, contribuem para que as mulheres optem por uma cesariana, mesmo quando sabem que a recuperação será mais lenta. Nesse sentido, Aline enxer-

ga um outro dado. “Mulheres com renda menor tendem a querer o parto normal, porque não têm uma rede de apoio que possa bancar o resguardo cirúrgico e precisam retomar suas atividades o mais breve possível”, afirma.

A profissional esclarece que o acesso a informações de qualidade é fundamental para que as gestantes possam ter mais autonomia para escolher o modelo de atendimento que melhor atende a suas necessidades. Ela ressalta que a experiência de parto varia muito entre cada pessoa e que, enquanto algumas mulheres asseguram que não houve dor e dão à luz rapidamente, outras levam mais tempo e relatam sensações físicas mais intensas. Por isso, o foco de cada parto humanizado é fazer com que as expectantes se

sintam acolhidas, cuidadas e o mais confortáveis possível — algo que só pode ser alcançado a partir da escuta, do respeito e de conversas claras com cada gestante.

“Eu digo que esse é o primeiro item do enxoval: o suporte de profissionais informados que possam, junto com a mãe, construir uma proposta de parto que seja interessante e respeitosa. Suporte emocional é muito importante para que essa mulher se sinta amparada, apoiada em suas decisões”, conta Aline. E, conforme a pesquisa do Unicef, a maior participação de doulas, obstetrizas e enfermeiras obstetras é um dos fatores que têm contribuído para que mais mulheres se sintam seguras na ocasião do parto — optando, com mais frequência, pela via normal. Outros elementos que contri-

buem para esse cenário são os programas de incentivo ao pré-natal e a elaboração de um plano de parto bem articulado com a gestante e com pessoas da confiança dela, além da expansão do acesso à analgesia e aos métodos não medicamentosos para ajudar a controlar a dor, quando disponíveis na rede pública de saúde.

Transparência

O obstetra Moisés Cartaxo relata que, no terceiro trimestre da gravidez — quando o parto deixa de ser uma ideia distante e passa a ser uma realidade próxima —, as expectantes costumam sentir dúvidas, motivadas por relatos negativos de familiares e informações desconstruídas, adquiridas por meio de comunidades não científicas. Assim, é importante que a mulher se sinta livre para conversar e tirar dúvidas durante todo o acompanhamento médico e de enfermagem e que os profissionais que a acompanham estejam abertos e aptos a prestar esse suporte desde o início da gravidez.

“O pré-natal deve preparar a mulher para viver o parto com segurança e tranquilidade. É importante explicar como identificar os sinais do trabalho de parto, quando procurar a maternidade, quais métodos podem aliviar a dor, quais são as fases do parto e como funciona a assistência durante o nascimento”, diz o obstetra. “Também devem ser discutidos os benefícios, riscos e indicações do parto vaginal e da cesariana, os direitos da gestante, como a

presença de um acompanhante, o contato pele a pele e o início precoce da amamentação”, expõe Moisés.

Ainda segundo o especialista, o papel do médico não é impor uma escolha, mas fornecer informações honestas e baseadas em evidências. “Sempre que não houver contraindicação médica, as escolhas da gestante devem ser respeitadas. Quando surgem situações que colocam em risco a mãe ou o bebê, cabe ao profissional explicar, de forma transparente, a necessidade de modificar a conduta, buscando sempre o consentimento informado”, declara ele.



Foto: Arquivo pessoal

Suporte emocional é muito importante para que a mulher se sinta amparada em suas decisões

Aline Martinelli

Diálogo franco entre médico e paciente garante autonomia

Aguardando a chegada do segundo filho, Laís Grisi comenta que, embora toda gestação traga um certo receio, sente-se mais confiante dessa vez, justamente em decorrência das informações adquiridas ao longo da primeira gravidez. Na ocasião, sem nenhuma contraindicação, ela estava determinada a ter um parto normal. Mas, quando percebeu que estavam tentando induzi-la a mudar de opinião, precisou pesquisar muito e contar com o suporte de especialistas em parto normal humanizado, para não confiar em informações equivocadas.

Para Laís, a experiência de outras mulheres e o documentário *O renascimento do parto*, lançado em 2013 com histórias reais de mães e profissionais de saúde, ajudou a fazer uma escolha. “Descobri que muitos médicos orientam a cesárea não por indicação da paciente, mas pela convenção: é mais prático, é agendado e dura menos tempo. Decidi que queria um parto normal no quarto mês, mas, na minha primeira gestação, não senti abertura para falar sobre isso. A médica que me acompanhava no momento disse que, lá para o sétimo mês, a gente conversaria sobre o parto”, lembra.

A doula Suelyn de Andrade revela que essa é uma situação comum relatada por gestantes que chegam até ela.

“Muitas vezes, profissionais postergam o diálogo, deixando-o somente para o fim da gestação, quando uma relação de confiança já foi estabelecida entre ele e a família, e a mãe já o imagina no parto. Nesse momento, alguns dizem que não acompanham parto normal ou desencorajam ressaltando a dor e possíveis intercorrências, mesmo quando a mulher não apresenta sinais, para que ela ceda a uma cesariana”, aponta.

Laís, no entanto, não cedeu: a partir do momento que começou a se sentir pouco amparada pela médica, entrou em contato com o plano de saúde e solicitou uma lista dos obstetras disponíveis, para que pudesse averiguar a taxa de parto normal de cada um. “Foi impressionante, porque quase todos eram cesaristas. Encontrei um médico que tinha 5% de parto normal na ficha, a porcentagem mais alta que achei, e fui para uma consulta com ele. No início, ele me disse que faria o parto normal, já que não havia nenhuma contraindicação na minha gravidez. Mas, quando cheguei a 41 semanas [correspondente a nove meses e três semanas], ele disse que já não tinha mais o que fazer”, relata. Com isso, o obstetra marcou uma cesárea para Laís, que se sentiu muito decepcionada, porque tinha convicção de que um parto normal era

a opção mais saudável para ela e seu bebê.

Tudo isso aconteceu em 2020, em meio ao início da pandemia de Covid-19. Isolada em casa com o esposo, Tiago, Laís encontrou um grupo de mães e gestantes no WhatsApp, do qual uma médica que realizava partos humanizados fazia parte. Ao relatar a situação para as mulheres no grupo, que vinham integrando sua rede de apoio, Laís recebeu uma mensagem da médica, convidando-a para uma consulta, e resolveu aceitar. Após alguns exames, foi verificado que o bebê estava bem, com batimentos cardíacos saudáveis, e que ainda era possível esperar, pelo menos, uma semana, antes que a cesárea se tornasse a opção mais segura. Com a cirurgia marcada para o dia seguinte, Laís pediu que a médica realizasse o descolamento de membranas, um procedimento comum, feito para ajudar a iniciar o trabalho de parto de forma natural. Bem cedo no outro dia, depois de uma madrugada com contrações, Laís entrou em trabalho de parto.

A médica que a tinha ajudado não atendia pelo plano, mas, quando contou ao esposo que tinha se sentido mais confiante com ela do que com o outro médico, Tiago imediatamente concordou em chamá-la. “Fomos para o hospital e, lá, a gente conseguiu o



Foto: Arquivo pessoal

Laís, Tiago e a filha Alice aguardam nascimento de Lucas

meu tão sonhado parto. Optei por analgesia e, às 5h, minha filha Alice nasceu, de parto normal e humanizado, e foi maravilhoso. Achei dolorido, sim, o parto normal. Porém, em todo momento, eu estava feliz. Eu não senti nenhum sofrimento”, conta.

A recuperação foi rápida. Laís comenta que, a partir do momento em que teve a bebê, já não sentiu mais dor. Ela também considera que o parto normal a ajudou, física e mentalmente, a lidar com questões posteriores à gravidez, como o puerpério e a

amamentação. “Nessa segunda gestação, eu já sabia o caminho. Fui direto para essa mesma equipe que me atendeu há seis anos. Não ignoro o fato de que, se eu precisar de uma cesárea, ou se até mesmo, pelo esforço físico, eu cansar e quiser uma, sei que minha vontade vai ser respeitada pelos profissionais que contratei, porque são uma equipe humanizada, que sabem a importância da voz ativa da mulher no parto”, destaca. Lucas, o novo membro da família, deve nascer em setembro.

Atendimento humanizado

A doula Suelyn de Andrade explica que um atendimento humanizado foca em garantir à gestante autonomia sobre seu próprio corpo, reduzindo as chances de traumas emocionais e físicos. Atualmente, ela está acompanhando uma expectante, que preferiu não se identificar e optou pela cesariana para o momento do seu parto, previsto para o início de dezembro. “Nunca pensei em parto normal por questões emocionais. Acredito que a mãe precisa estar bem psicologicamente para esse momento, então sempre optei pela cesárea de forma humanizada”, explica a gestante.

Para o obstetra Moisés Cartaxo, é importante destacar que a maioria das mulheres pode ter um parto normal seguro e sem intercorrências, repleto de benefícios para a saúde da mãe e do bebê. Da mesma forma, se existe indicação médica bem estabelecida ou manifestação de vontade da gestante, a cesariana salva vidas e, em alguns casos, pode ser a melhor alternativa. “O mais importante não é defender um tipo específico de parto, mas garantir um nascimento seguro, respeitoso e baseado em critérios técnicos, para assegurar o bem-estar da mãe e do recém-nascido”, reflete o médico.

ACESSÓRIO FUNDAMENTAL

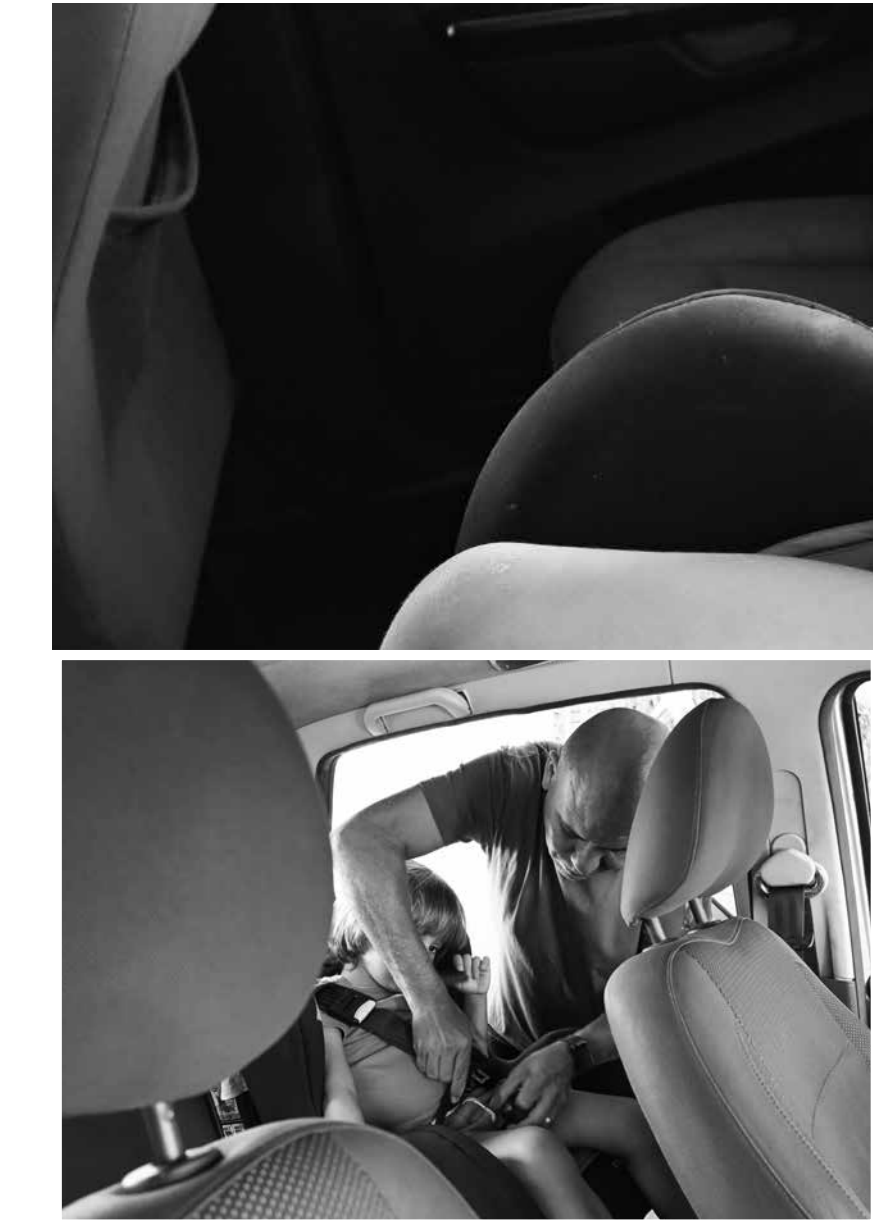
Ainda negligenciado, cinto salva vidas

Morte de menino, na capital, evidencia a necessidade de uso dos itens de segurança obrigatórios no trânsito

Bárbara Nascimento
barbara.oliveira@epc.pb.gov.br

As estatísticas referentes ao trânsito ganharam mais um contorno trágico, no dia 19 de julho, em João Pessoa. A morte de um menino de apenas três anos, em um acidente automobilístico, reabriu o debate urgente sobre a segurança de crianças e de adultos nas vias. O caso também reflete um problema maior: nos últimos cinco anos, a Paraíba registrou um aumento de quase 16% no número de vítimas fatais de acidentes, segundo o *Atlas da Violência* (2026) — elaborado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP).

Para entender como o descumprimento das normas materializa-se nesse tipo de ocorrência, basta resgatar a dinâmica do caso recente na capital. De acordo com o Corpo de Bombeiros Militar da Paraíba (CBM-PB), a condutora do carro que transportava a criança perdeu o controle do veículo, ao dobrar em uma curva no bairro do Varadouro, atingindo a fachada de um imóvel. Com o impacto da colisão, a vítima foi arremessada para fora do carro. O fato joga luz sobre um comportamento perigoso e recorrente: a negligência com o uso



A utilização de dispositivos como a cadeirinha e o assento de elevação, para bebês e crianças maiores, é foco de normas rígidas na legislação brasileira

do cinto de segurança e dos dispositivos de retenção infantil nos automóveis — especialmente durante trajetos curtos e rotineiros.

Na avaliação do agente Francimuller Nascimento,

da Polícia Rodoviária Federal (PRF) no estado, a proximidade de casa é um fator que, frequentemente, induz o condutor ao erro. “A gente pensa que não, mas os acidentes próximos do lar são

muito comuns. Infelizmente, às vezes, a pessoa relaxa um pouco mais na direção, por estar próximo [do destino final] e por conhecer o perímetro, e acaba relaxando também quanto à segurança,

o que pode ocasionar acidentes graves”, alerta o policial, referindo-se ao caso registrado no último dia 19.

O agente da PRF destaca que, considerando sua idade, a criança deveria estar obri-

gatoriamente acomodada em uma cadeirinha, dispositivo projetado exatamente para suportar impactos e evitar que ocupantes dessa faixa etária sejam ejetados do veículo.

Infrações geram multa e perda de pontos para o condutor

A legislação brasileira é nítida ao determinar que a segurança de todos os ocupantes de um automóvel é dever de quem está ao volante. “Muitas vezes, a utilização do cinto nos bancos traseiros é negligenciada, mas a responsabilização pelo não uso desse acessório, por parte de qualquer passageiro, ou do dispositivo de retenção específico para crianças é do condutor”, enfatiza o policial rodoviário federal Francimuller Nascimento.

De acordo com dados do *Anuário do Departamento Estadual de Trânsito da Paraíba* (Detran-PB) de 2025, 3% das infrações cometidas no estado, no ano passado, referem-se ao não uso do cinto de segurança. Deixar de

afivelar o item durante deslocamentos é considerada uma infração grave pelo Código de Trânsito Brasileiro (CTB), gerando, ao motorista, multa e perda de cinco pontos na Carteira Nacional de Habilitação (CNH). Já o transporte de crianças sem a observância das normas de proteção no trânsito é tipificado no CTB como infração gravíssima, com punição de sete pontos na CNH.

Prevenção reforçada

O *designer* Gustavo Bernini, de 38 anos, viveu na pele a experiência de ter sua vida salva pelo cinto de segurança, quando se envolveu em um grave acidente no interior de São Paulo. Após o pneu traseiro do carro que ele conduzia es-

tourar, o automóvel capotou até parar no canteiro central da pista. “O cinto de segurança manteve a gente preso ao automóvel. As janelas se estilhaçaram e, se não estivéssemos de cinto, a gente poderia ter sido lançado para fora do veículo”, relata Gustavo, que trafegava acompanhado de um amigo, ao lembrar a intensidade do ocorrido.

Apesar da gravidade do capotamento, o uso adequado do equipamento de proteção garantiu que ambos os ocupantes do carro saíssem praticamente ilesos. “Nós não batemos cabeça nem ombro, tivemos apenas escoriações leves e nenhum tipo de fratura. Foi só o trauma psicológico e o susto mesmo”, conta Gustavo,



Foto: Carlos Rodrigo

Nos últimos cinco anos, PB registrou alta de quase 16% no número de vítimas fatais de acidentes

que hoje reside no interior paraibano. O *designer*, que superou o episódio e logo

voltou a dirigir, destaca ter reforçado, desde então, hábitos preventivos de seguran-

ça no trânsito, como usar o cinto e fazer a manutenção do veículo regularmente.

Leis tornaram-se mais rigorosas a partir da década de 1990

A conscientização sobre o tema e o rigor da lei a ele relacionada passaram por um longo processo no Brasil. Embora a instalação de cintos de segurança nos bancos dianteiros dos automóveis tenha se tornado obrigatória para as montadoras brasileiras ainda em 1968, a utilização do acessório por parte do cidadão demorou a virar um hábito. Mesmo com iniciativas municipais pioneiras na década de 1990 — como a de São Paulo (SP), em 1994 —, o uso do cinto só passou a ser exigido para todos os ocupantes de um veículo, no país inteiro, em 1998, quando começou a vigorar o Código de Trânsito Brasileiro (CTB), instituído em setembro de 1997.

Já a regulamentação para o transporte seguro de bebês e crianças evoluiu apenas mais recentemente. O CTB já havia determinado que menores de 10 anos deveriam viajar no banco traseiro dos veículos, mas foi somente em 2008, com a Resolução nº 277 do Conselho Nacional de Trânsito (Contran) — conhecida como a “Lei da Cadeirinha” —, que a adoção específica de bebê-conforto, cadeirinha e assento de elevação tornou-se obrigatória no Brasil, com fiscalização efetiva a partir de 2010. Nos anos de 2020 e 2021, essa le-

gislação foi atualizada objetivando ainda mais segurança, passando a exigir critérios de altura e peso adequados para o uso de cada tipo de dispositivo de retenção infantil.

■ **Instituído em 1997, o CTB foi um marco para a segurança viária; nos últimos anos, algumas regras foram atualizadas**

Saiba Mais

Para evitar tragédias e garantir mais proteção aos pequenos, o CTB e as resoluções do Contran estabelecem regras rígidas, baseadas em idade, peso e altura da criança. Confira abaixo as diretrizes de uso em vigor:

- Até um ano de idade (ou conforme o limite de peso do fabricante): uso obrigatório do bebê-conforto, que deve ser instalado sempre de costas para o movimento do veículo;
- De um a quatro anos: uso obrigatório da cadeirinha, voltada para a frente;
- De quatro a sete anos e meio: uso do assento de elevação, utilizando o cinto de três pontos do próprio veículo;
- De sete anos e meio a 10 anos: transporte no banco traseiro, utilizando o cinto de segurança do veículo;
- Acima de 10 anos ou com mais de 1,45 m de altura: liberada para viajar no banco dianteiro (do passageiro), sempre com o cinto de segurança.

Afivelar o cinto de segurança e acomodar as crianças na cadeirinha são ações que levam alguns segundos e asseguram uma barreira de proteção para elas, em caso de colisões. Em 2023, um estudo divulgado pela Associação Brasileira de Medicina de Tráfego (Abramet) mostrou que o uso do cinto diminui em até 60% o risco de fatalidade e ferimentos graves para passageiros nos bancos da frente e em até 44% para aqueles sentados nos bancos traseiros.

JOGOS DE TABULEIRO

Grupos e eventos mobilizam adeptos

Nostalgia e busca por lazer em comunidade, longe das telas, atraem público diverso para reuniões competitivas

Carolina Oliveira
marquesdeoliveira.carolina@gmail.com

Estratégia, criatividade e uma forma nostálgica de se divertir. Para além das opções que marcaram infâncias de diferentes gerações, vem ganhando fôlego um amplo “universo” contemporâneo para os jogos de tabuleiro. Caracterizado pela formação de comunidades engajadas, eles atraem um público diverso, que procura conexão e divertimento com menos mediação tecnológica e mais contato humano. Entre círculos de familiares e amigos, encontros de grupos organizados e estabelecimentos dedicados — chamados de “luderias” —, a prática mantém-se viva e renovada, com lançamentos de centenas de novos títulos acontecendo, anualmente, no Brasil.

O primeiro contato do jornalista Felipe Dantas com os jogos de tabuleiro — também conhecidos como “board games” — foi na infância, por meio de títulos tradicionais e mais populares. “Eu lembro de ter jogado, como muitas pessoas da minha idade, Banco Imobiliário. Depois de adulto, há mais ou menos dois anos e meio, veio esse novo contato, talvez de uma forma mais arrebata-dora, porque conheci novos jogos. É um mercado que tem crescido muito e, com o passar do tempo, vem ganhando mais espaço na sociedade, não só no meio geek. Eu acho que, cada vez mais, essa bolha tem sido furada”. “Em João Pessoa, já te-



Fotos: Carlos Rodrigo

Além dos títulos antigos e mais populares, fãs dos board games divertem-se, principalmente, com produtos contemporâneos, lançados anualmente

mos alguns grupos [dedicados aos jogos] e a galera meio que se conhece, porque, basicamente, são as mesmas pessoas. No bairro dos Bancários, tem o Balaio dos Jogos, que é realizado num condomínio, aos sábados, geralmente no início do mês. Nesse caso, já vemos um grupo bem diversificado de pessoas, porque, a cada dia de evento, tem gente nova”, conta. Participante de diferentes grupos de adeptos ao modo de diversão analógica, Felipe fri-sa que compartilhar o *hobby* com o noivo foi mais um fa-

tor que o levou a adentrar esse meio de maneira mais dedicada e intensa. “Temos, hoje, vários jogos em casa. Inclusive, voltamos recentemente de uma feira que acontece em São Paulo [SP] — a Diversão Offline, a maior do setor na América Latina. Foi a primeira vez que eu fui e gostei bastante da experiência”, comenta. Durante a feira, editoras e produtores independentes do segmento reúnem-se para apresentar as novidades ao público, enquanto mesas de jogos ficam abertas aos visitantes.

Experiência
Exclusivamente para compartilhar dicas da área e a rotina como jogador, Felipe resolveu criar uma conta no Instagram. “É uma oportunidade de trazer isso para o lado da comunicação”. Apesar de divulgar o tema no âmbito virtual, na opinião do fã de jogos, o que mais tem atraído o público à prática é a perspectiva de passar um tempo longe das telas e de ampliar o contato presencial com outras pessoas. Além disso, embora tenham nascido com a tecnologia digital ao alcance

das mãos, a atual geração de adolescentes e jovens adultos, na análise do jornalista, também busca “voltar no tempo” e resgatar experiências de décadas passadas. “Tanto é que existe essa ‘onda’ das fotos analógicas voltando, com aquelas ma-quininhas em festas e eventos. Mas ainda vejo, entre os adultos, um grande interesse em ‘fugir’ da *internet* e dos aparelhos eletrônicos e passar a pensar mais. Em dia de evento, eu mal uso meu celular; pego-o, no máximo, para fazer o registro das parti-das. Acho que os jogos de ta-

buleiro modernos dão uma percepção de trabalho cognitivo muito maior”. Na avaliação de Felipe, os *board games* criados atualmente também contribuem para conquistar novos adeptos. “[Os jogos contemporâneos] são muito melhores do que os que a gente tinha na infância e na adolescência. Um exemplo é o Azul, excelente jogo de entrada, que atrai pela beleza do seu projeto gráfico e pela jogabilidade — você pode jogar tanto com seu filho como com seu avô. Cativa já na primeira vez”.

Encontro mensal recebe cerca de 120 visitantes

A busca por válvulas de escape e formas de entretenimento mais dinâmicas, em meio à pandemia de Covid-19, levou o professor de artes Railson Almeida ao mesmo *hobby*. “Um colega me apresentou alguns jogos novos, que me chamaram a atenção. De lá para cá, adentrei cada vez mais fundo nesse universo”, relata. Railson é um dos fundadores do Balaio dos Jogos, encontro organizado mensalmente, desde junho de 2024, no bairro dos Bancários. Durando das 10h à madrugada, o Balaio soma um público aproximado de 120 pessoas. “É o maior evento de *board games* da Paraíba, e a fama sai do estado; vêm pessoas de Recife (PE) e de Natal (RN) só para jogar. Abrimos inscrições para participantes e temos uma taxa simbólica, que serve para pagar o aluguel do salão e de mesas, além de comprar jogos para uso e sorteio nos encontros”. De acordo com o professor, os títulos modernos do segmento oferecem uma perspectiva diferente para o público que conhece os produtos mais populares do pas-

sado, como War e Banco Imobiliário. “O universo de jogos de tabuleiro é gigantesco; quando você entra nele, conhece várias possibilidades — daqueles que duram 10 minutos aos que duram seis horas. Dos estratégicos àqueles com temáticas variadas, das mais improváveis possíveis. O mercado mundial é muito aquecido, inclusive no Brasil”. Para quem leva o divertimento mais a sério, como Railson, cada nova partida guarda uma oportunidade para apurar táticas e acumular experiências. “Por meio dessa prática, hoje, eu consigo me superar e traçar uma estratégia vitoriosa, jogando com meus colegas — que também são muito bons jogadores”.

Organizador aponta o Balaio de Jogos, no bairro dos Bancários, como o maior evento do estado na área

Gestor de luderia celebra mercado aquecido

Proprietário da Grão Mestre Luderia, Helder Oliveira detalha que o espaço, situado no bairro Expedicionários, surgiu em 2017, com outro gestor, para o qual ele trabalhava. “Assumi bem depois, em 2019. [O negócio] foi pensado para ser como uma cafeteria temática com jogos de tabuleiro. Herdei esse modelo e fiz algumas modificações”. A ideia original era manter um ambiente voltado para o entretenimento, interação e coletividade. “É muito mais sobre o momento, o pretexto de estar com os amigos, com pessoas de que você realmente gosta. Abra-cei a ideia e dei um pouco mais da minha cara, uma coisa mais voltada para os *role-playing games* (RPG), além dos jogos de tabuleiro”, acrescenta Helder. O espaço funciona das sexta-feiras aos domingos. Aluguéis de títulos do acervo local e reservas de mesas ou até de salas do ambiente, para eventos, também fazem parte do modelo de negócio. “Nosso acervo é separado por categorias — quantidade de jogadores, tamanho dos jogos e o nível de complexidade —, até para diferenciar os valores do aluguel”, detalha o proprietário. Helder revela que os meses das férias escolares costumam ser os mais movi-



Espaço oferece acervo variado, para todas as faixas etárias

mentados na luderia, e, entre os dias da semana, os sábados atraem o maior público. “De vez em quando, a gente recebe famílias. Às vezes, as pessoas fazem aniversários, trazem os avós. Mas eu diria que a predominância da clientela é o pessoal mais jovem, na faixa dos 20 aos 30 anos. E temos, ainda, grupos fixos que sempre costumam voltar para cá”. **Recomendação**
Os jogos mais procurados pelo público da Grão Mestre Luderia são aqueles classificados como “party games”. Mais festivas, essas opções tendem a ser as mais indicadas para uma primeira experiência com a dinâ-

mica da atividade, para momentos de descontração e uma partida com a família. “São títulos como ‘Taco Gato Cabra Queijo Pizza’; ‘Jenga’, que nunca sai de moda; ‘Coupe’, um dos mais populares por aqui; e ‘Dixit’, outro muito famoso, por ser simples, mas também abstrato, então todo mundo usa a criatividade. Normalmente rápidos e práticos, eles são menos competitivos e estratégicos. Não têm aqueles murais gigantescos de regras. Todo mundo consegue aprender rapidinho e se divertir”, descreve Helder. O empreendedor avalia que, nas duas últimas décadas, o mercado dos *board games* vem mesmo an-

gariando mais fôlego, com títulos estrangeiros sendo trazidos para o Brasil, por editoras como Galápagos, Asmodee, Comproga, Grok, e Devir. “Enquanto houver opções táteis, analógicas, que permitam reuniões e essa experiência em grupo, vai haver uma resistência ao mundo virtual. Por mais que o público ainda esteja usando telas, permanece essa busca por vivências presencial e fisicamente”, conclui.



Enquanto houver opções táteis, analógicas, que permitam experiências em grupo, haverá resistência ao mundo virtual

ARTES VISUAIS

Um mar de sertões afetivos

Cinco paraibanos estão com obras expostas na Mostra no Centro Cultural Banco do Brasil, em São Paulo, que exhibe trabalhos sobre as relações geográficas, históricas e subjetivas do Sertão brasileiro

Emerson da Cunha
emerson.aunniao@gmail.com

O Sertão é lugar geográfico. De seca, mas também de chuva, em que a vegetação se colore de verde. De saída, debandada, mas também de chegada, daqueles que retornam. Para Guimarães Rosa, o Sertão, no entanto, não é apenas um local: “O Sertão está em toda parte”, é sensação de espírito, anseios e dualidades. Está para se construir, descobrir-se e viver. Tentando desvendar essas possibilidades e subjetividades, está em exposição até dia 3 de agosto, no Centro Cultural Banco do Brasil de São Paulo, a mostra *Atlântico Sertão*, que reúne cerca de 70 artistas de todo o Brasil. A Paraíba participa com o trabalho de cinco deles: José Rufino, Rafael Chavez, Luiz Barroso, Thiago Costa e Marlene Almeida.

A exposição *Atlântico Sertão* é a terceira de uma série de mostras. A primeira foi *Atlântico vermelho*, de 2024, que abordava questões do trânsito de pessoas escravizadas da África ao Brasil e, portanto, tangenciava questões concernentes às negritudes e vivência dos povos e subjetividades negras no país. O espaço aconteceu em Genebra, na Suíça, durante conferência da ONU. Já *Atlântico floresta*, realizada em 2024 e 2025, no Rio de Janeiro, durante a COP30, passou a abarcar também os trabalhos de artistas indígenas. Em ambos, havia frentes de discussão sobre essas questões.

O artista Thiago Costa lembra que foi o único paraibano a participar das três exposições. Costa ex-

põe agora *No meio da terra*, uma escultura feita de vergalhão retorcido formando um tripé de cerca de 1,80 m de altura, em um trabalho que segue uma dinâmica entre a palavra e a forma. O interesse pelo material vem das vivências dentro de uma família de serraleiros, em Bananeiras. “Porém, outra coisa que me interessa é que é o material utilizado comumente para dar estrutura a edificações e, após a estrutura erguida, ela é coberta. Ela se torna invisível”.

“Nessa dinâmica dos trânsitos dos operários da Paraíba indo construir o Sudeste e o Centro-Oeste, tem essa reflexão sobre o trabalho, sobre a invisibilidade que acontece dessas formas braçais, entendendo que o metal é uma tecnologia muito utilizada pela classe operária. Eu também estou interessado em pensar essas questões de trabalho. Tanto que ela tem uma poesia, essa escultura, ela é o vergalhão, ela é a própria imagem; ela é o próprio material, a própria estrutura, não é coberta. E ela dá sustentação a uma ideia, a um desejo, não a uma parede”, declara Thiago Costa.

É também articulando o pensamento do território com o trabalho que opera a peça exposta por José Rufino, da série *Ligas*, que faz alusão às Ligas Camponesas. Trata-se de uma tela de 3 m x 2 m, em que estão colocados vários facões utilizados no corte de cana-de-açúcar da Zona da Mata paraibana, formando grafismos que remetem ao movimento do corte. “É uma obra de caráter mais político, desse filão, do meu trabalho que levanta ainda essas questões sobre a opressão do trabalho. Então, apesar de ser esteticamente uma pintura, o interesse dela é mais esse, levar, levantar, retomar questões, principalmente ligadas à época da expansão canavieira, o Proálcool, a im-



Entre as obras, *Ligas* (E), de Rufino; *Pedra quente* (abaixo), de Chavez; *Passatempo* (no centro), de Marlene; *Itacoatiaras* (D), de Barroso; e *No meio da terra* (à dir., acima), de Costa



Fotos: Arquivo pessoal



Projeto reúne cerca de 70 artistas de todo o Brasil, sendo cinco paraibanos (de cima para baixo): José Rufino, Rafael Chavez, Marlene Almeida, Luiz Barroso e Thiago Costa

plantação das usinas de açúcar e álcool no Brasil. Então a obra tem esse caráter, de se reportar a esse período histórico brasileiro”.

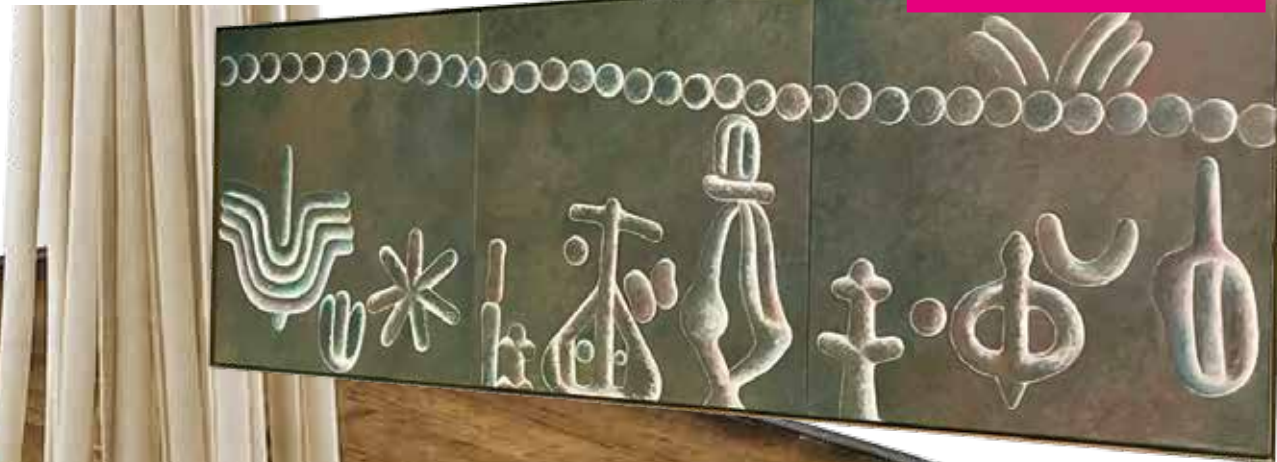
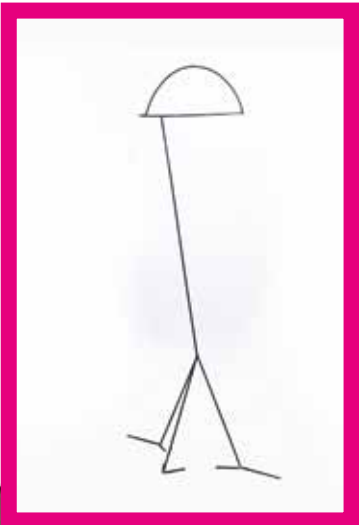
Os interesses do campinense Luiz Barroso tocam em pontos geográficos e históricos da Paraíba. Nesse caso, ele vai se inspirar nos mistérios sobre as inscrições na Pedra de Ingá. Barroso expõe uma pintura de acrílica sobre tela de 2,2 m x 0,5 m, intitulada *“Itacoatiaras”*. “Minha paixão é esse mistério da Pedra do Ingá, que me encanta e que me faz repetir. São repetições, porque eu tenho várias outras telas aqui, inclusive umas mais recentes, onde eu sempre reproduzo alguns símbolos. Eu me aproprio desses signos, que é uma escritura, no meu entender, eu estou escrevendo algo que eu nem sei o que quer dizer, porque quem fez, segundo dizem, era para que aquilo fosse uma mensagem, até teorias que foram seres extraterrestres, tem mil histórias. Eu tenho essa paixão por esse mistério”.

O território sertanejo ocupado pela artista Rafael Chavez segue em uma direção mais afetiva. Ela, que é paraibana, mas atualmente vive e trabalha em São Paulo, tem o interesse de construir um ateliê no interior do estado, que possa também servir de residência para outros artistas que queiram compor com a Caatinga. Chamar-se-á “Ateliê do Sabugi”. A ideia é que o sonho se torne realidade em 2027, enquanto ela segue tentando angariar os recursos para tal. Até agora, há um forno montado, utilizado por Rafael para queimar peças de cerâmica. O quadro exposto no centro cultural, *Pedra quente*, uma pintura a óleo e acrílica sobre o tema, traz a imagem de quatro pedras.

“Existe uma simbologia para mim, que é essa relação com o calor, as formas de criação provenientes do calor. Gosto de meditar muito na criação de estrelas, supernovas, que

são as fontes de calor que a gente conhece, estão pelo universo, fertiliza o nosso alimento aqui na Terra para a gente comer, para a gente sobreviver. É o sol que proporciona isso”, coloca Chavez. “Essas pedras dessa série, na segunda, vão estar um pouco mais derretidas, a terceira mais quente, e assim por diante, até chegar na obra cinco, em que essa pedra vai virar totalmente lava. Essa obra cinco vai chegar quando o ateliê estiver construído e finalizado”.

Marlene Almeida, por sua vez, brinca com o tempo e os diferentes territórios a partir da terra. Ela expõe uma instalação criada em 1999, que dá início a uma longa série. Todas as obras são compostas por tubos de algodão cru, preenchidos com areia, como ampulhetas presas. *Passatempo* é composta por 21 tubos de 10 m cada um. As terras que ocupam os tubos são retiradas de vários espaços, desde os sertões até as falésias litorâneas que beiram o Atlântico. “Atravessar as marcas temporais de século e milênio me levou a questionar o tempo, esta dimensão difícil de imaginar. Existente ou inexistente, aponta para nossa transitoriedade. A ideia de esquecer cercas e fronteiras, e misturar terras, me entusiasma. Com nomes lindos como “Seridó”, “Cariri”, “Cerrado” ou “Sertão”, elas sempre me falam do Brasil completo, verdadeiro”, finaliza a artista.



Fotos: Arquivo pessoal



Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | estevam_dedalus@yahoo.com.br

A terrível bomba de nêutrons

Hitler tinha fascínio pela beleza de Paris, pela sua arquitetura e pelo acervo de obras de arte fabuloso. No íntimo, desejava se apoderar da cidade. Mas não sem antes se livrar dos franceses. Via-se como um jardineiro removendo as pragas de um lindo jardim. A perversidade de se apoderar de um lugar e desfrutar de suas riquezas — eliminando apenas as pessoas que originalmente habitam nele — deve ter sido quase universal na história das pilhagens imperialistas e invasões coloniais.

Em 1958, durante o governo J. F. Kennedy (inicialmente contrário à ideia), o cientista norte-americano Samuel Cohen desenvolveu o projeto da bomba de nêutrons, que só seria testada pela primeira vez em 1963. Ela é um tipo de variação da bomba atômica, uma das tecnologias de guerra mais terríveis já inventadas. As bombas nucleares convencionais, como as que foram lançadas em Hiroshima e Nagasaki, no Japão, absorvem os nêutrons pelo material radiativo. Esse processo é o que permite a reação nuclear em cadeia, elevando poder explosivo que é capaz de destruir seres vivos e cidades inteiras.

A bomba de nêutrons tem uma lógica oposta. O seu *design* é parecido com

o da bomba de hidrogênio, com a diferença de não possuir o invólucro de urânio 238. *Grosso modo*: isso faz com que, ao ser detonada, os nêutrons sejam lançados para fora. O efeito produzido não é o de uma destruição total e indiscriminada, pois apenas os seres vivos são mortos. Toda infraestrutura urbana do local atingido é preservada. A quantidade de energia liberada em forma de radiação pura (raios X, raios gamas e nêutrons) pode chegar a 80%, enquanto numa bomba atômica esse número dificilmente ultrapassa 5%.

O tipo de radiação provocado pelos nêutrons tem um alcance muitís-

simo grande, sendo capaz de atingir pessoas no interior de *bunkers*. Ela é terrivelmente mortífera. Atinge os órgãos internos levando à morte em poucos dias. Cientistas estimam que, entre dois e três dias, já seja possível a entrada nas áreas afetadas pelo ataque. A expectativa é de que, em cinco ou seis meses, a radiação desaparecerá totalmente, permitindo o desenvolvimento normal da vida.

O argumento para a criação da bomba de radiação aumentada se baseou na ameaça representada pela inigualável frota de blindados soviéticos, a possibilidade de invasão da Europa Ocidental. A bomba de nêutrons seria a saída para impedir a progressão soviética no território europeu, sem destruir a infraestrutura daqueles países. O projeto da construção e o primeiro teste aconteceram no governo Kennedy, mas sua produção em larga escala só viria à tona na década de 1980, durante o governo de Ronald Reagan. Os franceses e os israelenses também desenvolveram a arma. Acredita-se que China e Rússia também sejam capazes de produzi-la.

Felizmente, não há registro de seu uso em guerra.

Projetos

O design da bomba de nêutrons é parecido com o da bomba de hidrogênio, com a diferença de não possuir o invólucro de urânio 238

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
Filósofo e físico | klebmaux@gmail.com

Espiritualização da realidade

O idealismo mágico é uma concepção filosófica e poética criada no final do século 18 pelo escritor, poeta e filósofo alemão Georg Philipp Friedrich Freiherr von Hardenberg (1772-1801) — conhecido como “Novalis”, que define a magia como um meio de colocar a imaginação e a vontade a serviço das emoções para atuar sobre a realidade, na qual se filosofia, ciência, religião, arte e literatura.

Para Novalis, o universo é manifestação de uma realidade divina única e é constituído por expressões de um absoluto espiritual, que se diferencia em indivíduos para alcançar o autoconhecimento. Ele modifica a relação entre sujeito e objeto ao considerar que o mundo exterior não é apenas um não eu, mas um interlocutor ativo, um tu, igualmente dotado de significado espiritual. Dessa forma, Deus, natureza e ser humano pertencem à mesma realidade fundamental. Embora o universo seja essencialmente uno, a experiência cotidiana leva os indivíduos a perceberem apenas fragmentos dessa totalidade. A divisão entre sujeito e objeto, razão e emoção, espírito e matéria, liberdade e necessidade constitui uma condição necessária para o desenvolvimento da consciência, mas também produz alienação.

A tarefa da filosofia e da poesia consiste justamente em superar essas dicotomias, revelando a unidade espiritual escondida sob a multiplicidade do mundo. Assim, o conhecimento absoluto nunca é plenamente alcançável, permanecendo como um ideal regulador que orienta continuamente a busca humana. A interpretação histórica de Novalis acompanha essa visão metafísica.



Retrato do escritor, poeta e filósofo alemão Novalis (1772-1801)

Segundo Novalis, a humanidade percorre um movimento dialético que parte de uma unidade inconsciente original, passa pela fragmentação característica da modernidade e caminha em direção a uma futura síntese superior, marcada por uma comunidade espiritual consciente de sua unidade. Os períodos históricos idealizados em obras como *Cristandade ou Europa*, publicado em 1799 e *Hinos à noite*, publicado no ano de 1800, devem ser compreendidos como representações simbólicas de momentos em que existia maior harmonia entre Deus, natureza e humanidade. Nesse contexto, Novalis define a vocação da humanidade como a realização consciente da unidade entre o indivíduo e o absoluto. O ser humano não é uma entidade isolada, mas uma manifestação parcial do divino. Sua missão consiste em desenvolver uma relação mais autêntica consigo mesmo, com os outros, com

a natureza e com Deus. Essa aproximação nunca se completa integralmente, pois a consciência humana permanece limitada pela finitude; contudo, cada avanço amplia o autoconhecimento do próprio universo.

A realização dessa vocação ocorre por meio daquilo que Novalis denomina romantização. Romantizar significa elevar o cotidiano, atribuindo ao comum um sentido mais intenso, ao conhecido o valor do mistério e ao finito uma dimensão infinita. Esse processo apresenta uma nova forma de percebê-la. A poesia, a filosofia, a arte e a imaginação tornam-se instrumentos capazes de revelar a dimensão espiritual presente em todas as coisas. A verdadeira criação artística resulta da síntese entre razão e sensibilidade, ciência e imaginação, superando tanto o racionalismo excessivo quanto o sentimentalismo puramente intuitivo. A teoria do gênio artístico ocupa posição

central nesse projeto. Para Novalis, todo ser humano participa da construção do mundo por meio de suas interpretações, mas o artista realiza essa atividade de maneira particularmente intensa. O gênio não inventa um universo fictício; ele revela, interpreta e reorganiza os elementos da realidade de forma a tornar visível sua essência espiritual. A arte constitui, portanto, uma colaboração entre a liberdade criadora do indivíduo e a própria natureza, entendida como linguagem viva do divino.

A concepção de linguagem em Novalis fundamenta-se na ideia de que as palavras revelam sua dimensão espiritual por meio de símbolos, metáforas e imagens poéticas. Por essa razão, o conhecimento é sempre aberto e depende da participação ativa do leitor para ampliar e reconstruir os significados do texto. Outro aspecto de sua filosofia é a figura do mediador, representada por pessoas, experiências ou obras de arte que favorecem o encontro do ser humano com o divino e reforçam sua ligação com a unidade espiritual do universo.

Sinta-se convidado para a audição do 578º Domingo sinfônico, que ocorrerá hoje, das 22h à 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5 ou você pode acessar pelo aplicativo radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm. Durante o programa, comentarei a interpretação do violoncelista alemão Benedict Kloeckner (1989) e apresentarei algumas obras representativas do Idealismo Mágico e Romantismo alemão.

Kubitschek
Pinheiro
Jornalista | kubipinheiro@yahoo.com.br

Av. Júlia Freire, 1.000

Andei por andar, andei pelas ruas da minha vida, não como um saudosista (jamais), mas um compêndio nos olhos, cheio de alegrias e quintais, nas ruas fronteiras daquele que se transborda para novas descobertas.

Da maior importância, a Av. Júlia Freire, número 1.000, Expedicionários, em João Pessoa, onde durante anos morou dr. Domilson Maul de Andrade e Iracema Romero. Eu ia muitas vezes à casa dos meninos Galego, Leila, Lenise e Saulo, os Romero, filhos de Domilson e Iracema. Nenhum amor hiberna em mim.

A casa com excelentes conexões, a imaginar-se num filme, e a mãe alimentava os filhos que acordavam ouvindo Chopin, Liszt, Beethoven, Debussy e Rachmaninoff, um alento matinal da música erudita. Eu cheguei a ver, ouvir e sentir essas sensações na sala onde ficava o piano de cauda Essenfelder.

No último dia 23, eu parei o carro na Av. Júlia Freire e veio a fisionomia bela de Iracema, nesse ritmo que a vida me deu. Aquela senhora como os deuses, capaz de fazer da sua sala o Monte Olimpo, o melhor lugar do mundo — lá.

Demasiadas cenas, tantas pulsões, o que diria um rigor e não tinha rigor, porque o mundo ainda tinha janelas. Nunca estávamos à deriva, do mar se diz “terra à vista” — e vamos imaginar que a terra à vista era a Ribeira, Santa Rita (casa de campo do casal), onde íamos passar fins de semana, e lá estávamos na natureza, o pé de jaca junto da calçada e o fulgor da nossa juventude.

A neta Tainá foi morar com os avós ainda bebê e todos cuidavam dela, um ser de luz, um espírito gigante — tudo estava ali.

Iracema dizia que eu me parecia com James Stewart, aquele bonitão dos filmes *Janela indiscreta* (1954), de Hitchcock. Isso dela dizer que eu parecia com James Stewart me deixava dentro do filme da vida dos Romero.

Tantos rostos que atravessaram esta rua rasgada de saudades. Tantos e tão parecidos socorridos para o pronto-socorro, ali vizinho. Tantos rostos lavados, levados por essa pressa inútil de chegar à outra rua, outro lugar.

O tempo da amizade marcou muito — aprendi a dirigir no Fusca vermelho da família. Saímos para o Baixo Tambaú e nos divertimos muito. E os almoços deliciosos?

Evidentemente, o quadro dessa antologia mudou, a amizade não — a família foi morar na praia Cabo Branco (onde eu já estava) e a casa foi demolida. Vez em quando passo na Júlia Freire e não vejo a sala, a varanda e o pé de abacate. Só na imaginação.

Estradas e conquistas. O tempo foi-se embora, Iracema fez sua viagem. Bem antes, a menina Leila —, que nome bonito, que presença. Depois, dr. Domilson.

Essa história começou bem antes: o que me levou à casa da Júlia Freire, 1.000, foi a amizade com o saudoso cronista Carlos Romero e com o seu filho, Germano, que moravam na Avenida Nossa Senhora dos Navegantes, em Tambaú, onde aprendi a navegar na literatura. A fonte nunca seca.

Tenho um amor persistente por eles.

Kapetadas

- 1 - A alegria vence uma guerra;
- 2 - Não tenho paciência para quem está começando, no meio ou terminando.



Placa indicando uma das artérias urbanas da capital paraibana

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor | alexjjpb@yahoo.com.br

O cinema nas celebrações da Paraíba

Em tempos de justas celebrações e de homenagens ao aniversário da nossa cidade, que de Filipeia, Frederikstadt e Parahyba, terminou sendo João Pessoa, nos anos 30 do século passado, nada melhor do que reviver a saga e a resistência do seu povo, em filme. Melhor ainda, conhecer a história de como se fez um dos melhores documentários paraibanos dos últimos tempos e a sua real importância nas comemorações de fundação do nosso estado.

Parahyba, que teve a direção do cineasta Jureni Machado Bitencourt, em 1985, ao completar muitos anos de história, recebeu também seu tributo: *Saga e cinema no quarto centenário da Paraíba*. Realização de Alexandre Menezes Cavalcanti, em 2008, por sua empresa AS Produção Cinema e Vídeo, de historiadores, produtores e cineastas sobre o filme. Documentário então mostrado na sua forma mais viva, com apresentação especial do historiador José Octávio de Arruda Mello sobre o que foi a realização da produção e os propósitos que levaram à sua realização. Colaborando com José Octávio, os depoimentos do próprio Bitencourt e os meus, ambos roteiristas e realizadores do filme.

Para o professor José Octávio, nada terá sido mais oportuno e eficaz nas celebrações do quarto cente-



Historiador José Octávio de Arruda Mello

nário do estado que a realização do *Parahyba*, cuja produção da cinética em 35 mm e cores foi financiada pelo Governo do Estado, com respaldo da então Embrafilme e apoio de algumas instituições oficiais, como a Universidade Federal da Paraíba (UFPB),

por meio do Departamento de História, também do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP) e do Grupo José Honório Rodrigues. O documentário, segundo afirma o historiador em depoimento no próprio filme, “trouxo algumas visões críticas importantes sobre a própria Paraíba daquele momento”.

Já na realização da AS Produções, algumas obras importantes de autores paraibanos, como música e fotografia, foram igualmente celebradas. O vídeo traz os acordes da Orquestra Sinfônica da Paraíba (OSPB), regida pelo maestro Osman Gioia, sublinhando as cenas e ampliando ainda mais o sentido das imagens primitivas de Tabatinga. O mesmo acontece com os acordes memoráveis de Sivuca e do “Caboré”, de S. Alcântara, do Quinteto Itacoatiara.

O documentário mostra ainda a trajetória do cinema paraibano pelas imagens das obras importantes, que fizeram da nossa cinematografia um dos marcos do Cinema Novo no Brasil. *Saga e cinema no quarto centenário da Paraíba*, no YouTube (www.youtube.com/watch?v=7r8NMDbO-JQ8), representa um belo e oportuno registro histórico sobre a nossa cidade, nas atuais celebrações! (Mais “coisas de cinema”, no *site* www.alexjpb.com.br).



APC reúne diretoria na próxima quarta-feira (5)

A Academia Paraibana de Cinema (APC) reunirá sua diretoria na próxima quarta-feira (5) para ver os artigos já inscritos e destinados à revista *Cine Nordeste*, que deve ser lançada ainda neste ano. O encontro será na Unidade de Tambaú da Fundação Casa de José Américo (FCJA), em João Pessoa.

Com a presença de integrantes da APC e da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), o confrade acadêmico Durval Leal Filho, ocupante da cadeira 9, cujo patrono é dom Antônio Fragoso, fez o lançamento do livro *Rendas do Cariri*. O local do encontro foi o Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular (Nuppo), da UFPB.

LANÇAMENTO

Encontro do MPB4 com orquestra celebra os clássicos da música popular brasileira

Da Redação

Nesta semana, chegou às plataformas digitais o *MPB4 sinfônico* (Biscoito Fino), álbum que celebra o encontro do quarteto formado por Aquiles Reis, Dalmo Medeiros, Miltinho e Paulo Malaguti Pauleira com a Orquestra Petrobras Sinfônica.

Sob regência do maestro Felipe Prazeres, o concerto, que lotou a Grande Sala da Cidade das Artes (RJ), em outubro de 2024, reuniu a orquestra com o grupo MPB4. Meses depois dessa apresentação, que comemorou os 60 anos da música popular brasileira, o quarteto e a orquestra voltaram a se encontrar para a gravação do disco, realizada na sala de ensaios da Petrobras Sinfônica, na Fundação Progresso, eternizando a parceria e os arranjos criados para o evento.

“Levar o repertório do MPB4 para o universo sinfônico não significa apenas ampliar a sonoridade das canções, mas também aproximar públicos. Muitos admiradores do MPB4 têm a oportunidade de vivenciar a experiência de uma orquestra sinfônica, enquanto pessoas que frequentam nossos concertos redescobrem a riqueza da música popular brasileira sob uma nova perspectiva”, explicou Felipe Prazeres.

No repertório, clássicos da música popular brasileira que marcam a trajetória do MPB4, como “Apesar de



Concerto que resultou no disco aconteceu na Grande Sala da Cidade das Artes (RJ), em outubro de 2024

você”, “Olê olá”, “Roda viva” (as três de Chico Buarque), “Samba do avião” (Tom Jobim), “Porto” (Dori Caymmi), “Velas Içadas” (Ivan Lins e Vitor Martins) e “O ronco da cuíca” (João Bosco e Aldir Blanc), entre outros.

Os arranjos levam as assinaturas de Jaime Alem, Itamar Assiere, Gilson Santos e Paulo Malaguti Pauleira.

“Foi a confirmação de que a música não tem idade nem fronteiras. *MPB4 sinfônico* é a MPB de terno e gravata, mas calçando alpercata e olhando para a frente”, definiu Aquiles Reis, um dos fundadores do grupo. “Para o MPB4, o ambiente nas sinfônicas — e foram tantos encontros — é de

pura empatia. Sejam os professores nossos contemporâneos, seja a galera sangue bom, tá tudo em casa. A música flui solta”.

Miltinho, outro fundador do MPB4, lembra que o quarteto já havia tocado com orquestras no início da carreira, nos festivais em emissoras de TV que, na época, tinham orquestras. “Esse encontro com a Orquestra Petrobras Sinfônica foi maravilhoso”.



Pelo QR Code acima, acesse as principais plataformas de áudio para ouvir o álbum

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

Escritor e professor | hildebertopoesia@gmail.com

Fred Svendsen fala...

Não faz muito tempo, Fred Svendsen passou por uma dor indefinível, uma experiência única e inominável. Leio agora, em **A União**, de 26 de julho, uma bela e sapiente entrevista concedida ao velho órgão de imprensa.

A ideia que o mobiliza se revela, de logo, no título tomado às suas palavras: “Não me considero mais um artista plástico. Sou um artista inventor”. E é em nome desta categoria da invenção, enquanto mola propulsora do ato criativo, que o pintor vai desenvolver seu pensamento, suas expectativas e reflexões.

Como é bom ler as respostas que o entrevistado dá ao seu entrevistador! Em cada uma delas, vêm à tona as nuances que envolvem o processo estético, a sensibilidade e a disciplina conjugadas que presidem a composição de suas obras de arte. Seja a pintura, o desenho, a escultura, seja outra modalidade qualquer de que se socorre, como inventor, para a formulação de seu estilo único e de sua linguagem aberta e plural.

Ferreira Gullar, com a propriedade típica dos poetas e dos críticos de arte, o chamou de “inventor de novos e inusitados seres”,

A ideia que o mobiliza se revela, de logo, no título tomado às suas palavras: “Não me considero mais um artista plástico. Sou um artista inventor”

decerto porque, em seus trabalhos, a realidade alcança latitudes outras, quer pela força do imaginário, quer pelo poder do olhar transgressor, que, a seu modo insólito e oblíquo, vai muito além do esquadro lógico e fechado da cognição racional.

Algumas afirmativas me tocam em especial, ao mesmo tempo em que demonstram, em circunstância metalinguística, a lúcida

consciência que conduz o “artista inventor” ou o inventor artista, face aos elementos práticos e teóricos que circundam a realização dos produtos artísticos. Fred Svendsen sabe fazer e sabe pensar. Intuição inventiva e técnica apurada, criação e disciplina se mesclam no ambiente momentâneo da fala e das ponderações, assim como no labor que culmina na materialidade da beleza estética.

Em determinado momento, ele afirma ter “inventado um estilo”, isto é, uma maneira só sua de lidar com os instrumentos próprios da linguagem pictórica. Um estilo que, se atravessa a espessura de signos expressionistas e mesmos surreais, possui assinatura peculiar, marca inconfundível, contemplando, sempre, ingredientes do estranho e do grotesco, numa espécie de poética pelo avesso onde o feio e o informe ganha estatuto de beleza, a capturar os enigmas da criatura humana.

Em outra passagem esclarece, em perspectiva quase didática, a relevância do desenho, seus liames e suas diferenças para com a pintura, numa elocução de quem sabe o que diz, porque o dizer brota das experiências feitas, como diria o poeta.

Mais adiante e muito à vontade, assegura: “Sou meu único funcionário e não posso faltar”. Ou seja, o artista é um ser que trabalha diuturnamente e assina todos os dias e em todas as horas o ponto de seu *métier* ou de sua missão. E para quê? Para cumprir o papel da arte que, segundo Fred Svendsen, “serve para provocar, denunciar e, acima de tudo, humanizar”.

Verdade: arte sem humanismo é apenas requinte técnico esvaziado de sentido. Por isso mesmo, o artista completa seu raciocínio e aremata: “Se não serve para humanizar, não serve para nada”.

Destacando os valores emotivos, o estímulo ao pensamento crítico, o adubo da imaginação que envolve os sinais significantes das obras de arte, nem por isto Fred Svendsen, como um mestre que domina os sigilos de sua atividade criadora, deixa de reconhecer e relevar a importância do ofício, do estudo, da dedicação, da disciplina. Afinal, para ele, já numa clave de tonalidade filosófica, “primeiro deve existir o homem, pois, sem ele, a arte não serve para nada”.

Dito e muito bem-dito!

Colunista colaborador

VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE

Festival *MêiMundo* traz uma programação de pluralidade

Amanhã, em João Pessoa, evento gratuito reúne música, oficinas, rodas de conversa, feira criativa e apresentações culturais

Da Redação

“Onde as vozes se encontram” é o tema da sexta edição do Festival MêiMundo, que terá a abertura amanhã, a partir das 15h, no Centro de Comunicação, Turismo e Artes (CCTA), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), no campus de João Pessoa, e segue na terça-feira (4), a partir das 17h, com uma programação gratuita que reúne música, oficinas, rodas de conversa e apresentações culturais. Um dos destaques durante os dois dias de evento é a Feira Mercado Criativo, com diversos expositores de gastronomia e de artesanato. Hoje, a programação começa com a Imersão Cultural, que contará com cine-debate e rodas de conversa sobre cultura periférica, tradição, ancestralidade e rit-

mos dos orixás, além de oficinas de DJ e de *vogue femme* (estilo de dança da cultura *ballroom*, caracterizado por ênfase no feminino, movimentos de quadril e o icônico salto *dip*), incluindo momentos práticos de interação e vivência. No seu último dia, o festival reúne apresentações musicais e culturais com artistas e grupos da cena paraibana. O evento será apresentado por Arya Reis e Aru Valência, nomes atuantes da cena cultural de João Pessoa, e contará com atrações que transitam por diferentes linguagens e ritmos. Criado por estudantes do curso de Relações Públicas da UFPB, o Festival MêiMundo é um projeto de extensão entre universidade, artistas e sociedade. Neste ano, o evento propõe um olhar para a

história da capital paraibana, incentivando reflexões sobre memória, identidade e pertencimento por meio da arte e da cultura. **Atrações** A sexta edição do Festival MêiMundo reúne o coletivo Sistah’s Selectas, Nel no Beat, Ala Ursa Amigo Batacada, PriCler e as Panteronas, Blakk Mania e o músico Helinho Medeiros. As atrações representam diferentes manifestações artísticas e musicais, passando pelo *reggae*, *hip-hop*, música instrumental, cultura popular, pagodão, ritmos afro-brasileiros e experimentações da música contemporânea. A programação completa e detalhada pode ser acessada pelo perfil oficial do festival no Instagram (@festival-meimundo).



Fotos: Divulgação/MêiMundo



Entre as atrações da edição, estão nomes como (de cima para baixo) Sistah’s, DJ Nel no Beat, Helinho Medeiros, Blakk Mania e PriCler e as Panteronas, entre outras



Pelo QR Code acima, acesse o perfil oficial do evento no Instagram

Em Cartaz

Cinema

Programação de 30 de julho a 5 de agosto, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Guarabira e Remígio. * Até o fechamento desta edição, o Cine Vieira, em São Bento, o Cine Guedes, em Patos, o Cinemaxxi Cidade Luz, em Guarabira, e o Cine RT, em Remígio, não haviam divulgado suas programações.

ESTREIAS **HOMEM-ARANHA: UM NOVO DIA** (*Spider-Man: Brand new day*). EUA, 2026. Dir.: Destin Daniel Cretton. Elenco: Tom Holland, Zendaya, Sadie Sink, Jacob Batalon. Aventura. Quatro anos se passaram depois da última aventura e Peter Parker agora é um adulto que vive totalmente sozinho, tendo se desligado voluntariamente da vida e das memórias daqueles que ama. Combatendo o crime em uma Nova York que não sabe mais seu nome, ele se dedica exclusivamente à proteção de sua cidade — um Homem-Aranha em tempo integral — mas à medida que as exigências sobre ele se intensificam, a pressão desencadeia uma evolução física que ameaça sua existência surpreendente, mesmo quando um novo padrão estranho de crimes dá origem a uma das ameaças mais poderosas que o “Cabeça de teia” já enfrentou. 2h25. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2 (dub.): 20h30; CENTERPLEX MAG 3 (atmos): 15h (dub.), 18h (leg.), 21h (leg.). CENTERPLEX MAG 4: 14h (leg.), 17h (dub.), 20h (leg.). CINÉPOLIS MANAÍRA 1 (leg.): 12h, 15h, 18h30, 21h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 3 (dub.): 18h, 21h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 4 (dub.): 14h45, 18h15, 21h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 5 (dub.): 12h30, 15h30, 18h45, 22h; CINÉPOLIS MANAÍRA 6 (dub.): 12h45, 16h,

19h15, 22h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 7 (leg.): 14h30, 17h45, 21h; CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE, dub., 3D): 14h, 17h15, 20h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP, leg., 3D): 13h30, 16h45, 20h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (dub.): 12h, 15h, 18h15, 21h30; CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub., 3D): 14h30, 17h45, 21h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub., 3D): 14h, 17h15, 20h30. CINESERCLA TAMBIA 3 (dub.): 14h40, 17h20, 20h; CINESERCLA TAMBIA 4: 18h05 (leg.), 20h45 (dub.); CINESERCLA TAMBIA 5 (laser, dub.): 14h (3D), 16h45, 19h30; CINESERCLA TAMBIA 6 (laser, dub.): 15h, 17h45, 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1 (laser, dub.): 14h (3D), 16h45, 19h30; CINESERCLA PARTAGE 2 (laser, dub.): 15h, 17h45, 20h30; CINESERCLA PARTAGE 4 (leg.): 18h05, 20h45; CINESERCLA PARTAGE 5 (dub.): 14h40, 17h20, 20h.

REAPRESENTAÇÃO **AUTHENTIC GAMES – O FILME: NO IMPÉRIO DESCONECTADO.** Brasil, 2026. Dir.: Bruno Murinho. Elenco: Marco Túlio, Andrei Soares, Cauê Bueno, Thay Bergamim. Aventura/animação. O Imperador de um mundo offline decide sequestrar o fenômeno Marco Túlio, mas seu plano maligno dá errado e leva a Família Craft por engano. A partir daí, TT assume a forma de Authentic, personagem inspirado em seu próprio avatar, e inicia uma jornada para resgatar seus aliados em um universo repleto de elementos típicos dos jogos, com fases, desafios e transformação de personagens. 1h11. 6 anos. **João Pessoa:** CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 10h20; CINÉPOLIS MANAÍRA 2: 12h; CINÉPOLIS MANAÍRA 5: 11h; CINÉPOLIS MANAÍRA 6: 11h; CINÉPOLIS MANAÍRA 7: 12h40; CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): 12h; CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): 13h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: 11h45; CINÉPOLIS MAN-

GABEIRA 3: 11h30; CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: 12h30; CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: 12h15. **CONTINUAÇÃO** **A ODISSEIA** (*The odyssey*). Reino Unido, EUA, 2026. Dir.: Christopher Nolan. Elenco: Matt Damon, Tom Holland, Anne Hathaway, Robert Pattinson, Lupita Nyong'o, Samantha Morton, Zendaya, Charlize Theron, Elliot Page, Jon Bernthal, Mia Goth, John Leguizamo. Aventura. Após a Guerra de Troia, o herói grego Odisseu (Damon) quer voltar para a sua casa. Pelo caminho, o guerreiro enfrenta criaturas míticas e deuses em sua jornada épica de retorno, onde sua esposa Penélope (Hathaway) o aguarda. O rei de Ítaca descreve sua trajetória esbarrando com seres como os ciclopes, as sereias e a feiticeira e deusa Circe. Baseado no poema épico de Homero. 2h52. 12 anos. **João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 1 (leg.): 17h15, 20h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 13h40, 17h20, 20h50; CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (leg.): 20h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP, leg.): 15h, 18h50. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 21h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 18h20, 21h45. CINESERCLA TAMBIA 2 (dub.): 17h05, 20h10. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3 (dub.): 17h05, 20h10. **AQUELE QUE VIU O ABISMO.** Brasil, 2026. Dir.: Negro Leo e Gregorio Gananian. Ficção científica. Elenco: Negro Leo, Danielly O.M.M. Kaufmann, Ava Rocha, Clara Choveaux. Imerso em visões e viagens alucinógenas, X tenta sobreviver numa distopia com um sistema opressor. 1h10. 10 anos. **João Pessoa:** CINE BANGÜÊ: 30/7: 20h40; sex., 31/7: 16h40. **O CONVITE** (*The Invite*). EUA, 2026. Dir.: Olivia Wilde. Elenco: Seth

Rogen, Olivia Wilde, Penélope Cruz, Edward Norton. Comédia. Casal que caiu na rotina convida vizinho para um jantar e a noite toma rumos inesperados. 1h47. 16 anos. **João Pessoa:** CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (leg.): 17h40. **MOANA** (*Moana*). EUA, 2026. Dir.: Thomas Kall. Elenco: Catherine Laga'aia, Dwayne Johnson, John Tui. Aventura. Filha do chefe de uma aldeia da Polinésia vai sozinha ao mar em busca de um deus para quebrar uma maldição que atinge seu povo. *Live-action* baseado na animação homônima. 1h55. Livre. **João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 1 (dub.): 14h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 3 (dub.): 12h15, 15h10. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 15h30. CINESERCLA TAMBIA 2 (dub.): 14h50. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3 (dub.): 14h50. **MINIONS E MONSTROS** (*Minions & Monsters*). EUA, 2026. Dir.: Pierre Coffin. Animação. Os Minions procuram criaturas assustadoras para participar de um filme de monstros. 1h30. 10 anos. **João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 2 (dub.): 16h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 12h50, 15h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 13h15. CINESERCLA TAMBIA 4 (dub.): 14h20. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4 (dub.): 14h20. **TOY STORY 5** (*idem*). EUA, 2026. Dir.: Andrew Stanton. Animação. O trabalho de Buzz, Woody, Jessie e do resto da turma fica exponencialmente mais difícil quando eles enfrentam uma nova ameaça na hora da brincadeira. 1h42. 6 anos. **João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 2 (dub.): 18h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 4 (dub.): 12h20. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 13h45, 16h15, 18h40. CINESERCLA TAMBIA 4 (dub.): 16h05. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4 (dub.): 16h05.

Exposições

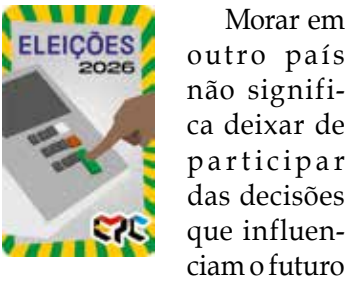
CONTINUAÇÃO **COMO MERGULHAR PROFUNDAMENTE NA TERRA.** Exposição imersiva e sensorial da artista visual e ceramista paraibana Inara March, que faz refletir sobre temas importantes como as questões climáticas. A mostra propõe um diálogo entre as formações minerais de cavernas e os organismos de corais marinhos, ameaçados pelas mudanças do clima. **João Pessoa:** ESPAÇO GALERIA, situada na ESTAÇÃO CABO BRANCO (Av. João Cirillo da Silva, Altiplano Cabo Branco). Visitação: de terça-feira a sexta-feira (9h às 18h); sábado e domingo, (10h às 18h), até 30/8. Entrada franca. **A INTREPRETAÇÃO DOS SONHOS.** Exposição individual do paraibano Frankleyson Brasileiro traz a público uma série com inspirações surrealistas, baseada na análise psicanalítica do mundo onírico. São 30 telas em óleo sobre tela, além de uma escultura e uma máscara, ambas em papel *machê*. **João Pessoa:** NOVA GALERIA, na CARAVELA CULTURAL (Av. General Osório, 63, Centro). Visitação: quarta-feira (18h às 00h), quinta-feira (19h às 1h), sexta-feira (19h às 2h) e sábado (17h às 3h), até 30/9. Entrada franca. **PASSARADA.** Exposição composta por 20 quadros de Pedro Calado sobre a a diversidade aviária do Nordeste brasileiro. **João Pessoa:** ESPAÇO AQUARELA, situada na ESTAÇÃO CABO BRANCO (Av. João Cirillo da Silva, Altiplano Cabo Branco). Visitação: de terça-feira a sexta-feira (9h às 18h); sábado e domingo, (10h às 18h), até setembro. Entrada franca.

VOTO NO EXTERIOR

Cidadania ultrapassa fronteiras

Paraibanos que vivem fora do Brasil preparam-se para comparecer às urnas nas eleições para presidente

Pedro Alves
pedroalvesjp@yahoo.com.br



Morar em outro país não significa deixar de participar das decisões que influenciam o futuro do Brasil. A cada eleição presidencial, milhares de brasileiros que vivem no exterior comparecem às urnas instaladas em embaixadas, consulados e espaços alugados pelo Ministério das Relações Exteriores para exercer um direito que ultrapassa fronteiras: o voto. O número de brasileiros aptos a votar no exterior cresceu 31,8% de 2022 a 2026, passando de 6971 mil para 918,9 mil. O aumento foi de aproximadamente 221,8 mil eleitores em quatro anos, segundo dados divulgados pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

Embora a votação no exterior seja destinada apenas à escolha do presidente e do vice-presidente da República, a participação é fundamental para garantir que cidadãos que mantêm vínculos com o Brasil continuem representados nas decisões nacionais. Afinal, muitos possuem familiares no país, investimentos, patrimônio e planos de retornar para casa no futuro, além de acompanharem de perto os impactos das políticas públicas brasileiras.

Mesmo quem constrói uma nova vida em outro país continua sendo afetado por decisões relacionadas à economia, às relações internacionais e aos serviços consulares oferecidos pelo governo brasileiro. Ademais, há a temática das políticas externas do Brasil com outros países e as de várias nações com o governo brasileiro. Tudo isso está em jogo no processo eleitoral.

“O número de brasileiros que vivem no exterior é muito alto, estimado em cerca de 4,9 milhões de pessoas. Por mais que exista a distância física, é extremamente importante que os emigrantes brasileiros se mantenham informados e votem nas eleições presidenciais. Emigrantes continuam sendo cidadãos de seus países de origem, e é aconselhável que pesquisem e escolham candidatos para depositarem seu voto, mesmo do exterior, buscando o melhor para o desenvolvimento contínuo de suas nações”, analisa Samara Guimarães, que é

graduada em Relações Internacionais pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Samara também morou fora do país. No Reino Unido, tornou-se doutora em Desenvolvimento Internacional pela Universidade de Birmingham. Em solo inglês, foi estudante e sentiu bastante interesse em compreender a política local. Ela fala da importância de viver as diversas experiências que um novo país pode proporcionar, inclusive o contexto político, mas destaca que é igualmente necessário seguir acompanhando o que acontece na terra natal.

“Com a distância física do Brasil, fui, aos poucos, acompanhando, com menos frequência, as agendas políticas do governo brasileiro e dos partidos, assim como os debates políticos em voga. Penso que é natural que emigrantes se voltem à realidade dos países onde vivem, buscando compreender e vivenciar a vida política de seus novos lares. Todavia, como internacionalista e doutoranda em Desenvolvimento Internacional, convivendo com colegas de várias nacionalidades, todos envolvidos com política internacional, eu me mantinha atenta à vida política brasileira”, conta.

Foi envolta nesse cenário de viver fora do país — mas, ainda assim, colocando como prática diária a sua relação com a terra natal — que a paraibana Clara Monte, atualmente com residência fixa no Canadá, decidiu, mais uma vez, exercer seu direito

ao voto. Depois de participar das Eleições 2022 no país norte-americano, ela voltará às urnas neste ano.

Professora de Educação Infantil, Clara mora na cidade de London desde 2021. Ela e o esposo, Rammom Monte, fazem questão de estar aptos para participar do pleito brasileiro e do processo eleitoral. Em 2022, votaram em Toronto, a duas horas do município onde residem. O casal repetirá o percurso neste ano.

“Chegamos ao Canadá em 2021 e, em 2022, já tivemos eleições. Assim que chegamos, procuramos saber o que precisava ser feito para regularizar a situação e podermos votar. Até que foi bem simples, tudo feito pelo aplicativo do e-Título. Nós moramos bem próximo a uma das cidades em que os brasileiros podem voltar, que é Toronto. Aqui, só se pode votar em quatro cidades: Toronto, Montreal, Vancouver e Ottawa”, explica Clara.

No dia 4 de outubro, a família terá uma nova companhia e a exigência de uma logística mais especial. Em 2022, Clara não tinha Olga, sua filha, que nasceu no Canadá e, agora, acompanhará os pais e participará, a seu modo, desse momento brasileiro em solo canadense.

“A gente mora bem próximo a Toronto, que fica a duas horas de carro. Em 2022, a logística foi bem simples. Acorramos cedinho e fomos logo, porque não sabíamos se iríamos enfrentar muita fila. Ficamos apreensivos quanto a isso, mas foi tudo bem tranquilo. Neste ano, vamos votar novamente, mas a organização vai ser um pouco diferente, porque agora nós temos uma criança pequena”, diz Clara Monte.

A professora também analisa que, apesar de morar fora do país há cinco anos, sente-se pertencente ao Brasil e, por isso, faz questão de ser parte da construção contínua que é o fazer democrático no país. O processo eleitoral, portanto, é um desses encontros com o Brasil. Para ela, é fundamental para o exercício de cidadania o ato de votar no projeto político que ela quer para a sua terra natal, mesmo, por

ora, estando distante fisicamente dela.

“Eu faço questão de votar, porque eu sou brasileira. A minha casa, o meu lugar, o meu país é o Brasil, apesar de morar fora. O Brasil é onde as pessoas que eu amo vivem e é o lugar no qual penso muito. É um lugar que eu quero que se desenvolva, que continue crescendo. Eu quero que a minha filha, que nasceu no Canadá, crie vínculos com o Brasil também, então eu me importo muito com o Brasil. E votar faz parte de tudo isso”, destaca.

Já o jornalista paraibano Daniel Sousa fará sua primeira votação fora do seu país. Residente na Alemanha, ele também enxerga uma importância extrema em fazer parte do processo eleitoral brasileiro, mesmo construindo uma trajetória de vida em outro país.

“Eu não deixo de participar do processo eleitoral desde que eu fiquei apto, aos 16 anos. Eu gosto muito de acompanhar política e de fazer a minha parte nesse grande momento da democracia brasileira. Eu vim morar aqui em Kiel,

na Alemanha, dias depois do segundo turno de 2022. Fiz essa mudança eleitoral e, agora, votarei aqui”, comenta.

Acompanhado pela esposa, Gessy Araújo, e por um grupo de amigos, Daniel fará um trajeto de 1h30 para exercer a cidadania. Ele explica como será a logística e quais as possibilidades de cidades que contemplam o processo eleitoral brasileiro no exterior.

“Quem mora em Berlim tem essa facilidade de votar diretamente na Embaixada. Quem mora em Munique também, mas quem mora em regiões metropolitanas precisa realmente se deslocar bem mais para poder fazer valer a sua participação no processo democrático. Eu fiz a transferência do meu título e vou votar em Hamburgo, onde há um escritório consular”, detalha o jornalista.

Como votar no exterior

Para votar fora do Brasil, o eleitor precisa transferir seu domicílio eleitoral para o país onde reside, desde que exista uma representação diplomática brasileira habilitada a rea-

lizar a votação. Todo o procedimento pode ser solicitado pela *internet*, por meio dos canais oficiais da Justiça Eleitoral, respeitando os prazos definidos para cada eleição.

Entre os documentos normalmente exigidos, estão um documento oficial com foto e o comprovante de residência no exterior, além de outras documentações exigidas. Após a transferência, o eleitor passa a votar na embaixada ou no consulado responsável pela região onde mora. No exterior, a votação acontece, exclusivamente, para os cargos de presidente e vice-presidente da República.

A participação dos brasileiros residentes fora do país demonstra que a cidadania não termina nas fronteiras nacionais nem com a emigração. Independentemente da distância, o voto continua sendo um instrumento de representação democrática e uma forma de ser mantida a conexão com a terra natal, contribuindo para a construção dos próximos capítulos da história do país e da sua relação com as diversas nações do planeta.



No Canadá, quarto país estrangeiro com mais eleitores brasileiros, votação acontece em quatro municípios: Toronto, Montreal, Vancouver e Ottawa

Foto: Arquivo pessoal/Clara Monte



Daniel Sousa viajará de Kiel a Hamburgo para votar

Foto: Arquivo pessoal

Veja as 10 cidades no exterior com maior eleitorado brasileiro

-  **Lisboa, Portugal:** 78.833 eleitores (aumentou 74,1% em relação ao pleito de 2022)
-  **Boston, Estados Unidos:** 53.406 (aumentou 43,7%)
-  **Porto, Portugal:** 47.676 (aumentou 58,4%)
-  **Nagóia, Japão:** 44.570 (aumentou 25%)
-  **Miami, Estados Unidos:** 40.104 (diminuiu 0,21%)
-  **Nova Iorque, Estados Unidos:** 39.026 (aumentou 39,7%)
-  **Londres, Inglaterra:** 37.564 (aumentou 8,9%)
-  **Tóquio, Japão:** 30.062 (aumentou 4,6%)
-  **Paris, França:** 27.062 (aumentou 19,6%)
-  **Orlando, Estados Unidos:** 26.411 (sem informação sobre variação)

Fonte: TSE

SISTEMA NACIONAL

PEC da Segurança chega ao Senado para análise

Texto enviado pelo Poder Executivo foi modificado pela Câmara dos Deputados

Da Redação
com agências

A Proposta de Emenda à Constituição (PEC) nº 18/2025, que reorganiza o sistema de segurança pública, será analisada pelo Senado em versão diferente da enviada pelo Poder Executivo. O texto aprovado pela Câmara dos Deputados redefine as fontes de financiamento do setor, incluindo a destinação de parte da arrecadação das apostas esportivas aos fundos nacionais de segurança pública e do sistema penitenciário.

Relator da PEC nº 18/2025 na Câmara, o deputado Mendonça Filho (União-PE) reduziu os percentuais de recursos destinados aos fundos de segurança, suprimiu o dispositivo que previa a redução da maioria penal e alterou a distribuição da arrecadação das apostas esportivas e do Fundo Social do Pré-Sal.

Segundo a proposta, 10% dos recursos arrecadados com as chamadas “*bets*” serão destinados ao Fundo Nacional de Segurança Pública (FNSP) e ao Fundo Penitenciário Nacional (Funpen) em 2026. Esse percentual aumentará gradualmente até alcançar 30% em 2028, patamar que passa a ser permanente. Antes do cálculo dessa reserva, porém, deverão ser descontados da arrecadação os valores pagos em prêmios, o Imposto de Renda incidente sobre eles e o lucro bruto das casas de apostas. Com isso, a proposta não aumenta a tributação sobre as operadoras de apostas. Em vez disso, destina aos dois fundos parte dos recursos atualmente distribuídos às demais instituições beneficiadas pelo rateio. O relator na Câmara retirou a previsão de aumento de 6% na tributação das casas de apostas.

De acordo com a PEC, 10% do superávit financeiro dos recursos do Fundo Social do Pré-Sal de cada ano deverão ir para o FNSP e o Funpen, também com transição gradativa (1/3 desse aumento por ano, de 2027 a 2029). Na versão anterior, seriam 15% das receitas do fundo.

O Fundo Social foi criado para receber recursos da União provenientes da exploração do petróleo para projetos e programas em diversas áreas, como educação, saúde pública, meio ambiente e mitigação e adaptação às mudanças climáticas.

Outra alteração feita pelo relator na Câmara foi a retirada da diminuição da maioria penal de 18 para 16 anos em crimes com violência ou grave ameaça à pessoa, cuja validade dependeria de um referendo popular.

O que muda

A PEC nº 18/2025 assegura a todos os órgãos de segurança pública a competência comum de encaminhar, por meio de sistema eletrônico integrado, o registro das infrações penais de menor po-



Foto: Joel Rodrigues/Agência Brasil

Legislativo suprimiu o dispositivo que previa a redução da maioria penal no país

tencial ofensivo diretamente ao Judiciário. Isso ocorrerá sem prejuízo da prisão em flagrante ou da apuração pelas polícias Civil ou Federal, conforme o caso. Assim, a Polícia Militar ou a Guarda Municipal poderão fazer esse encaminhamento sem passar primeiramente pela Polícia Civil.

De acordo com a proposta, qualquer órgão do sistema poderá conduzir à autoridade de polícia judiciária a pessoa presa em flagrante delito ou em razão de cumprimento de mandado de prisão. O texto que será analisado pelos senadores permite a todos os órgãos de segurança conduzir à autoridade a pessoa que esteja descumprindo medida cautelar de natureza penal, protetiva, disciplinar, socioeducativa ou que estiver cometendo falta grave. Já as normas gerais da atividade de inteligência serão competência da União.

Cooperação

A proposta estabelece que o Sistema Único de Segurança Pública (Susp), criado pela Lei nº 13.675/2018, fará parte da Constituição, com quatro diretrizes para a cooperação federativa:

- atuação em força-tarefa intergovernamental (entre diferentes esferas de governo) ou interinstitucional (entre diferentes instituições), admitida a participação do Ministério Público;
- sistemas que conversem entre si (interoperabilidade);
- compartilhamento de informações;
- atuação articulada e cooperativa entre instituições e órgãos federais, distritais, estaduais e municipais na produção e no intercâmbio de provas, informações de interesse da prevenção, investigação ou da instrução criminal, nos termos da lei.

Todos os órgãos de segurança pública listados na Constituição deverão prevenir e reprimir as infrações praticadas por organizações criminosas de qualquer natureza, milícias privadas e contra o meio ambiente, na forma da lei.

Disciplinas

Em decorrência das mudanças propostas, a lei que instituiu o Susp passará a disciplinar diretrizes de planejamento pactuado e atuação descentralizada, o registro simplificado de infrações de menor potencial ofensivo e as regras para a aquisição de material de natureza militar.

A proposta também prevê a criação de um regime jurídico especial para o tratamento e o compartilhamento de dados, inclusive os sigilosos, preservada a finalidade pública e a compatibilidade entre os sistemas. Além disso, passa a exigir pesquisa social e exame psicológico para a posse em cargos de segurança pública e inteligência.

Direitos

A proposta inclui na Constituição o direito das vítimas de crimes à tutela judicial efetiva, com garantia de proteção, acesso à informação, acesso à Justiça e participação no processo penal, com atenção especial às mulheres. Também estabelece que a execução da pena deverá assegurar a prestação de justiça à vítima, a reparação dos danos e a proteção da sociedade.

O texto ainda prevê a criação, por lei, de um regime jurídico especial para integrantes e líderes de organizações criminosas, facções, milícias privadas e grupos paramilitares, além de autores de crimes de alta lesividade praticados com violência ou grave ameaça, especialmente contra mulheres, crianças e adolescentes. Essa lei também deverá definir as atividades ilícitas características desses grupos.

Entre as medidas previstas, estão a obrigatoriedade de prisão provisória ou definitiva em presídios de segurança máxima ou de natureza especial, a restrição ou proibição da progressão de regime, da liberdade provisória e de acordos que impeçam a condenação do colaborador, além da responsabilização civil, penal e administrativa de pes-

■
Qualquer órgão poderá conduzir à autoridade de polícia judiciária a pessoa presa em flagrante ou por força de mandado

soas jurídicas envolvidas, sem prejuízo da responsabilidade individual de seus dirigentes.

Situação de condenados

A proposta também restringe ou proíbe benefícios hoje previstos na legislação para condenados submetidos ao regime jurídico especial. Nesses casos, poderão ser adotadas medidas cautelares sobre o patrimônio e determinada a perda de bens, direitos ou valores relacionados às atividades criminosas, sem indenização ao proprietário. Os recursos obtidos serão destinados a um fundo especial previsto em lei.

Outro ponto da PEC é a suspensão dos direitos políticos em todos os casos de prisão provisória. Na prática, pessoas nessa condição não poderão votar enquanto durar a suspensão.

Pensão por morte

O texto aprovado altera regras da reforma da Previdência para ampliar o acesso à pensão por morte ou invalidez diferenciada dos dependentes de policiais e agentes socioeducativos. O benefício passará a ser devido em qualquer caso de morte ou invalidez do servidor ocorrido no exercício da função ou em razão dela. Hoje, essa modalidade de pensão é prevista apenas quando a morte resulta de agressão sofrida durante o serviço ou em decorrência dele. A proposta também elimina a exigência de que a pensão seja a única fonte de renda formal do dependente para a concessão do benefício.

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Microcrônicas (53)

“Os artistas carregam a loucura sã que torna a vida suportável!” (Adeildo Vieira).

“Bar é uma boca com CNPJ que vende droga recreativa para gente que se diz contra as drogas” (Âmeba, o drogadicto maldito).

Não existe mais ninguém que me diga, enternecido: “Eu conheci esse menino de criança”. Sinal do fim dos tempos...

“Os livros não são coisas mortas, pois existe neles um poder de vida que se multiplica em realizações miraculosas. Destruir um livro ou evitar um livro pode causar perdas maiores do que matar um homem, do ponto de vista dos interesses da própria humanidade” (John Milton, em *Areopagitica*, de 1644).

Todo mundo sabe que os peidos das vacas vão destruir a camada de ozônio. Não é lenda urbana, é rural.

“Minha missão na vida é descobrir para que eu sirvo, porque eu não canto, não danço, não desenho, não escrevo, não cozinho, só sei comer e dormir. Não é possível que Jesus me jogou aqui à toa” (Âmeba, o amargo).

“Só Exu tira o Malafaia das pessoas” (Pichação de rua).

Saudade do cara do carrinho de CD pirata passando aqui na porta tocando Reginaldo Rossi. “*Mon amour*, meu bem, *ma femme*”.

Em 2013, o papa liberou a camisinha, a pílula e o casamento gay. A maconha ficou para outra oportunidade.

Faço propaganda dos meus defeitos. Que seria de nós sem eles, não é? Minhas virtudes, deixo que o público ofereça cortezmente sua cota de reconhecimento.

Meu folheto *Baile de madame Preciosa na Praia de Tambaba* foi censurado em um salão de artesanato na Paraíba. De vez em quando, a gente dá de cara com a mentalidade censora zanzando ao léu com o falso moralismo.

Ainda em 2016, o Papa Chico caiu, mas se levantou e passou bem. Seu anjo da guarda foi devidamente afastado do serviço para averiguações.

“Não estou dizendo que eu seja o Batman. Mas nunca viram eu e o Batman juntos no mesmo lugar” (Âmeba, o super protozoário).

“Um bom diplomata é aquele com capacidade de permanecer calado em pelo menos cinco idiomas” (Alcelmo Gois).

Uma vez me perguntaram qual a profissão dos meus sonhos. Eu queria mesmo era ser funcionário fantasma de prefeitura!

Curiosidade que eu vi não sei onde e repasso de graça: você sabia que o pirarucu cuida dos filhos até eles completarem 18 anos e entrarem numa faculdade?

Em 16 de maio de 2019, o ex-juiz Sérgio Moro julgou o caso de um homem armado com um cacete que deu uma cacetada numa mulher, a mesma vindo a sofrer escoriações na parte cabeçal dela.

O então juiz Sérgio Moro enquadrou o réu como culpado por portar arma branca sem autorização. Moro disse assim na sentença: “Um pau com mais de 20 centímetros pode, sim, ser considerado arma branca e o indivíduo que tiver portando um pau desse tamanho estará sujeito às devidas sanções penais”.

“Houve um tempo em que os animais falavam. Hoje, eles até escrevem” (Maciel Caju, querendo me ofender por vias oblíquas).

Deus fez aquele político que você sabe o nome, o diabo achou na lixeira e pegou para criar.

Quem tem uma conduta absolutamente irrepreensível é muito suspeito.

EXTREMOS CLIMÁTICOS

Ventania expõe falhas nas cidades

Previsão é que o país sofra com impactos de intensidade moderada a muito forte por causa do fenômeno El Niño

Rafael Cardoso
Agência Brasil

Nos últimos dias, ventos acima de 100 km/h provocaram mortes e transtornos generalizados nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Para especialistas em clima e meio ambiente, o fenômeno expôs, mais uma vez, que as cidades brasileiras não estão preparadas para lidar com eventos climáticos extremos.

A preocupação é ainda maior com a previsão que, ao longo do segundo semestre deste ano, o país sofra com impactos de intensidade moderada a muito forte por causa do fenômeno El Niño.

De acordo com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) e o Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), a previsão inclui chuvas excessivas, secas severas e ondas de calor, a depender da região.

Para Pedro Torres, professor de Ciências Ambientais da Universidade Estadual Paulista (Unesp), a gestão das cidades é apenas reativa diante dos fenômenos extremos e ignora riscos futuros.

O pesquisador também integra o Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima (IPCC), principal órgão científico global da Organização das Nações Unidas (ONU). “Se entendemos que estamos vivendo uma emergência climática, as ações para a adaptação precisam também entrar nessa seara da emergência. Eventos extremos vão acontecer cada vez mais e com mais intensidade. Não se trata apenas de ter um melhor alerta. O desafio agora é construir cidades mais resilientes”, ressalta.

Etapas

O porta-voz da Frente de Justiça Climática do Greenpeace Brasil, Rodrigo Jesus, explica que a gestão de riscos precisa considerar três etapas complementares para ser eficiente.

Não basta a previsão meteorológica e a emissão de alertas, se as cidades não tiverem estruturas adaptadas para lidar com o problema quando ele acontece. “A maior atenção tem que ser dada em como a cidade está sendo pensada para proteger as pessoas. Eventos extre-



Foto: Thania Rêgo/Agência Brasil

Previsão meteorológica e emissão de alertas são insuficientes para proteger a população, caso as cidades não tenham estruturas adaptadas para lidar com o problema

mos serão o nosso normal a partir de agora”, esclarece Rodrigo e acrescenta: “A gente precisa priorizar a prevenção e o pós-desastre justamente para, quando a emergência chegar, não ficar perdido tentando saber o que fazer”.

Alertas

No Rio de Janeiro, os alertas sobre ventos fortes foram emitidos pouco tempo antes do início do fenômeno na quarta-feira (29). O que levantou questionamentos sobre a eficácia do monitoramento meteorológico e da comunicação à população.

Para o Centro de Operações da Prefeitura do Rio (COR-Rio), o Sistema Alerta Rio emitiu um aviso meteorológico às 14h15, com informações sobre a possibilidade de rajadas atingirem a cidade do Rio a partir da tarde.

“A partir do momento em que foram identificadas rajadas intensas de vento, os avisos foram emitidos via SMS e WhatsApp para todos os moradores cadastrados no Sistema de Avisos”, informa a nota do COR-Rio.

Conforme a Secretaria de Estado de Defesa Civil (Sedec-RJ), o Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres

Naturais (Cemaden-RJ) emitiu alerta às 15h30 sobre a possibilidade de rajadas de vento moderados ou fortes nas regiões Costa Verde, Sul Fluminense, Baixada Fluminense, Metropolitana, Baixadas Litorâneas e Norte Fluminense.

“Quarenta e quatro prefeituras têm autonomia para emitir as mensagens via SMS diretamente à população. Os demais [48] são cobertos pelos serviços da Sedec-RJ, que efetua o envio dos avisos dentro dos protocolos estabelecidos pelo Sistema Estadual de Proteção e Defesa Civil”, reforça a nota da Sedec-RJ.

Segundo o especialista do Greenpeace, Rodrigo Jesus, a ventania que atingiu o Rio de Janeiro pode ser considerada um fenômeno de evolução rápida, que traz alguma margem de incerteza para a meteorologia.

Porém, a pergunta central não deve ser se a previsão acertou a velocidade exata do vento, mas, sim, se a cidade conseguiu responder rapidamente e proteger a população diante de um evento grave.

“A imprevisibilidade meteorológica não deve ser justificativa para que a gente não tenha uma cidade preparada. O limi-

te não é da tecnologia, o limite é justamente da política pública e dos gestores públicos”, analisa Rodrigo.

Adaptação das cidades

Além das mortes, os transtornos da ventania no Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul envolveram quedas de árvores, apagões de energia para milhares de pessoas e paralisação no transporte público.

Para o especialista do Greenpeace, esses problemas poderiam ser evitados com um planejamento adequado. Entre as medidas apontadas estão o manejo preventivo da arborização urbana, a modernização da rede elétrica, a atualização dos mapas de risco, a revisão dos planos de adaptação climática e a incorporação do risco climático em projetos de infraestrutura.

“Todos os projetos aprovados pelas secretarias de obras deveriam passar por uma avaliação sobre como aquela intervenção contribui para proteger a população diante das mudanças climáticas”, defende Rodrigo.

Ele também entende que concessionárias privadas responsáveis por serviços públicos, como energia elétrica, precisam apre-

sentar planos de gestão de risco.

“A prefeitura precisa ficar atenta aos contratos de concessão e verificar se a empresa privada está apresentando o plano de mitigação de manejo de risco diante dessas situações”, enfaiza.

Para o professor Pedro Torres, uma das medidas que podem fortalecer a adaptação das cidades é a criação de abrigos climáticos. “Seriam espaços para proteger as pessoas durante um evento extremo. Eles também podem funcionar como locais de cultura, debate e informação, onde a população aprende sobre os riscos climáticos e fortalece essa cultura do risco e da prevenção”, analisa.

Educação para o risco

Além da adaptação física das cidades, os especialistas defendem investimentos permanentes em educação ambiental e formação da população para situações de emergência.

Pedro Torres explica que o Brasil ainda apresenta um déficit nesse tema. Segundo ele, esse processo depende de ações permanentes de educação e conscientização, envolvendo escolas, universidades, empresas e o po-

der público.

“Os próprios alertas, muitas vezes, não são levados a sério. Isso revela uma falta de cultura do risco que precisa ser trabalhada desde cedo”, destaca o pesquisador.

Para Rodrigo Jesus, o Brasil deveria seguir o exemplo de países frequentemente atingidos por desastres naturais, como Japão e Filipinas, que incorporaram protocolos de emergência ao cotidiano da população por meio de campanhas permanentes, simulados e atividades nas escolas.

“A gente aprende desde cedo como agir em um incêndio ou em um acidente de trânsito. Mas poucas pessoas recebem orientação sobre como agir diante de uma ventania extrema, uma onda de calor ou uma inundação”, alerta o especialista.

■ Especialista acredita que problemas poderiam ser evitados com planejamento

FRUTAS E HORTALIÇAS

Ceasas comercializaram 16,6 milhões de toneladas em 2025

Agência Gov

O setor hortigranjeiro movimentou 16,6 milhões de toneladas no ano de 2025, com R\$ 68,7 bilhões comercializados. Os dados foram divulgados pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), na última terça-feira (28), e fazem parte das ações do Programa Brasileiro de Modernização do Mercado Hortigranjeiro (Prohort). A pesquisa avaliou o valor transacionado por 54 Centrais de Abastecimento (Ceasas) por subgrupos de hortaliças e de frutas,

com o objetivo de verificar o comportamento de cada segmento.

De acordo com o levantamento, as centrais com maior comercialização de hortigranjeiros em 2025 foram a Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo (Ceagesp), na unidade da capital paulista, com volume de 2,99 milhões de toneladas e montante de R\$ 13,9 bilhões; o Mercado Municipal de Juazeiro (BA), com cerca de 1,62 milhão de toneladas e R\$ 6,11 bilhões; a CeasaMinas, localizada em Contagem, com 1,499 milhão de

toneladas e R\$ 6 bilhões; e a Ceasa-RJ, na capital fluminense, com 1,497 milhão de toneladas e R\$ 6,11 bilhões comercializados.

A pesquisa da Conab também apontou estabilidade no volume total de hortigranjeiros vendidos nos entrepostos atacadistas considerados, com redução de 0,82% em relação a 2024.

Para o quantitativo negociado, a queda de 9,29% está associada aos patamares superiores de preços verificados em 2024, devido às condições climáticas adversas. No comparativo por regiões,

o Sudeste foi responsável por 52% do volume de vendas de hortigranjeiros em 2025 e por 54% do total negociado.

Entre as 26 Ceasas que compõem a base de dados do Sistema de Informações do Mercado Atacadista de Hortigranjeiros (Simab), a movimentação de hortaliças cresceu em seis unidades, com maiores percentuais em Rio Branco (AC) (44,9%), Belo Horizonte (MG) (4,4%) e Foz do Iguaçu (PR) (4,2%).

No total, houve redução de 2,8% na quantidade de produtos comercializados em 2025. O documento evi-

dencia a interferência das condições climáticas adversas sobre a produção.

Para as frutas, a Companhia registrou aumento no quantitativo transacionado em 11 Ceasas. Os maiores indicadores foram apurados em Rio Branco (AC) (24,11%) e Goiânia (GO) (21,04%). No comparativo anual, o levantamento apontou queda de 1,52% na comercialização de frutas no último ano. De acordo com a análise, a variação reflete um mercado resiliente, com influência de variações térmicas e regime de chuvas sobre o volume ofertado.

Exportações

O Brasil exportou cerca de 1,3 milhão de toneladas de frutas em 2025, com elevação de 19,7% em relação a 2024. De janeiro a dezembro do último ano, o faturamento cresceu 29%, atingindo U\$S 1,56 bilhão.

Os números resultam do aumento dos envios de mangas, melões, melancias, limões e limas para o mercado exterior, que representam mais de 73,5% do total exportado. O principal destino das frutas brasileiras foi a União Europeia.

EM TRÊS ESTADOS

Editais reúnem 1,8 mil vagas no NE

Prefeitura de Pirpirituba, Secretaria de Saúde de Alagoas e Perícia Oficial do Maranhão oferecem oportunidades

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Agosto pode até ser popularmente conhecido como mês do desgosto. Mas, para quem busca uma vaga no serviço público, a realidade é bem diferente: não faltam boas notícias. Na Paraíba, a Prefeitura de Pirpirituba oferece oportunidades para profissionais de níveis fundamental, médio, técnico e superior. Já em Alagoas, o destaque está nas 1,7 mil vagas abertas pela Secretaria de Saúde, principalmente para enfermeiros e técnicos de enfermagem. No Maranhão, por sua vez, a busca é por agentes, médicos-legistas e peritos criminais

Brejo paraibano

Com 45 vagas anunciadas, além de cadastro reserva, o concurso da Prefeitura de Pirpirituba abrange atividades ligadas ao funcionamento da cidade e funções mais especializadas. Há oportunidades para profissionais de todos os níveis de escolaridade, desde auxiliar de serviços gerais até terapeuta ocupacional, passando por cozeiro, gari, mecânico, motorista, vigia, agente administrativo, médico, enfermeiro, técnico de enfermagem, psicólogo, assistente social e fonoaudiólogo, entre outras atividades. A maior concentração de vagas está na área da educação, com a seleção de professores de diferentes áreas do conhecimento.

Com carga horária pre-



Foto: Divulgação/Polícia Civil do Maranhão

O Maranhão tem vagas de emprego para agentes, médicos-legistas e peritos criminais

vista de 20 a 40 horas semanais, a jornada de trabalho varia conforme a função escolhida. A mesma lógica aplica-se aos vencimentos básicos, que partem de R\$ 1,6 mil e podem chegar a R\$ 6 mil. Entretanto, algumas carreiras contam, também, com complementações e gratificações, como é o caso dos médicos — que recebem adicional de insalubridade. Para participar do concurso, o candidato deve efetuar a inscrição pelo sistema da Comissão Permanente de Concursos da Universidade Estadual da Paraíba (CPCCon/UEPB) até a próxima sexta-feira (7). As taxas cobradas são R\$ 75 para cargos de nível fundamental, R\$ 95 para médio e R\$ 115 para superior.

Quanto à avaliação, será aplicada uma prova objetiva, de caráter eliminatório e classificatório, a todos os candidatos, no dia 29 de novembro. Motoristas ainda passarão por avaliação prática, marcada para 31 de janeiro

de 2027, enquanto os candidatos ao magistério terão os títulos analisados, como etapa adicional. Todo o processo ocorrerá em Pirpirituba.



Use o QR Code e acesse o edital da Prefeitura de Pirpirituba

Saúde de Alagoas

Responsável pela maior parte das vagas reunidas nesta semana, o concurso da Secretaria de Saúde de Alagoas (Sesau-AL) pretende reforçar os diferentes pontos de atendimento à população da rede pública. No total, são 1,7 mil oportunidades imediatas, além de cadastro reserva, para profissionais de

níveis médio/técnico e superior. Só a área de enfermagem concentra mais de 1,2 mil postos, sendo 828 para técnicos e 407 para enfermeiros. Também há vagas para profissionais ligados a análises laboratoriais, radiologia, farmácia, reabilitação, nutrição, atendimento psicossocial e assistência odontológica hospitalar.

Para os cargos de assistente em saúde, que exigem formação técnica, a remuneração inicial prevista é de R\$ 2 mil, com jornada de 30 horas semanais. Já no caso de especialistas em saúde, o valor sobe para R\$ 5,7 mil por 40 horas de trabalho semanais. De acordo com o edital, a lotação do futuro servidor será definida por município e caberá à Sesau-AL fazer a distribuição.

Com prazo aberto até 26 de agosto, as inscrições seguem disponíveis pelo site do Centro Brasileiro de Pesquisa em Avaliação e Seleção e de Promoção de Eventos (Ce-

braspe). A taxa cobrada varia conforme o nível de escolaridade exigido pelo cargo: custa R\$ 120 para médio/técnico e R\$ 160 para superior. Quanto à seleção, ela será composta por provas objetivas e discursivas, previstas para 1º de novembro, a serem realizadas nas cidades de Arapiraca e Maceió. Somente os candidatos aos cargos de especialistas passarão pela etapa adicional de análise de títulos.



Use o QR Code para acessar o edital da Sesau-AL

Maranhão

Bem diferente dos demais concursos da semana, o edital aberto pelas secretarias maranhenses de Administração (Sead) e Segurança Pública (SSP) oferece a profissionais de diferentes áreas a possibilidade de trabalhar na Perícia Oficial do estado. O certame reúne 76 vagas imediatas, além de cadastro reserva, para agentes, médicos-legistas, odontologistas e peritos criminais. Com 30 oportunidades, o cargo de agente de perícia criminal é o que apresenta o maior número de vagas e aceita graduação em qualquer área. Já para agente de perícia médico-legal, são 11 oportunidades destinadas a profissio-

nais da saúde. Além disso, há outras 25, a serem preenchidas por médicos-legistas, e uma vaga para odontologista.

Dentro da carreira de perito criminal, as especialidades buscadas são Serviço Social, Psicologia, Medicina Veterinária, Fonoaudiologia, Contabilidade, Economia, Matemática, Computação, Arquitetura, Física, Química, Biologia, Geologia e Engenharia. A jornada é de 40 horas semanais, com salários que vão de R\$ 4,5 mil a R\$ 14,6 mil. Se você ficou interessado e está disposto a fazer as malas, acesse o site do Cebraspe até 5 de outubro e realize a inscrição, conforme as instruções. As taxas são de R\$ 150 para agente de perícia médico-legal, R\$ 180 para agente de perícia criminal e R\$ 250 para os demais cargos.

Além das provas objetiva e discursiva, previstas para 10 de janeiro do próximo ano, os candidatos também passarão por exame médico, avaliação psicológica, investigação social, análise de títulos e curso de formação profissional. As etapas ocorrerão nos municípios de São Luís, Imperatriz e Caxias.



Use o QR Code para acessar o edital da Perícia do Maranhão

Administração dá forma às ideias e direção às organizações

Por trás de uma empresa, de uma escola ou até de um órgão público, há um trabalho de bastidor que, embora não salte aos olhos do público, mantém tudo funcionando. Afinal, alguém precisa organizar as pessoas, os recursos e os processos envolvidos nessas atividades. Para além das planilhas e reuniões, a figura do administrador ocupa um espaço fundamental entre a ideia e sua execução, ajudando a organização a definir prioridades, corrigir rotas e lidar com imprevistos. Para o coordenador dos cursos de Administração da Estácio, Gleiner Vinicius Vieira Costa, mestre em Gestão e Desenvolvimento, além de consultor empresarial, administrar significa compreender pessoas e transformar ideias em ações concretas.

Foi durante a graduação que ele percebeu que a profissão não ficaria restrita ao controle de recursos ou ao acompanhamento de resultados, como se o trabalho fosse um eterno *checklist* de metas e processos. À medida que aprofundava seu conhecimento em áreas como estratégia e gestão de pes-



Foto: Arquivo pessoal

Gleiner: “Administrar significa transformar ideias em ações”

soas, ele passou a enxergar o profissional especializado em Administração como alguém capaz de fazer projetos e empresas funcionarem de forma mais eficiente e inovadora. “Essa combinação entre planejamento, liderança e impacto na vida das pessoas foi o que consolidou minha escolha pela profissão”, conta.

Carreira versátil

Não por acaso, esse profissional consegue trilhar caminhos bastante diferentes. Com Gleiner, foi assim: ao longo da carreira, ele passou a dividir-se entre a gestão acadêmica, a docência e a consultoria empresarial. As possibilidades, porém, vão além disso. Há espaço em empresas privadas, ins-

tituições públicas, organizações sociais, cooperativas e *startups*, além da alternativa de empreender. E, dentro dessas estruturas, segundo ele, o administrador pode atuar em áreas como finanças, *marketing*, logística, gestão de pessoas, planejamento estratégico, inovação e análise de dados. “É uma formação que oferece diferentes caminhos e que pode acompanhar o profissional durante diversas fases da carreira”, resume.

E como seria a rotina de um administrador? Para muita gente, a resposta estaria nas planilhas e reuniões que toda empresa tem. Mas, em um mesmo dia de trabalho, ele pode tanto analisar indicadores, acompanhar equipes e organizar processos quanto participar de decisões que definirão o futuro da organização. Ou seja, “muitas decisões passam pelas mãos desse profissional”, observa Gleiner. Na prática, como explica o coordenador, é preciso conciliar o que foi planejado com aquilo que acontece no dia a dia, já que nem sempre as situações seguem, exatamente, o plano inicial. Um prazo pode

mudar ou uma equipe inteira pode encontrar dificuldade para executar algo. “Por isso, é necessário analisar os cenários, ouvir as pessoas envolvidas e tomar decisões responsáveis”, complementa.

Técnica e sensibilidade

Nesse sentido, habilidades como comunicação, liderança e capacidade de ouvir tornam-se tão indispensáveis quanto o domínio das ferramentas de gestão. Para Gleiner, também fazem diferença a inteligência emocional, a organização e a habilidade para negociar e mediar conflitos — até porque, mesmo diante do avanço da tecnologia, algumas responsabilidades continuam sendo essencialmente humanas. Hoje, a quantidade de dados disponíveis pode até ser avassaladora, mas de pouco adianta reunir tantas informações sem saber interpretá-las. Segundo o professor, é o olhar humano que alcança nuances e contextos que nenhuma ferramenta consegue identificar sozinha. “As organizações são formadas por pessoas, e cada decisão administrativa pode produzir consequências profissio-

nais, financeiras e humanas. Por isso, competência técnica e sensibilidade precisam caminhar juntas”, explica.

Diante dessa diversidade de caminhos, fica evidente de que não existe um perfil único de administrador. Há quem prefira os números e quem se identifique mais com a gestão de pessoas — e tudo bem. O importante, segundo o especialista, é ter curiosidade para experimentar as áreas e disposição para compreender como as organizações e as pessoas funcionam. “A Administração oferece muitas possibilidades, mas o estudante precisa assumir uma postura ativa na construção da própria trajetória”, finaliza.

Oportunidade

Para quem pretende ingressar no serviço público, o concurso da Prefeitura de Pirpirituba oferece uma vaga para técnico previdenciário. O cargo pode ser disputado por graduados em Administração, Contabilidade, Direito ou Economia, desde que tenham a certificação exigida pelo edital. A jornada é de 40 horas semanais, com vencimento básico de R\$ 2,6 mil.

Selic	Salário mínimo	Dólar \$ Comercial	Euro € Comercial	Libra £ Esterlina	Inflação	Ibovespa
Fixado em 17 de junho de 2026					IPCA do IBGE (em %)	
14,25%	R\$ 1.621	+0,17%	+0,17%	+0,31%	Junho/2026 0,16	177.999,00 pt
		R\$ 5,070	R\$ 5,845	R\$ 6,861	Maior/2026 0,58	
					Abril/2026 0,67	
					Março/2026 0,88	
					Fevereiro/2026 0,7	+0,47%

TRANSIÇÃO

Nova etapa da reforma tributária inicia amanhã

Empresas começam adaptação para informar IBS e CBS nas notas fiscais

Henrique Toscano
henritosca06@gmail.com

A partir de amanhã, as empresas enquadradas no regime regular de tributação deverão adequar seus sistemas de faturamento aos novos campos do Imposto sobre Bens e Serviços (IBS) e da Contribuição sobre Bens e Serviços (CBS) na Nota Fiscal Eletrônica (NF-e) e na Nota Fiscal de Consumidor Eletrônica (NFC-e). A exigência marca uma etapa inicial da implementação da reforma tributária e será ampliada, gradualmente, para outros documentos fiscais, conforme novo cronograma divulgado pela Receita Federal e pelo Comitê Gestor do IBS.

A ausência destas adequações pode gerar impactos operacionais, afetando a emissão de notas, vendas, logística e fluxo de caixa. Por isso, a mudança exige ajustes em *softwares*, revisão de processos internos e capacitação de equipes para evitar falhas.

Inicialmente, a obrigatoriedade de informar o IBS e a CBS nos documentos fiscais eletrônicos estava prevista para todos os modelos. No entanto, o cronograma foi alterado, na última sexta-feira (31), com a definição de implantar de forma escalonada, com prazos diferentes para cada tipo de documento. A mudança busca ampliar o tempo de



Erros nas informações podem causar prejuízos financeiros e questionamentos do Fisco

adaptação de empresas e desenvolvedores, após dificuldades identificadas na implementação dos novos campos fiscais.

O contador João Alberto afirma que será mais uma fase a ser vencida pelos contadores, assim como foi com o eSocial, em 2015, e com a chegada da Nota Fiscal Eletrônica. “No meu entendimento contábil, os sistemas de NF-e e NFS-e já estão se adequando a esse novo formato de tributação, e o IBS e a CBS estarão 100% inseridos neles até 2028”, avalia.

Alberto explicou que os novos tributos sobre o consumo foram estabelecidos, pela Reforma Tributária, para substi-

tuir os impostos atuais e unificar as legislações. O objetivo é simplificar o Sistema Tributário Nacional e eliminar a tributação em cascata. Na prática, eles compõem o modelo de Imposto sobre o Valor Agregado (IVA), cobrado em cada etapa da produção ou comercialização.

“O Imposto sobre Bens e Serviços é de responsabilidade estadual e municipal e unificará o ICMS e o ISS. Ele substituirá esses impostos atuais, passando a incidir sobre todas as operações com bens e serviços nos estados e municípios. Já a Contribuição sobre Bens e Serviços é de esfera federal e unificará as contribuições do

PIS e da Cofins, além de absorver o IPI. Dessa forma, a CBS substituirá os tributos federais hoje cobrados sobre receita, faturamento e industrialização”, detalha.

João explica que os *softwares* contábeis e de faturamento já passam por atualizações para garantir uma apuração ágil e eficaz dos tributos. “A Reforma Tributária era algo inevitável no Brasil. Porém, a adequação será um ponto de atenção para os pequenos comerciantes, pois pode impactar as vendas e os negócios. Espero que isso não ocorra e que dê tudo certo para o país, uma vez que a carga tributária atual já é muito elevada”, conclui.

Especialista aponta desafios para adequação

Para o advogado tributário e especialista em contabilidade Felipe Crisanto, a principal mudança é que a Nota Fiscal eletrônica passa a comportar os novos tributos criados pela Reforma Tributária: a CBS e o IBS. Ele explica que isso exige que os sistemas de faturamento das empresas sejam atualizados para preencher novos campos, calcular corretamente os tributos e transmitir essas informações ao Fisco. “As empresas precisarão revisar seus cadastros de produtos e serviços, classificação fiscal, parametrizações tributárias, regras de tributação e processos internos”, esclarece.

Felipe ressalta que a emissão correta da Nota Fiscal passa a ser ainda mais relevante. Segundo ele, o documento será a principal base para a apuração dos novos tributos e para o aproveitamento dos créditos na sistemática da não cumulatividade. “Uma informação incorreta pode impedir a tomada de crédito pelo adquirente, gerar divergências com fornecedores e clientes e até resultar em questionamentos fiscais”, observa.

“Além disso, a reforma exige uma mudança de cultura. A

tributação deixará de ser uma preocupação apenas do departamento fiscal e passará a influenciar diretamente decisões comerciais, precificação, con-



Foto: Felipe Crisanto / Japão Pessoa

Uma informação incorreta pode impedir a tomada de crédito pelo adquirente e até resultar em questionamentos fiscais

Felipe Crisanto

tratos, fluxo de caixa e relacionamento com fornecedores”, complementa o especialista.

O advogado avalia que a regulamentação da reforma tributária ainda está em andamento. Ele explica que, embora a Lei Complementar nº 214/2025 tenha estabelecido as regras gerais da CBS e do IBS, diversos detalhes técnicos continuam sendo disciplinados por notas técnicas e atos do Comitê Gestor do IBS e da Receita Federal.

“Neste momento, um dos focos está na implementação das adaptações dos documentos fiscais eletrônicos e na preparação dos sistemas para os testes que antecedem a entrada em vigor do novo modelo. Por isso, as empresas não devem esperar o início da cobrança dos novos tributos para agir”, destaca, recomendando que empresários usem o segundo semestre para revisar cadastros, parametrizar sistemas, simular impactos financeiros, treinar equipes e corrigir inconsistências. “Quem deixar essa adaptação para a última hora tende a enfrentar custos maiores e um risco muito mais elevado de erros na transição”. A respeito do impacto da

mudança em empresas de diferentes portes e setores — especialmente as que precisam investir em atualização tecnológica —, o diretor do Serviço de Proteção ao Crédito (SPC) da CDL-JP, Júnior Vilar, destaca que no último dia 30 de julho foi publicado o cronograma detalhado de todas as obrigatoriedades relativas a eventos e dados fiscais constantes nas notas”.

“Todos os setores, a começar pela indústria, passando pelo comércio e atacado, todos terão que atualizar seus sistemas de emissão de NF-e e NFC-e para que constem, a partir de 3 de agosto de 2026, as alíquotas do IBS, tributo estadual/municipal (0,10%), e CBS, tributo federal (0,90%), nas notas fiscais, em especial nos arquivos XML, e também precisarão cadastrar os produtos do seu banco de dados de itens”, afirma o diretor.

“Nesta fase, a obrigatoriedade é para que as alíquotas sejam implantadas em caráter puramente informativo e de adequação dos sistemas, sem cobrança real de imposto extra neste momento inicial, desde que cumpridas as regras”, acrescenta.

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaobferraz3@gmail.com | Colaborador

João Pessoa 441 em outro patamar

Domingou com disposição e, melhor ainda, com dados na mão. Quem acompanha os indicadores da capital de perto percebe que não é um bom momento passageiro: João Pessoa mudou de patamar.

Começo pelo mercado de trabalho, que é onde a economia mostra a cara sem maquiagem. Os números do Novo Caged confirmam o que as ruas já sinalizavam. No acumulado recente, a capital respondeu por cerca de 86% dos empregos formais gerados na Paraíba. Desde dezembro de 2020, o estoque de vínculos formais na cidade cresceu 38,96%, o melhor desempenho entre as capitais nordestinas e o quarto do Brasil. Nos últimos 12 meses, a alta de 6,50% coloca a cidade em segundo lugar entre as 27 capitais. Não é acaso. É consequência de escolhas: infraestrutura urbana, desburocratização e política consistente de atração de investimentos.

Duas locomotivas puxam esse trem. A primeira é a construção civil. O mercado imobiliário pessoense vive um ciclo forte, sustentado pela demanda habitacional local e pelo interesse de investidores de fora, que enxergam aqui rentabilidade com segurança. Os canteiros movimentam uma cadeia longa de fornecedores e geram ocupação do servente ao engenheiro calculista. A segunda é o turismo, que encadeia recordes. A combinação de orla preservada, com limites rígidos de gabarito, e agenda cultural própria consolidou a cidade como destino de brasileiros e estrangeiros, aquecendo comércio, hotelaria e eventos.

Essa sinergia aparece no PIB municipal, mas o diferencial está em outro lugar: o avanço econômico caminha junto com a qualidade de vida. Ser eleita repetidamente uma das melhores cidades brasileiras para viver e envelhecer não é acaso: é reflexo de um urbanismo que prioriza bem-estar, segurança e meio ambiente. Esse equilíbrio atrai talento e forma um círculo virtuoso: gente qualificada chega, empreende, contrata.

Dito isso, um economista honesto não para no aplauso. A mesma pujança que isola a capital acende um alerta sobre o equilíbrio regional. O IFGF 2025, do Sistema Firjan, com dados fiscais de 2024, classificou 174 dos 223 municípios paraibanos, 78% do total, como insustentáveis: não arrecadam o bastante para custear a própria estrutura administrativa e dependem de transferências, sobretudo do FPM. Só Piauí e Maranhão estão à frente. A Famup contesta a metodologia, alegando que o estudo ignora emendas e convênios, e o debate é legítimo. Mas a própria Firjan adverte que a melhora nacional do índice veio de repasses recordes, não da geração local de riqueza. É justamente aí que mora o problema.

Daí a urgência de uma atuação coordenada do governo estadual na interiorização do desenvolvimento. Não basta anunciar programa: é preciso logística, energia, incentivo fiscal com contrapartida e qualificação profissional desenhada para a vocação de cada região, do Cariri ao Sertão.

Celebrar o momento extraordinário da capital, neste início de agosto, é reconhecer a força de uma cidade que aprendeu a crescer sem perder a essência. João Pessoa, nos seus 441 anos, cumpre com louvor o seu papel de liderança. O desafio da Paraíba não é frear esse gigante, mas usar sua força propulsora para erguer os demais municípios, rumo a uma convergência justa e sustentável. Crescer sozinho é bom. Crescer junto é desenvolvimento.

Fontes: Novo CAGED/MTE (Tabela 8.1, série com ajustes); IFGF 2025 – Sistema Firjan (dados fiscais de 2024).

PESQUISA

Compras digitais avançam no Brasil

Número de consumidores on-line chega a 139 milhões no país, alta de 20 milhões de pessoas em relação a 2025

O *e-commerce* brasileiro atingiu, em 2026, seu maior patamar de penetração registrado na série histórica da pesquisa realizada pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil), em parceria com a Offerwise Pesquisas. O levantamento aponta que 85% dos consumidores digitais residentes nas capitais realizaram, ao menos, uma compra *on-line* nos últimos 12 meses, avanço de 11 pontos percentuais (p.p.) frente a 2025, o que representa uma estimativa de 139 milhões de compradores *on-line* no país, 20 milhões a mais do que no ano passado.

A compra recente, realizada no último mês, avançou de 54% para 66% (+12 p.p.), indicando não apenas crescimento em alcance, mas também em frequência de uso. Paralelamente, o grupo de quem nunca comprou *on-line* caiu 6 p.p., evidenciando acelerada incorporação de novos consumidores ao canal digital.

As categorias mais adquiridas no último mês revelam a consolidação do *e-commerce* como canal cotidiano: vestuário lidera com 48%, seguido por *delivery* (em português, entrega) de comida (42%), remédios e produtos de saúde (36%), cosméticos (33%) e artigos para casa (30%). Itens de maior porte, eletrodomésticos (17%) e eletrônicos (17%), mantêm participação relevante. As apostas esportivas figuram com 10%, sinalizando a capilaridade desse segmento no consumo digital.

O número de compras realizadas no mês anterior a pesquisa também cresceu: a média mensal avançou de 4,6 para 5,1 pedidos (0,5 compras a mais). O perfil de consumidor frequente consolidase, uma vez que a pesquisa mostra que o grupo de comprado-

res com 11 a 20 compras mensais quase dobrou, passando de 7% para 12% (+5 p.p.), enquanto o grupo de uma a três compras recuou 7 p.p.

O *ticket* médio da última compra *on-line* permaneceu estável em R\$ 225, praticamente idêntico a 2025 (R\$ 224). Mas é relevante notar que 25% dos entrevistados não souberam informar o valor gasto, o que aponta para um padrão de compra fragmentada e pouco monitorada, especialmente entre os mais jovens.

“O comércio eletrônico no Brasil não é mais uma alternativa de consumo ocasional, mas um hábito profundamente incorporado à rotina dos brasileiros. Observamos um aumento expressivo no volume e na frequência das transações, impulsionado pela facilidade de pagamento do Pix e pela busca constante por praticidade e preços competitivos. Esse amadurecimento do mercado reforça a necessidade de o varejo investir continuamente na eficiência de suas operações, na transparência e no fortalecimento do relacionamento com o consumidor”, destaca o presidente da CNDL, José César da Costa.

Meio de pagamento

O Pix consolidou-se como o principal instrumento de pagamento *on-line*: 72% dos consumidores o utilizam, superando o cartão de crédito (60%). A velocidade de adoção do Pix reflete tanto a capilaridade do sistema de pagamentos instantâneos quanto a preferência do consumidor por transações sem taxa e com confirmação imediata.

O frete grátis é o principal critério de escolha de uma loja virtual, citado por 60% dos entrevistados. Preço baixo (49%) e promoções (44%) completam o pódio, evidenciando o viés econômico predominante na

decisão de compra.

A taxa de recompra é expressiva: 95% dos compradores já adquiriram novamente no mesmo *site* ou aplicativo. Preço, frete grátis e qualidade são os principais motivadores de retorno.

O preço mais baixo lidera entre as vantagens percebidas pelos consumidores numa compra *on-line* (40%); comodidade (30%), economia de tempo (28%) e variedade de produtos (24%) completam os principais atrativos.

Entre as desvantagens, a impossibilidade de ver ou tocar o produto segue em primeira posição (49%). Não levar o produto na hora (37%), custo do frete (37%) e insegurança sobre a entrega (35%) também aparecem como barreiras relevantes.

Chama atenção o crescimento da incidência de problemas na última compra: de 20% para 27% (+7 p.p.), com entrega fora do prazo (8%), produto diferente do anunciado (7%) e produto danificado (6%) como ocorrências mais frequentes — o que sugere que o aumento de frequência de compras pode estar pressionando a cadeia de entrega e o controle de qualidade.

Critérios

Na hora de escolher a loja virtual, os clientes preferem lojas com frete grátis (60%), preço baixo (49%) e promoções (44%); taxa de recompra chega a 95%

Indicação de amigos pesa mais que publicidade de influenciadores

Na escala de um a cinco, a recomendação direta de amigos e familiares lidera a confiança antes de uma compra (4,19), empatada com avaliações de outros clientes (4,14) e selos de segurança e reputação (4,14). Em contraste, publicidade de influenciadores e celebridades obtém nota 2,89, abaixo do ponto médio, confirmando que a prova social orgânica é significativamente mais eficaz do que a publicidade paga no momento da decisão.

No campo dos vídeos de depoimento, a autenticidade supera a produção na construção de confiança, 57% preferem o formato caseiro, gravado pelo próprio consumidor, em vez da produção profissional (22%).

O tempo máximo aceitável de entrega antes que o consumidor se sinta insatisfeito é de 4,5 dias em média. Quase metade dos entrevistados (45%) aceita até cinco dias, enquanto 24% aceitam em até dois dias. “Os dados mostram um consumidor cada vez mais maduro e exigente no ambiente digital. A busca por recomendações espontâneas e a preferência por conteúdos autênticos revelam que a confiança, hoje, é construída na prova social e na reputação real das marcas. Ao mesmo tempo que o varejo avança em novos canais, como WhatsApp e redes sociais, o setor precisa atentar para a eficiência logística, garantindo que o crescimento da frequência de vendas venha acompanhado do cumprimento dos prazos e do alto padrão na

experiência de entrega”, destaca o presidente do SPC Brasil, Roque Pellizzaro Júnior.

Aplicativos x sites

A pesquisa mostra que o hábito de comprar por aplicativo de loja está consolidado: 85% dos consumidores utilizaram esse canal nos últimos 12 meses anteriores a pesquisa. As categorias mais adquiridas via aplicativo são moda/vestuário (52%), medicamentos e produtos de farmácia (43%) e itens de beleza (41%), um tripé que reflete tanto frequência de compra quanto o nível de digitalização dessas categorias.

As redes sociais movimentam-se de canal de inspiração para canal de transação: 54% compraram via redes sociais nos últimos 12 meses da pesquisa, e 49% realizaram compras diretamente dentro de uma plataforma social nos últimos seis meses, com TikTok (24%) liderando, seguido pelo Instagram (17%) e YouTube (12%).

Moda e vestuário (49%) lideram os itens mais comprados pelas redes sociais, seguido pelos cosméticos, perfumes e produtos para o cabelo (44%), itens para casa (39%) e medicamentos, vitaminas e produtos de farmácia (32%).

Entre os motivos para comprar pelas redes, praticidade e rapidez lideram (43%), seguidos pela busca por melhores preços e ofertas (41%). A possibilidade de interagir e tirar dúvidas com o vendedor (29%) e o acesso contínuo a novidades (26%) comple-

tam os principais atrativos.

O que os consumidores pesquisam sobre produtos nas redes sociais antes de decidir revela o nível de exigência: 64% verificam o preço, 39% buscam comentários de outros consumidores e 39% procuram fotos do produto. A reputação construída por pares é o principal ativo de conversão nesse canal.

Metodologia

O levantamento teve como público-alvo homens e mulheres, com idade igual ou maior a 18 anos, de todas as classes econômicas, que realizaram compras pela *internet* nos últimos 12 meses. Quanto ao método, foi realizada uma pesquisa quantitativa realizada pela *web* e pós-ponderada por sexo, idade, estado e renda. Foram realizados 939 contatos em um primeiro levantamento para identificar o percentual de pessoas que compraram pela *internet* nos últimos 12 meses. Em seguida, continuaram a responder o questionário 800 casos, que fizeram alguma compra ao longo deste período. Resultando, respectivamente, uma margem de erro no geral de 3,2 p.p e 3,5 p.p para um nível de confiança de 95% para mais ou para menos.

Os dados foram coletados de 25 de maio a 4 de junho de 2026. Os testes estatísticos foram realizados dentro de cada categoria — mais ou menos intenso (sexo masculino X feminino, idade por faixa e classe AB x CDE).

Moda e vestuário (49%) aparecem como os produtos mais adquiridos pelas redes sociais, seguidos por cosméticos, perfumes e itens para cabelo (44%), artigos para casa (39%) e medicamentos, vitaminas e produtos de farmácia (32%)



Foto: Carla Miranda

NO CENTRO HISTÓRICO

Antiga escola vira polo de inovação na capital

Colégio Nossa Senhora das Neves foi fundado em 1859, mirando educação

Márcia Dementshuk
Ascom Secties

Um conjunto arquitetônico tradicional no Centro Histórico de João Pessoa, que guarda vestígios da história educacional da Paraíba desde o século 19, é, hoje, um centro onde a geração atual se dedica ao desenvolvimento da ciência, tecnologia e inovação. No prédio funcionou o antigo Colégio Nossa Senhora das Neves, fundado no século 19, originalmente destinado à formação educacional de moças. Fechou e reabriu suas portas duas vezes; passou por várias mudanças no século 20. Agora, sedia o Parque Tecnológico Horizontes de Inovação.

Inaugurada em 5 de fevereiro de 1859 para dar oportunidade de ensino a meninas pobres e órfãs, a estrutura inicial do Colégio Nossa Senhora das Neves foi levantada em um terreno do tamanho de um quarteirão, abraçada pelas ladeiras de São Francisco e da Borborema. A frente se voltava para o Largo da Matriz, onde as últimas notícias eram comentadas nas lanchonetes, nas lojas ou pelos fiéis, após as missas na capela que, mais tarde, se tornaria a Catedral Basílica de Nossa Senhora das Neves. Em 1912, esse espaço público recebeu um nome familiar aos paraibanos atuais:

Espaço foi impactado por transformações sociais

O tempo passou, o século mudou, e, enquanto as folhinhas do calendário viravam, uma série de transformações aconteceu. Em 1906, a escola passou a ser administrada pelas irmãs da Casa da Sagrada Família de Camaragibe (PE). Chegaram freiras de diversos países para ensinar, voluntariamente. Com os novos ares do século 20, alunas de estados próximos da Paraíba vieram estudar na instituição.

Em sua dissertação sobre o colégio, defendida em 2009, pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Tatiana de Medeiros Santos publicou o depoimento da irmã Margarida Maria Marcelo Costa. Nascida em 1924, ela foi aluna, professora e diretora da instituição de 1975 a 1999 e acompanhou a construção do prédio na época em que as irmãs francesas cuidavam da instituição. “Durante o dia elas davam aula, à noite, sabe o que faziam? Carregavam o material de construção para que quando os operários chegassem, no dia seguinte, já estivesse lá pela manhã”, escreveu Tatiana na dissertação.

Até 1910, o prédio foi ampliado com novas salas de aula. Em 1924, 295 alunas foram diplomadas como professoras, pois a instituição foi vinculada oficialmente à Escola Normal do Estado. Em 1929, mais duas salas de aula

Praça Dom Ulrico.

Segundo um levantamento feito por integrantes do projeto acadêmico Memória João Pessoa, esse terreno estava ligado ao senhor de engenho Duarte Gomes da Silva, um dos fundadores da cidade batizada como Nossa Senhora das Neves, em 1585, que logo em seguida recebeu o nome Filipéia de Nossa Senhora das Neves. Duarte da Silva teria iniciado ali sua residência urbana, mas foi obrigado a abandonar o projeto com a chegada dos holandeses em 1630. Poucos anos depois, ele faleceu. O largo era como o pinácu-

lo urbano do povoado que agora tinha o nome de Paraíba (ou Parahyba do Norte), a partir do qual foram traçadas ruas e avenidas multiplicadas, posteriormente, pela exigência da modernidade. Enquanto isso, o colégio para meninas na praça erigia suas marcas históricas.

O estabelecimento, fundado por iniciativa do presidente da província da Paraíba, Henrique de Beaurepaire Rohan, em 1859, teve que ser fechado em 1861, por falta de recursos financeiros. Foi reaberto 36 anos depois, em 14 de março de 1895, quando foi adquirido pela Diocese da Paraíba, recém-estabelecida; a direção foi entregue à congregação das Damas do Coração Eucarístico. O educandário e a movimentação das freiras intensificaram-se e os trabalhos eram apoiados pelo primeiro bispo da diocese, Dom Adauto Aurélio de Miranda Henrique. Ele estava, segundo as freiras, ouvindo-as sobre a necessidade de terem uma capela na escola. Dom Adauto inaugurou-a em 7 de agosto de 1897. É a mesma capela que encanta os visitantes atuais por seus vitrais com imagens representando a Sagrada Família, e que completa, neste mês, 129 anos.

Mesmo sem uso, o ambiente era zelado pelas Irmãs da Casa da Sagrada Família de Camaragibe quando o ambiente inspirou o Governo da Paraíba a torná-lo um centro para o desenvolvimento da ciência, tecnologia e inovação. Os planos eram condizentes com a mobilização civil para a revitalização do Centro Histórico de João Pessoa. Em 2021, o prédio do antigo Colégio Nossa Senhora das Neves passou a integrar o patrimônio do Governo do Estado da Paraíba. As marcas históricas do prédio do antigo Colégio Nossa Senhora das Neves, em João Pessoa, foram atenciosamente conservadas nas adequações arquitetadas em benefício do funcionamento do Parque Tecnológico Horizontes de Inovação. O antigo colégio está inserido no Centro Histórico de João Pessoa, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico

lo urbano do povoado que agora tinha o nome de Paraíba (ou Parahyba do Norte), a partir do qual foram traçadas ruas e avenidas multiplicadas, posteriormente, pela exigência da modernidade. Enquanto isso, o colégio para meninas na praça erigia suas marcas históricas.

O estabelecimento, fundado por iniciativa do presidente da província da Paraíba, Henrique de Beaurepaire Rohan, em 1859, teve que ser fechado em 1861, por falta de recursos financeiros. Foi reaberto 36 anos depois, em 14 de março de 1895, quando foi adquirido pela Diocese da Paraíba,

Revitalização do espaço preserva originalidades

Mesmo sem uso, o ambiente era zelado pelas Irmãs da Casa da Sagrada Família de Camaragibe quando o ambiente inspirou o Governo da Paraíba a torná-lo um centro para o desenvolvimento da ciência, tecnologia e inovação. Os planos eram condizentes com a mobilização civil para a revitalização do Centro Histórico de João Pessoa. Em 2021, o prédio do antigo Colégio Nossa Senhora das Neves passou a integrar o patrimônio do Governo do Estado da Paraíba. As marcas históricas do prédio do antigo Colégio Nossa Senhora das Neves, em João Pessoa, foram atenciosamente conservadas nas adequações arquitetadas em benefício do funcionamento do Parque Tecnológico Horizontes de Inovação. O antigo colégio está inserido no Centro Histórico de João Pessoa, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico

Nacional (Iphan) em 2009. A primeira etapa da reforma foi inaugurada em 2025 e concentrou-se na porção mais antiga e histórica da edificação, com trabalhos de restauração da estrutura. Acompanhando o declive do terreno, o pavimento térreo fica no nível da praça Dom Ulrico, onde está a área administrativa e a capela, preservada e transformada em espaço para pequenas apresentações. As antigas salas de aulas do primeiro piso agora serão salas de *coworking*, laboratórios *maker*, áreas de descompressão, auditório, agências de apoio, *hub* de *startups*.

A segunda etapa da obra englobará refeitório, salas comerciais, multiuso e para mentorias, arena multiuso e o Museu do Horizonte. Aos poucos, a modernidade se revela, sem apagar as marcas de uma história que continua a fazer parte da memória da Paraíba.



Prédio agora sedia parque tecnológico estadual

Poeira Estelar

Claudio Furtado
claudiofurtado@secties.pb.gov.br

O sertão vai virar inovação

Dizia o imaginário popular que, um dia, o Sertão iria virar mar. Mas, na verdade, o Sertão vai virar inovação. Ao ser assinado o Pacto de Inovação pelo Sertão, todo o conhecimento instalado na região sertaneja paraibana será farol para essa transformação.

O pacto se propõe a trabalhar a partir de equipamentos estruturantes. Primeiro, no entorno do Radiotelescópio Bingo, em Aguiar, e na Cidade da Astronomia, em Carrapateira, temos o turismo científico resultante da visita de pesquisadores e do surgimento de *startups* ligadas à comunicação, às telecomunicações, ao 5G e a toda uma área tecnológica que começa a abraçar e a dialogar com os diversos cursos implantados na região do Sertão, especialmente na área de tecnologia da informação, além de futuras instalações em outros *campi* das nossas universidades, que serão atraídas pela iniciativa.

A partir deles, começaremos a contar a história da formação do Universo, até chegarmos à formação do Sistema Solar. Em seguida, temos um caminho para chegar a Sousa, com o Vale dos Dinossauros, onde temos, então, a formação de uma cultura, por meio dos paleoartistas, para que isso seja incorporado à economia criativa. A criação da especialização em Paleontologia torna Sousa um ponto de pesquisa científica de referência mundial nessa área, além de ativar toda a cadeia produtiva do entretenimento, do turismo científico e dos eventos, que se tornarão mais frequentes.

Seguimos, então, até Cajazeiras, onde o Museu de Arqueologia da Paraíba vai contar a história da presença humana em nosso estado, mostrando, também, peças encontradas durante as obras da transposição do Rio São Francisco na Paraíba e que, hoje, estão depositadas na Serra da Capivara. Com isso, Cajazeiras — que já é um centro de formação de mão de obra, com a instalação também do polo do Parque Horizontes de Inovação naquela cidade — torna-se mais um *hub* de criação de *startups* e de produção de conhecimento.

Tudo isso será um combustível que vai gerar o motor da inovação para mostrar um norte e fazer com que a tríplice hélice levante voo. Todos dão as mãos para criar uma governança desse ecossistema, que será muito importante nos próximos anos, para que possamos garantir uma política de desenvolvimento de todo o Sertão baseada na inovação. Nesse contexto, empresários, academia, e governos se unem pelo Pacto de Inovação pelo Sertão.

O sertanejo, que sempre inovou por meio da resiliência para sobreviver, ganha força e inova, agora, com conhecimento para o futuro, para transformar.

Esse abraço do território às suas potencialidades vai permitir que a indústria do turismo, a indústria do conhecimento — essa produzida pelas nossas universidades —, a economia criativa, os negócios de impacto e todos os empreendedores que já temos no Sertão da Paraíba, de Patos até Cajazeiras, possam criar um ecossistema capaz de atravessar o tempo e garantir emprego, renda e melhoria de vida para o povo sertanejo.

Um desenvolvimento que não esteja baseado apenas em obras hídricas e na agricultura, mas que transforme essas obras, a presença da transposição do Rio São Francisco e a própria agricultura, em inovação, é capaz de melhorar a vida das pessoas.

Que possamos, junto com o capital da indústria e com a presença dos viajantes, atrair cientistas e turistas, e fazer surgir *startups* ligadas ao turismo, ao desenvolvimento regional, à água e ao minério, fazendo do Sertão um polo de inovação.

E, assim, o nosso Sertão vai virar inovação.

BIOFERTILIZANTE

Recurso é aliado da sustentabilidade

Insumo feito a partir de sobras orgânicas impulsionam recuperação de solo e mitigam impactos ambientais

Bárbara Nascimento
barbara.oliveira@epc.pb.gov.br

Imagine uma montanha de resíduos agrícolas tão vasta que, se acumulada, iria além do que os olhos conseguem enxergar. De acordo com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa Agroenergia), unidade voltada ao desenvolvimento de tecnologias limpas e bioeconomia, o Brasil produz impressionantes 451 milhões de toneladas de biomassa residual todos os anos.

É justamente no reaproveitamento desse enorme volume que reside uma das maiores oportunidades para o campo. A busca por uma agricultura que produza gerando menos impactos ambientais deixou de ser uma bandeira, exclusivamente, ecológica para tornar-se uma métrica de sustentabilidade econômica. No coração dessa transição estão os biofertilizantes, insumos desenvolvidos a partir de sobras orgânicas, microrganismos e processos biológicos que atuam diretamente na regeneração da saúde do solo.

Diferente dos fertilizantes químicos tradicionais — os sintéticos, que nutrem a planta de forma direta e, muitas vezes, agressiva ao ecossistema do solo —, os biológicos estimulam a microbiota da terra. Isso permite que a própria natureza disponibilize os nutrientes necessários de forma gradual e eficiente.

Para que essa transição ocorra de maneira segura e seja economicamente viável ao produtor rural, a assistência técnica é indispensável. A substituição ou complementação dos fertilizantes tradicionais exige planejamento de manejo, análise cuidadosa do solo e conhecimento sobre o ciclo de vida dos microrganismos aplicados.

Segundo Josely Dantas Fernandes, agrônomo, doutor em Recursos Naturais e técnico em Agropecuária da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), a diferença fundamental está no foco da nutrição. “Enquanto o fertilizante mineral alimenta, principalmente, a planta, o biofertilizante ajuda a alimentar o solo, que depois passa a nutrir melhor a própria planta. Isso acontece porque o biofertilizante melhora as características físicas, químicas e biológicas do solo”, frisou.

O especialista explica que a recuperação biológica da terra reflete diretamente no desempenho vegetal e no bolso do agricultor. “Os biofertilizantes estimulam a vida no solo. Eles favorecem o crescimento de microrganismos benéficos, aumentam a matéria orgânica e melhoram

Pesquisa
O Grupo de Pesquisa Agrobiodiversidade do Semiárido da UEPB iniciou estudos, em 2015, para desenvolver produtos que atendam exigências nutricionais de cada cultura

a estrutura do solo, que passa a reter mais água, fica menos compactado e aproveita melhor os nutrientes. Outro benefício importante é que um solo saudável costuma ser mais resistente à seca, às chuvas intensas e a outros estresses ambientais, reduzindo os riscos de perdas na produção”, afirmou Josely Dantas.

Protagonismo científico
Na busca por soluções sob medida para os produtores, a pesquisa acadêmica assume o seu papel de protagonista. Visando atender às necessidades específicas, o Grupo de Pesquisa Agrobiodiversi-



Busca por uma agricultura mais sustentável passa pela produção, democratização do acesso e adoção de biofertilizantes

dade do Semiárido da UEPB iniciou estudos, em 2015, para desenvolver biofertilizantes otimizados, formulados de acordo com a exigência nutricional de cada cultura, a partir de resíduos orgânicos e fermentação aeróbica. “Os resultados têm sido bastante promissores, demonstrando que essa estratégia aumenta

a produtividade e a eficiência do uso de nutrientes”, revelou o técnico da UEPB.

Quanto ao manejo de transição para evitar perdas no teto produtivo, o pesquisador enfatiza a necessidade de prudência e integração. “A transição para o uso de biofertilizantes deve ocorrer de forma gradual. O agricultor não deve

eliminar totalmente os fertilizantes minerais logo na primeira safra. O mais seguro é iniciar utilizando biofertilizantes juntamente com uma redução parcial da adubação mineral, acompanhando cuidadosamente os resultados obtidos na lavoura. Em solos muito degradados, a estratégia mais recomendada é a aduba-

ção organomineral”, concluiu. A adoção dessas práticas não apenas reduz a dependência de importações de fertilizantes minerais sintéticos — gargalo geopolítico histórico do agronegócio no Brasil —, mas também devolve ao solo sua capacidade de reter carbono, mitigando os efeitos das mudanças climáticas.

Tecnologia viabiliza bioinsumos mais potentes

A prática no campo dita a velocidade da mudança, enquanto a ciência e a tecnologia fazem com que ela se espalhe rapidamente. *Startups* de biotecnologia (as chamadas *agtechs*) têm focado no desenvolvimento de soluções que tornam os biofertilizantes mais potentes, estáveis e fáceis de aplicar em larga escala.

É nesse cenário que atua a InPyro, *startup* paraibana focada em inovação e soluções tecnológicas para o agronegócio, que busca otimizar processos e trazer eficiência para o manejo biológico. A diretora-executiva da empresa, Joelda Dantas, destaca o papel da biotecnologia nessa mudança de paradigma. “A InPyro desenvolveu uma plataforma tecnológica baseada em engenharia de pirólise orientada à pro-

dução de bioprodutos e à remoção de carbono da atmosfera. Em vez de enxergar os resíduos como um problema, buscamos transformá-los em uma solução para a agricultura, para o clima e para a sociedade”, lembrou Joelda.

Mitos x resultados
A empresária pontua que desmistificar a tecnologia junto ao produtor rural faz parte desse processo de adoção no campo. “Como acontece com toda inovação, é natural que exista uma desconfiança inicial, principalmente quando falamos da valorização de resíduos. No entanto, percebemos que, quando apresentamos os fundamentos científicos da tecnologia e os resultados das validações realizadas, a receptividade muda significativamente”, esclareceu.



Foto: Arquivo pessoal

“Quando apresentamos os fundamentos científicos da tecnologia e os resultados [...], a receptividade muda

Joelda Dantas

A convergência entre a recomendação técnica e o desenvolvimento de novas tecnologias laboratoriais mostra que os biofertilizantes não são uma tendência passageira, mas o novo padrão da agricultura global. “Diversos estudos e experiências de campo demonstram que, quando bem manejados, os bioinsumos proporcionam produtividades equivalentes ou superiores. Realizamos ensaios em culturas como soja, milho, hortaliças e reflorestamento, trabalho realizado em parceria com instituições como Universidade Federal da Paraíba, Universidade de Brasília e UEPB”, destacou a empresária.

O aporte técnico e científico é traduzido em ganhos

práticos, que aparecem diretamente na lavoura. “Percebemos solos mais saudáveis, com maior capacidade de retenção de água e nutrientes. Isso torna as plantas mais resistentes a períodos de estresse hídrico e reduz significativamente as perdas por lixiviação”, completou Joelda.

O desafio, agora, reside em democratizar o acesso a essas tecnologias para pequenos e médios produtores, além de desmistificar a transição ecológica. Com o solo vivo, ganha o produtor, que reduz custos operacionais e valoriza a sua terra, e ganha o planeta, com uma produção de alimentos mais limpa e resiliente.



Solução sustentável melhora características físicas, químicas e biológicas do solo, argumenta pesquisador

Foto: Reprodução/Pexels

Marcelino Silva Santos, o Berô Paraíba, é natural de Campina Grande e irmão de Marcelinho Paraíba, que tanto sucesso fez no futebol nacional e internacional

BERÔ PARAÍBA

O Rei do X1

Pedro Alves
pedroalvesjp@yahoo.com.br

Imagine você disputar R\$ 1 milhão em um jogo de futebol. Nada mal, não é mesmo? Só que a partida não é de onze contra onze, como é no futebol de campo. Nem mesmo cinco contra cinco como é no futsal. É no um contra um. Cada um com seu goleiro, mas sem nenhum companheiro de linha. Esse é o X1, modalidade que virou febre no Brasil, com jogos sendo assistidos no YouTube por milhares de pessoas, movimentando bastante as redes sociais e, claro, com muita gente indo a ginásios e arenas para acompanhar, torcer e apostar nos seus preferidos. Uma das lendas deste esporte jovem é Berô Paraíba, que neste mês conquistou o sexto título do X1 Brazil, um dos maiores eventos da modalidade.

O último confronto, realizado em Belém, no Pará, dia 21 de julho, foi entre duas lendas do X1. Uma disputa entre Paraíba e Pernambuco. Do lado paraibano, Berô. Do lado pernambucano, Daniel Coringa, outro jogador importante da modalidade. Em jogo: um milhão de reais. Que acabou indo para a conta do paraibano, que venceu o adversário por 4 a 2 e sagrou-se campeão mais uma vez no evento. O prêmio, claro, foi dividido com o seu goleiro, Samuel, o Samuka.

“Eu e Samuel temos um entrosamento diferenciado. Nos completa-

mos nas partidas. O X1 é um jogo de altos e baixos em questão de segundos e depende também muito do emocional. Samuel é bastante fundamental durante as partidas com suas defesas e me colocando sempre no jogo com os contra-ataques, além de me motivar muito”, analisou o jogador.

Mudança de vida

Berô Paraíba é o nome de artista da bola de Marcelino Silva Santos. Natural de Campina Grande, Berô vem de uma família de jogadores. E não é uma família qualquer do futebol. Berô é irmão de Marcelinho Paraíba, um dos maiores nomes do futebol do estado, com passagens por São Paulo, Grêmio, Flamengo, Hertha Berlim e Seleção Brasileira. Aos 32 anos, Berô já acumula seis títulos do X1 Brazil e é uma lenda da modalidade.

“Fico feliz com a proporção que o X1 já tem. Isso é motivo de muita alegria porque cada vez mais vejo a modalidade mudando a vida de muitas pessoas. Eu, mais do que ninguém, posso afirmar que dá sim para viver do X1 e realizar muitos sonhos através dele. Antes do X1 eu ganhava R\$ 200 trabalhando de ajudante de pedreiro por semana. Hoje eu ganho 25 vezes mais por semana”, revela o craque.

Berô nasceu em Campina Grande em uma família pobre, mas preocupada com o futuro do garoto. Aos

cinco anos, com medo de que ele pudesse acabar indo para caminhos errados dentro de um centro urbano que é a Rainha da Borborema, os pais levaram a criança para morar em Aroeiras, cidade bem menor, de cerca de 20 mil habitantes.

Do futebol ao X1

Assim como muitos dos jogadores, que fazem parte atualmente da construção dessa ainda jovem modalidade, Berô também tentou buscar seu lugar ao sol no futebol profissional. O hoje craque do X1 tentou a sorte na Perilima em 2020, ano em que seu irmão famoso também jogou no clube. Foi uma passagem rápida no futebol profissional, que ainda contou com uma atuação com a camisa do Crato, do Ceará, dois anos depois.

“Tentei ser jogador profissional, apesar de muitas dificuldades financeiras que eu tinha e da distância das cidades grandes onde se tem mais oportunidades de fazer uma base. Acabei vendo meu sonho ficar cada vez mais distante. Mas em 2020, durante a pandemia, joguei um amistoso contra a Perilima por um time amador. A Perilima disputava o Campeonato Paraibano. Eu fiz um belo jogo nesse dia, e o treinador Eudes Pedro me fez o convite para participar do campeonato naquele ano. Aos 26 anos tive a experiência de ser profissional e foi muito emocionante”, conta o craque do

X1, que atuou em duas partidas daquele Estadual pela Águia.

Até que o X1 entrou no caminho de Berô. E a vida do jogador que tanto perseguiu a profissionalização no tradicional futebol de campo mudou drasticamente em forma e conteúdo. Primeiro, porque o esporte que lhe aparecia agora continuava sendo o futebol, mas dependia muito mais de si do que de uma equipe. Em vez de 10 companheiros em campo, era apenas um, o goleiro.

No outro lado do campo, apenas dois empecilhos. O adversário de linha e o goleiro adversário. Em um jogo praticamente sem passes, Berô deu um grande passo em sua trajetória e tornou-se uma lenda do X1, acumulando títulos, glórias, fama, muitos prêmios em dinheiro e jogadas inesquecíveis.

“O X1 chegou na minha vida por vídeos nas redes sociais, mensagens dos amigos de cidades vizinhas e com as provocações, que fazem parte da modalidade. De início eu recusei, não dei bola. Eu não via como algo para mim. Mas depois de tanta provocação eu aceitei um jogo, que foi de X2. Apostaram contra mim e meu irmão, jogamos e ganhamos. Depois disso foram surgindo convites para o X1, fui vencendo e se firmando cada vez mais na modalidade. Ser referência é motivo de muita alegria e gratidão em poder ver que todo o esforço e dedicação está sendo recompensado” comentou.

A preparação, aliás, não é nada simples para quem quer ser competitivo nesse esporte. O jogo é intenso e extremamente cansativo. Isso porque não há outra possibilidade de transição de jogo que não seja a partir da intervenção técnica do jogador de linha. Seja com condução de bola, com dribles ou mesmo se projetando com velocidade para receber o passe do goleiro em contra-ataques. No X1, o jogador está sozinho na linha e precisa sempre ser a opção de jogo. O que requer um preparo físico decente.

“Minha preparação física é bem rigorosa. Tenho treinos diários durante dois períodos. É de domingo a domingo. O X1 é um esporte de alto rendimento. Não dá para ficar mais de 24 horas sem se movimentar. Faz parte também da preparação obedecer a uma alimentação rigorosa e dormir cedo. Tem um preço a se pagar para estar no topo”, comentou.

O X1

A X1 Brazil nasceu em 2021 nas comunidades de Recife e tornou-se um fenômeno no Nordeste do país. A modalidade atualmente é disputada em um campo de soçaite com um jogador de linha contra o outro. Cada um tem seu goleiro. A partida tem dois tempos de 15 ou 20 minutos cada. O objetivo é fazer gols avançando contra o adversário, sendo proibido o goleiro passar do meio da quadra ou sair da área.

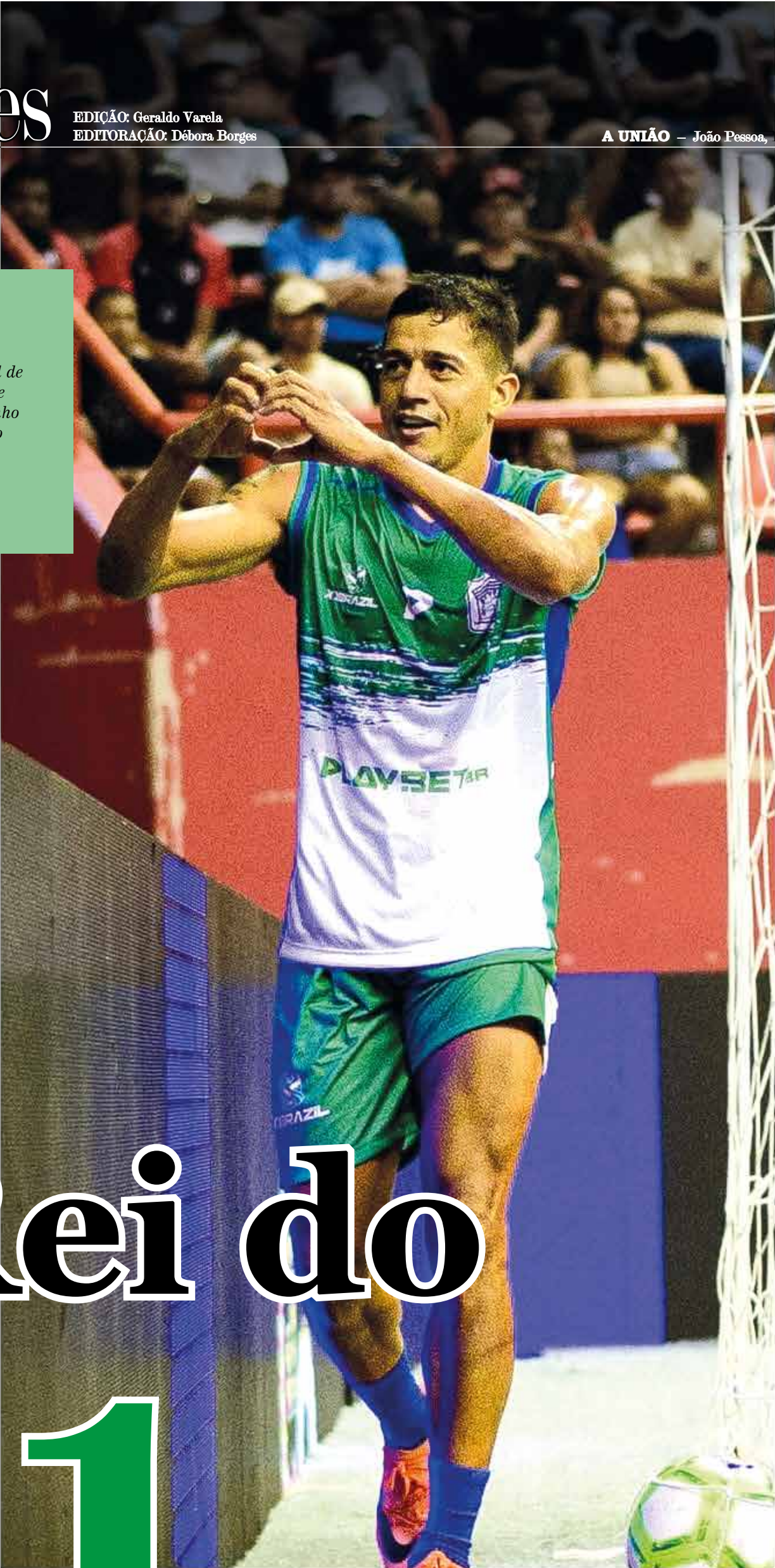


Foto: Arquivo pessoal

Recentemente, jogador ganhou R\$ 1 milhão em confronto com o pernambucano Daniel Coringa, durante disputa realizada em Belém (PA)

MAIS BONITO

Sidny comemora gol “surreal” na Copa

Lateral de Cabo Verde fez história ao vencer o goleiro Emiliano Martínez e diz que sua seleção quer muito mais

Estava evidente no semblante de Sidny Lopes Cabral, que ele havia feito algo fora do comum aos 12 minutos da prorrogação diante da Argentina. Ao cortar Alexis Mac Allister e acertar um preciso chute de perna direita no ângulo do gol defendido por Emiliano Martínez, empatando o jogo em 2 a 2, o lateral-esquerdo fez a torcida de Cabo Verde viver sensações que jamais havia sonhado viver ao enfrentar a então atual campeã do mundo na segunda fase da Copa do Mundo de 2026. “Foi simplesmente surreal”, diz à Fifa.

O chute com efeito do lateral cabo-verdiano contra a Argentina, na fase de 16-avos de final, foi eleito o Gol do Torneio Hyundai. Concluindo uma jogada muito bem trabalhada, o gol deixou a Argentina extremamente pressionada. Mas, a turma de Lionel Messi acabou vencendo por 3 a 2 quando Cristian Romero voltou a balançar a rede oito minutos depois. De todo modo, o lindo lance de Sidny entrou definitivamente para a história das Copas, ao vencer o prêmio Gol do Torneio Hyundai, desbancando outros 11 gols selecionados para a votação popular.

“É um enorme orgulho e um reconhecimento que qualquer jogador gostaria de ter. Fico muito feliz pelo carinho de todas as pessoas que elegeram o meu gol como o melhor da competição”, disse o jogador do Trabzonspor, da Turquia.

“Agora, o desafio é continuar a trabalhar para marcar mais gols assim e, acima de tudo, ajudar meu clube e a seleção a conquistar vitórias. Receber este prêmio é uma honra muito especial para mim”.

Aos 23 anos e com todo o seu talento, Sidny tem todo o tempo do mundo pela frente para brilhar por Cabo Verde. Ainda mais quando sabemos que, por maior que tenha sido o grau de dificuldade em seu arremate contra a Argentina, não foi algo inédito em sua carreira.

“Foi a segunda vez que marquei um gol daquele. Curiosamente, minutos antes já tinha tido uma oportunidade muito semelhante de bola parada, numa zona parecida do campo. Não foi algo completamente novo para mim. Mas marcar um gol daquela qualidade num palco como um campeonato do mundo é especial. É um momento que fica para sempre na carreira”.

Nascido em Roterdã, na Holanda, o jogador ganhou destaque também por sua comemoração efusiva. Além do abraço dos companheiros, fez questão de buscar um contato com a namorada, que estava presente no estádio, em Miami.

“Quando marquei, só queria correr e celebrar. Queria ir até as arquibancadas para estar perto dos meus e celebrar com a minha namorada, que sempre esteve ao meu lado, sobretudo nos momentos mais difíceis. Foi um momento indescritível. Parecia que tudo acontecia



Foto: Divulgação/Fifa

Sidny chuta de fora da área e consegue vencer o goleiro argentino Martínez, no gol mais bonito da Copa, em jogo eletrizante contra a Argentina

muito depressa. Ainda hoje custo a acreditar”, lembrou.

Um carinho enorme

Cabo Verde foi, indiscutivelmente, uma das grandes atrações da Copa de 2026. Uma das quatro seleções estreantes desta edição, conseguiu avançar à segunda fase mesmo num grupo com duas campeãs mundiais, Espanha e Uruguai, além da Arábia Saudita. Após passar invicta, vendeu muito cara a classificação para a Argentina.

“Estou muito feliz com a nossa participação. Mostramos que Cabo Verde tem muito”, destacou.

“O mais gratificante é perceber que, depois do Mundial, muito mais pessoas passaram a conhecer o nosso país. Sinto que ficou um enorme carinho por Cabo Verde, pelo nosso povo e nossos jogadores. Esse respeito e reconhecimento não se compram”.

Embora não tenha nascido em Cabo Verde, o jogador tem relação profunda com o país em razão da nacionali-

dade dos pais. Por isso, ouvir o hino do país e sentir a conexão dos torcedores com a Copa do Mundo sempre mexeu com ele.

“No início era difícil acreditar que estava ali. Quando o jogo começa, toda a concentração está dentro das quatro linhas e só pensas em vencer. Mas representar o teu povo, tua família, teus amigos e recordar todo o esforço que tanta gente fez para que estivéssemos naquele palco[...] é impossível descrever por palavras”, contou.

“Meus pais nasceram em Cabo Verde e emigraram para a Holanda quando tinham 18 anos. Eu nasci lá e foi aí que iniciei a minha carreira, mas sempre mantive uma ligação muito forte ao país. Sempre que posso, volto a Cabo Verde. Adoro o país e tenho muita família lá. Aliás, depois do Mundial aproveitei alguns dias de férias para matar saudades da família, rever amigos e visitar lugares que significam muito para mim”.

■
Embora não tenha nascido em Cabo Verde, o jogador tem relação profunda com o país em razão da nacionalidade dos pais

Única equipe a não sofrer gol da campeã mundial

Cabo Verde surpreendeu o mundo inteiro ao segurar um empate sem gols logo na estreia contra a Espanha. O país europeu, que se tornaria bicampeão da Copa 40 dias depois, não conseguiu superar o sistema defensivo armado por Bubista, as defesas de Voizinha e todo o ímpeto dos Tubarões Azuis.

“Fomos uma equipe muito organizada, unida e disciplinada. Defendemos muito bem como coletivo. Defenderam os que começaram o jogo, os que entraram depois, os defesas, os médios e os avançados. Cada um sabia exatamente qual era a sua missão”, disse Sidny.

“Cumprimos aquilo que tínhamos preparado e tudo correu como planejado. Hoje olhamos para trás e percebemos que fomos a única equipe do Mundial a não sofrer gols da Espanha, que acabou por ser campeã. Isso mostra bem o que conseguimos fazer”.

No jogo seguinte, diante de outra campeã mundial, o empate por 2 a 2 com o Uruguai mostrou que o futebol de Cabo Verde era, mesmo, para valer.

“Honestamente, o treinador fez um trabalho extraordinário. Tudo aquilo, que aconteceu em campo

foi preparado ao detalhe durante os treinos. Fomos muito inteligentes do ponto de vista tático. Frente ao Uruguai merecíamos muito mais. Sinto que a vitória teria sido um resultado justo”. Assim, com um novo empate sem gols contra a Arábia Saudita, o desafio na fase de 16-avos seria a Argentina de Lionel Messi. Um duelo grandioso para a história daquele grupo.

“Estávamos mais focados em nós do que no adversário. Não entramos em campo pensando que íamos enfrentar Messi, Enzo Fernández ou Lautaro Martínez. Tivemos sempre respeito, mas nunca medo. Estudamos muito bem a Argentina, percebemos os seus pontos fortes. Também aí acho que merecíamos um pouco mais de sorte. Podíamos ter levado para os pênaltis”, lamentou.

O jogador, que viu suas redes sociais multiplicarem seguidores, deixou a Copa do Mundo com a certeza de dever cumprido. Afinal, ajudou a levar o nome de Cabo Verde muito longe.

“O maior legado foi esse: hoje muito mais pessoas nos conhecem. Sabem onde fica o nosso país, conhecem a qualidade dos nossos jogadores e perceberam que temos muito talento. Mas isto é apenas o começo”, avisou.

“Há uma nova geração crescendo e tenho a certeza de que vamos voltar ainda mais fortes e com ainda mais vontade de fazer história. Temos esse desejo e responsabilidade. Sinto-me muito feliz e profundamente agradecido por ter feito parte desta caminhada. Foi uma experiência inesquecível, daquelas que ficam para sempre na memória. Tenho muito orgulho em tudo o que conseguimos alcançar juntos”.



Foto: Divulgação/Fifa

Sidny afirmou que Cabo Verde foi uma equipe organizada, unida e muito disciplinada na Copa do Mundo de 2026

COPA DO BRASIL

Inter pega o Corinthians no Beira-Rio

Há mais três jogos pelas oitavas de final hoje: Palmeiras x Fortaleza, Chapecoense x Cruzeiro e Mirassol x Grêmio

Da Redação

O duelo entre Internacional e Corinthians, válido pela ida das oitavas de final da Copa do Brasil 2026, será disputado, hoje, a partir das 19h30, no Estádio Beira-Rio, em Porto Alegre (RS). A transmissão ficará a cargo do Amazon Prime Video de maneira exclusiva.

As duas equipes jogaram no meio de semana e empataram em jogos pelo Brasileirão. No Beira-Rio, o Inter recebeu o Flamengo e até saiu na frente, mas cedeu o empate em 1 a 1. O Internacional vive um momento delicado no Brasileirão. O Colorado soma 22 pontos, ocupa a 16ª colocação e acumula uma sequência de cinco partidas sem vitória, com quatro derrotas e um empate.

Já o Alvinegro paulista ficou no 0 a 0 com o Athletico. O Corinthians inicia a defesa do título da Copa do Brasil em busca de sua quinta conquista na competição.

Em todas as competições foram disputados 91 jogos entre as duas equipes, com 28 vitórias do Corinthians, 40 empates e 23 triunfos do Internacional, de acordo com o *site* ogol.com.br. Em Porto Alegre, foram disputados 44 jogos entre as duas equipes, com sete vitórias do Corinthians, 23 empates e 14 triunfos do Internacional.

Palmeiras x Fortaleza

O duelo entre Palmeiras e Fortaleza, válido pela ida das oitavas de final da Copa do Brasil 2026, será disputado hoje, às 16h, no Nubank Parque, em São Paulo (SP). A transmissão ficará a cargo da TV Globo, do SporTV e do Premiere.

O Palmeiras garantiu vaga nesta fase ao eliminar o Jacuipense por 7 a 1 no placar agregado. Já o Fortaleza avançou após superar o CRB, levando a melhor no duelo por 2 a 1 na soma dos resultados.

O confronto de volta está marcado para a próxima quarta-feira (5), na Arena Pantanal, quando será definido o classificado para as quartas de final da competição.

Em todas as competições, segundo o *site* ogol.com.br, foram disputados 27 jogos



Foto: Ricardo Duarte/Internacional

Equipe do Internacional vibra após marcar gol contra o Flamengo pelo Brasileirão

entre as duas equipes, com oito vitórias do Fortaleza, sete empates e 12 triunfos do Palmeiras. Em São Paulo foram disputados 13 jogos entre as duas equipes, com três vitórias do Fortaleza, um empate e nove triunfos do Palmeiras.

Mirassol x Grêmio

O Mirassol vive um momento positivo. A equipe venceu o Remo por 2 a 1 na rodada mais recente do Brasileirão, chegou aos 23 pontos e deixou a zona de rebaixamento. O time comandado por Rafael Guanaes tem explorado a bola parada como uma de suas principais armas ofensivas. No dia 17 de julho, Mirassol e Grêmio enfrentaram-se no Maião pelo Campeonato Brasileiro, com vitória dos donos da casa por 2 a 1.

O Grêmio, por outro lado, atravessa um período de instabilidade. O Tricolor acumula cinco partidas sem vitória, empatou em 1 a 1 com o Fluminense e foi derrotado pelo Bolívar por 3 a 2 pela Copa Sul-Americana, sendo eliminado. No Brasileirão, ocupa a 17ª colocação, com 22 pontos. A Amazon Prime Video mostra o jogo no Estádio Maião a partir das 18h.

Chapecoense x Cruzeiro

O Cruzeiro enfrenta a Chapecoense pela Copa do Brasil, na Arena Condá, a partir das 18h30. A Copa do Brasil representa uma excelente oportunidade para o Cruzeiro recuperar a confiança e buscar um título de expressão nacional. Jogar na Arena Condá nunca é fácil, mas a torcida celeste espera

que o time mostre a mesma determinação das vitórias recentes sobre Internacional e Coritiba pelo Brasileirão.

O confronto contra a Chapecoense é fundamental para manter vivo o sonho do título da Copa do Brasil. A Raposa precisa impor seu ritmo de jogo desde o início e buscar um resultado positivo longe de Belo Horizonte para seguir com chances reais de classificação. Em todas as competições, segundo o *site* ogol.com.br, foram disputados 22 jogos entre as duas equipes, com 10 vitórias do Cruzeiro, seis empates e seis triunfos do Chapecoense. Em Santa Catarina foram disputados 10 jogos entre as duas equipes, com quatro vitórias do Cruzeiro, quatro empates e dois triunfos do Chapecoense.

Pedro Alves

pedroalvesjp@yahoo.com.br

O dom de iludir

É... o Botafogo-PB já publicou a mais nova velha normativa para o seu torcedor. Está permitido se iludir novamente. Foi esse o recado dado pelo elenco de 2026, se assemelhando a tantos outros dos últimos 15 anos que vestiram a camisa do Belo. Não é pouca coisa mesmo engatar cinco vitórias seguidas na Série C do Campeonato Brasileiro. Seis triunfos numa sequência de sete jogos, com apenas um empate no meio de tudo isso. Foram 19 pontos em 21 jogados nesse período. Uma recuperação colossal.

Já são sete partidas sem saber o que é perder um jogo. Tudo isso após uma sequência de quatro derrotas seguidas. O Belo saiu do último degrau antes da zona de rebaixamento para a vice-liderança. Atualmente, soma 25 pontos e está na terceira colocação da tabela da Terceirona, que classifica oito para os dois quadrangulares do acesso. É, meu amigo e minha amiga botafoguense, está liberado iludir-se e sonhar de novo. É essa pelo menos a comunicação do grupo de jogadores.

Só uma hecatombe para, em 2026, o Alvinegro da Estrela Vermelha não jogar novamente uma fase de acesso. Ter uma nova chance real de subir para a Série B, objetivo compartilhado por 13 temporadas seguidas. Mas nem sempre, nesses anos todos, o Botafogo-PB proporcionou à sua torcida aquela sensação de que dava. Em alguns anos, como 2015, 2017 e 2020, por exemplo, a luta foi para permanecer na Terceirona. O campeonato foi não cair. E deu certo em todas essas edições.

Mas, como esquecer de 2016 e 2018, épocas em que o clube avançou de fase, foi até o mata-mata e ficou por minutos ou pênaltis de conquistar o acesso. Já com quadrangulares de pontos corridos sendo a fase do acesso, o Belo flertou com a Série B em 2021, 2023 e 2024. É o que deve ocorrer em 2026. A classificação do Botafogo-PB está bem próxima e a sua torcida já se sufoca com a esperança e a desconfiância pairando no mesmo ar do Almeidaão.

Será diferente em 2026? Questiona o alvinegro e a alvinegra. Por que seria? A verdade é que o Belo é realmente um especialista em iludir o torcedor e a torcedora. Em empolgar a massa, sendo competitivo, demonstrando valor, chegando como postulante ao acesso. O time sabe bem fazer isso. O problema é que o Botafogo-PB tem exímia habilidade de não conquistar o objetivo maior. De desidratar na reta final, de fracassar, de jogar mal na hora do “vamo ver” na Série C. Das formas mais variadas possíveis. Em mata-mata, levando gol no último minuto, perdendo nos pênaltis, indo mal no quadrangular. Ele sempre acha um jeito novo de decepcionar o torcedor. Trágica habilidade.

Mas o tempo ainda é de outra destreza. O momento é de o clube fazer o que também sabe bem, como já dito. O dom de iludir e empolgar a sua torcida. O Botafogo-PB de Nenê e Rodolfo vem de boas partidas, de boa produção ofensiva, de equilíbrio entre os setores. Um time, comandado por Marcelo Fernandes, que vai, realmente, se demonstrando como uma equipe extremamente competitiva. Com falhas, claro, afinal estamos falando de uma terceira divisão nacional, mas com virtudes com valores individuais melhorando bastante durante a temporada, casos de Igor Maduro e Diogo Mateus. Com certezas cada vez mais mantidas, como o zagueiro Yan Souto, o atacante Rodolfo e o craque da companhia, Nenê. A nova chance deve vir em breve. Cinco pontos em quatro partidas classificam o Belo para a próxima fase. Três é bem possível que também sele a passagem de fase. Mas a empolgação, que é justa, da torcida, a essa altura já existe. Será esse o Botafogo-PB que vai, enfim, saber escrever um outro fim? Pra que mentir?



Foto: Cesar Greco/Palmeiras

Jogadores do Palmeiras comemoram gol na goleada sobre o Vitória pelo Brasileirão e hoje atuam pela Copa do Brasil



Jogadores do Galo em comemoração de vitória pelo Brasileiro Série D

MÃOS À OBRA

Treze já planeja temporada 2027

Diretoria renova com técnico Adriano Souza e inicia as conversas para a montagem do novo elenco

Danrley Pascoal
danrleyp.c@gmail.com

Com a eliminação nas oitavas de final da Série D do Campeonato Brasileiro, o Treze já trabalha visando a temporada do ano que vem. O planejamento abrange os meses de outubro e novembro de 2026, quando deve ocorrer a Copa Paraíba, que dará vaga para a Copa do Brasil, além de 2027, quando o Galo joga o Campeonato Paraibano e a Quarta Divisão nacional. O jornal **A União** conversou com o presidente do clube, João Paiva, que detalhou como está o processo gestor da agremiação.

Em 2026, no Campeonato Paraibano, o Treze não conseguiu a classificação para as semifinais, depois de realizar uma campanha de altos e baixos. Em nove jogos, teve quatro vitórias e cinco derrotas. Ao fim da primeira fase, terminou na sexta posição com 12 pontos, dois a menos que o Serra Branca, dono da quarta vaga para o mata-mata. O Galo não conquistou o certame estadual desde 2023, quando bateu o Sousa.

Na sua campanha na Série D, o clube terminou a fase de grupos na liderança do Grupo A9. A equipe somou 17 pontos, alcançando cinco vitórias, dois empates e três derrotas. No início do mata-mata, o time paraibano bateu a Jacuipense-BA (3 a 1 no agregado). Já na terceira

fase, eliminou o Crac-GO nas penalidades (4 a 3), após 2 a 2 no placar agregado.

Nas oitavas de final, depois de ter perdido por 2 a 1 na ida para o São José-RS, o Galo precisava vencer por dois gols de diferença para evitar as penalidades. No entanto, conseguiu ganhar apenas por 1 a 0. Assim, o placar agregado terminou assinalando 2 a 2. No fim, o Alvinegro deu azar nas cobranças de pênaltis e viu o goleiro Fábio Rampi virar herói do time gaúcho após pegar duas batidas e converter uma.

Em toda a temporada, o Treze realizou 25 jogos. O retrospecto contabiliza 12 vitórias, três empates e 10 derrotas. Nos 16 jogos do Campeonato Brasileiro, teve oito triunfos, três empates e cinco derrotas. Pela participação na competição nacional, o Alvinegro recebeu R\$ 960 mil da Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

João Paiva analisou o fracasso no Estadual e o desempenho na Quarta Divisão. “Saímos do Paraibano com muitos problemas. Nossa pré-temporada começou com 12 dias de atraso, quando comparada com os demais clubes. Além disso, ficamos sem campo para treinar, porque o Presidente Vargas estava com o gramado totalmente destruído. Isso fez a equipe ter um campeonato muito ruim, horrível”, explicou.

O dirigente acredita que a queda precoce no Campeonato Paraibano ajudou na preparação e contribuiu para o “bom e surpreendente desempenho” na Série D. “Fizemos uma base bem feita. Contratamos um executivo de futebol, o Joba [Josimar Barbosa], uma pessoa muito conhecida no meio do futebol. Então, trouxemos o Adriano [Souza]”, contou.

“Começamos muito bem a Série D. E aí fomos galgando as vitórias. Chegamos ao ponto de ver que a gente estava com boas perspectivas. Procuramos contratar bons atletas, mas a maioria deles estavam muito bem empregados. E chegamos nas oitavas com muita determinação e garra. E o que faltou para a classificação, posso dizer que foram algumas contratações de atletas que viessem somar e fortalecer o nosso elenco. Mas não foi possível. O futebol tem dessas coisas”, completou João Paiva.

Adriano Souza

O Treze anunciou, na segunda-feira (27), um dia após a eliminação no Campeonato Brasileiro, a renovação de contrato de Adriano Souza. O treinador chegou ao clube após a campanha ruim no Estadual e esteve à frente da equipe em todos os 16 jogos da Série D. João Paiva explicou os motivos que levaram a diretoria a estender o contrato com o jovem técnico.

“O motivo foi o trabalho que ele fez. É um técnico novo. Ele tem muito ainda que aprender e está aprendendo. Estou dentro do Treze desde 1999 e nunca tinha visto alguém com um trabalho parecido com o dele. É um cara que tem muito a crescer. E o crescimento dele está sendo no Treze. Isso é bom para nós e é bom para ele. Tenho certeza que a gente está no caminho certo”, afirmou o dirigente.

Adriano Souza ganhou destaque por ter times bastante ofensivos em todos os cenários de uma partida de futebol. Após acertar sua permanência no comando da equipe galista, ele destacou a confiança no projeto do clube e a motivação para dar sequência ao trabalho. “Renovei porque acredito no projeto que está sendo construído.

Desde o primeiro momento, encontrei um clube com muita história, uma torcida apaixonada e pessoas comprometidas em fazer o Treze crescer. Existe um planejamento sólido, um propósito claro e uma grande vontade de fazer o time voltar a ocupar o lugar que merece”, disse.

Copa Paraíba

A temporada de 2027 começa ainda em 2026 para o Galo. Conforme o presidente do Treze, em setembro, a Federação Paraibana vai fazer o congresso técnico da Copa Paraíba, que vai conceder uma vaga para Copa do Brasil de 2027 ao campeão. O torneio local tem início previsto para a segunda metade de outubro e começo de novembro. João Paiva destacou que o clube vai buscar o título da competição para representar Campina Grande na Copa do Brasil.

“A gente já está renovando com alguns atletas. Temos a comissão técnica. Temos certeza que teremos um elenco aprovado pela torcida. A gente está trabalhando para a Copa Paraíba [...]. O torneio será também uma pré-temporada para o Campeonato Paraibano, que inicia em janeiro”, ressaltou presidente trezeano. Como campeão e vice do Estadual, Botafogo e Sousa, respectivamente, já têm lugar garantido na Copa do Brasil e não estarão no certame local.

Primeiro ano de mandato

João Paiva assumiu a presidência da diretoria executiva do Treze, no fim de outubro de 2025. Segundo o dirigente, o principal feito de sua administração foi a aprovação da Sociedade de Participação Específica (SPE) para a gestão do futebol e das categorias de base do clube. A criação da SPE concedeu segurança jurídica para futuros investimentos, ampliando as perspectivas financeira, patrimonial e esportiva.

“Daqui para frente, é fazer uma boa administração para que possamos desempenhar bem em todos os campeonatos. A gente quer mais do que tudo, essa vaga para a Copa do Brasil via Copa Paraíba. Isso nos daria um calendário muito mais robusto em 2027. Então, a gente vai brigar. No próximo ano, queremos entrar no Campeonato Paraibano para buscar o título também. É esse o nosso pensamento”, comentou o gestor alvinegro, que deixou um recado para o torcedor.

“Eu quero agradecer à nossa torcida pela festa que fez no último jogo da Série D. Infelizmente, não foi dessa vez que avançamos. Esperamos que, no próximo ano, com mais respaldo e trabalho sério, nós possamos alcançar esse objetivo que é o acesso. Com mais conhecimento do que nós erramos, vamos tentar ser mais assertivos para subir para a Série C”, concluiu João Paiva.



Foto: Reprodução/Instagram @joapaivamplacamento

João Paiva projeta conquistas para a temporada de 2027



Foto: Daniel Vieira/Treze

Adriano Souza já trabalha na formação do novo elenco

BRASÃO DA PARAÍBA

Revelações e segredos de um símbolo

Do “chapeuzinho da liberdade” à representação da paisagem paraibana, uma história que se baseia na ciência

A data magna do Estado da Paraíba, a ser celebrada no próximo 5 de agosto, é também ocasião para relembrar o significado de um dos seus símbolos oficiais. Criado em 1912, o Brasão da Paraíba reúne elementos visuais que procuram representar a identidade do seu território e sintetizar as aspirações e ideais do seu povo. Algumas das alegorias utilizadas, no entanto, despertam certa curiosidade, a exemplo do chapéu vermelho localizado dentro da estrela principal, acima do escudo.

Esse tipo de linguagem visual e simbólica é explicado pela heráldica, ciência auxiliar da História que estuda a origem, a evolução e o significado dos brasões de armas e escudos. Cícero Caldas, presidente do Instituto Paraibano de Genealogia e Heráldica (IPGH), atribui o desconhecimento sobre esses signos à falta de sintonia das instituições para promover o interesse das pessoas nesse tipo de linguagem.

Ele contou, por exemplo, o que significa aquele curioso “chapeuzinho” presente no brasão paraibano. “Ele se chama ‘barrete frígio’, é uma herança da Revolução Francesa. A maioria dos brasões antigos utiliza-o como lembrança do seu lema, que foi ‘liberdade, igualdade e fraternidade’”, esclarece o heraldista. O gorro cônico, geralmente de tecido vermelho e macio, foi recuperado da Antiguidade pelo Iluminismo e passou a ser adotado como símbolo do regime republicano e das ideias de liberdade.

Seu nome deriva da Frígia, uma antiga região da Anatólia Central, parte da atual Turquia, marcada pela escravidão. O gorro vermelho utilizado na cabeça indicava que o frígio havia conquistado a sua liberdade. Ele foi reapropriado em figuras como Marianne, personificação nacional da República Francesa, e incorporado ao selo do Senado dos Estados Unidos e ao brasão de armas do Haiti, por exemplo. Outra curiosidade: as mascotes das Olimpíadas e Paralimpíadas de Paris 2024 foram as Phryges (Frígias), também inspiradas no tradicional “chapeuzinho”.

Simbologia

Situado na estrela maior do brasão paraibano, que representa a capital do estado,

o barrete frígio demarcava uma paraibanidade ancorada em ideais republicanos e de liberalismo.

Criado por Genésio de Andrade, em 1907, o emblema heráldico oficial da Paraíba foi baseado na Lei Estadual nº 266/1907, que instituiu a antiga bandeira da Paraíba. Os elementos que o compõem são: 1) o escudo formado por três ângulos na parte superior e um na parte inferior, cercado por 15 estrelas que representavam a divisão administrativa de comarcas da época, com paisagens ao fundo, retratando os limites territoriais — em primeiro plano, o oeste do estado e um pastor de rebanhos em um campo verde que se estende até a representação do litoral, ao fundo, onde se vislumbra o sol nascente; 2) os suportes, que são as laterais externas, com imagens das duas principais culturas agrícolas do estado, nesse período — a cana-de-açúcar e o algodão; 3) o timbre, uma estrela centralizada contendo o barrete frígio; e 4) o listel, que é a faixa na base, com a inscrição da data de fundação

do estado.

“Como toda linguagem, nós temos algumas leis básicas da heráldica. A principal delas é a que diz que nunca se deve colocar cor sobre cor nem metal sobre metal. Sempre deve haver um contraste entre um metal e uma cor”, revela Cícero, explicando que o metal compreende o dourado e o prateado. Outro dado importante é que as cores são fixas, sem tons mais claros ou escuros.

Com base nessas regras, o heraldista identifica um equívoco na bordadura do Brasão da Paraíba: “Está branco e com estrelas azuis, quando, historicamente, é o inverso, isto é, azul com estrelas na cor prateada, como na bandeira listrada de branco e verde, criada no início do século passado, juntamente com o brasão”, argumenta. De acordo com ele, o desenho original foi modificado na década de 1970 e a nova “roupagem” passou a vigorar em todos os emblemas, a partir de então. Dos 223 municípios paraibanos, ele afirma que somente 10% deles possuem brasões heraldicamente

corretos, por isso o IPGH firmou uma parceria com o Departamento de Mídias Digitais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) para desenvolver um projeto-piloto que pretende reescrever alguns dos emblemas municipais.

Heráldica

De origem medieval, os brasões de armas buscavam solucionar um problema militar: a dificuldade de os cavaleiros identificarem os que faziam parte da sua tropa. Essa função inicial do desenho modificou-se com o tempo, sobretudo quando o brasão passou a ser utilizado pela nobreza, incorporando cores como azul e verde — que, à época, eram extremamente raras e indicavam poder e riqueza. Os desenhos identificavam cidades, vilas e até famílias, mas, segundo Cícero, sempre de modo pessoal. É por isso que o heraldista chama a atenção para um equívoco que vem ocorrendo muito: o de algumas pessoas buscarem brasões antigos ligados ao seu sobrenome para assumi-los como seu.

“O brasão é destinado a uma única pessoa. No Brasil, quando Dom Pedro I outorgou a primeira Constituição, extinguiu o direito hereditário. Então, o brasão de um barão, por exemplo, não passava para o filho dele. Veja que cada papa tem o seu brasão, que não é o do papa anterior, enquanto a cidade do Vaticano tem também o seu”, exemplifica.

Conforme a História, esse símbolo visual esteve atrelado ao poder econômico e eclesial. Na Paraíba, Cícero cita nomes como Diogo Velho, o Visconde de Cavalcanti, e Silvino Elvídio Carneiro da Cunha, o Barão de Abiahy, que tiveram brasões de armas, ao passo que Estevão José da Rocha, o Barão de Araruna, não chegou a encomendá-los junto aos reis de armas, autoridades heráldicas responsáveis por controlar e organizar a elaboração dos escudos a um custo bastante considerável.

Apesar de terem caído em desuso, com o fim do Império, os brasões permaneceram no imaginário das pessoas e têm sido buscados por muitos. À frente do IPGH, Cícero afirma que qualquer pessoa, entidade, cidade ou corporação pode ter o seu brasão. “A regra principal para um bom brasão é que ele seja simples, limpo e fácil de entender. Deve-se evitar o excesso de desenhos nele. Quanto mais simples, mais significativo”, recomenda, lembrando que, primeiro, é preciso dizer o que se deseja representar para, só depois, o emblema ser desenhado.

Além das instituições e autoridades eclesiais, como dioceses, paróquias e bispos, a heráldica continua viva nas organizações militares e na representação dos órgãos públicos. O presidente do IPGH afirma que a entidade está à

disposição para os interessados em saber um pouco mais sobre as normas de criação de brasões. A associação funciona no prédio do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, no Centro de João Pessoa, e realiza reuniões mensais abertas ao público, nas últimas sextas-feiras de cada mês, a partir das 10h.

Rei de armas

Bruno Coutinho sempre trabalhou com a confecção de maquetes para a construção civil, mas, no período da pandemia da Covid-19, quando as encomendas diminuíram, resolveu transformar a admiração que já tinha pela heráldica em algo palpável. Confeccionou, com os materiais e técnicas que conhecia, o seu primeiro brasão, baseado em uma arte já existente que carregava o nome da sua família. O que começou como um passatempo acabou se tornando outra forma de trabalho, pois muita gente que viu a sua produção pelas redes sociais passou a fazer encomendas.

“Eu não sou heraldista, mas tive que fazer um estudo básico para entender como funcionam os brasões e como eles são idealizados. Aprendi um pouco da parte histórica e da parte técnica também”, confessa. Para reproduzir os brasões solicitados por seus clientes, sejam famílias, sejam instituições, Bruno utiliza a madeira como base. Nela, aplica uma técnica de envelhecimento, utilizando fogo e betume, e depois faz os detalhes em acrílico.

“Depois de passar o desenho do brasão para o computador, eu faço o corte das partes com *laser*. Em seguida, moldo manualmente o acrílico e faço a pintura das partes do brasão com tinta automotiva. Na sequência, eu faço a montagem final e aplico folha de ouro ou folha de prata, que são muito utilizadas na restauração de imagem sacras. Por fim, eu aplico um verniz automotivo”, descreve o processo.

Os preços variam conforme o tamanho e a quantidade de elementos do brasão, mas ficam de R\$ 500 a R\$ 1.000. Bruno relata que a aceitação desse tipo de arte tem crescido, a julgar pelos comentários e pelas encomendas feitas por meio do seu perfil (@escudos_e_brasoes). Na área institucional, muitas marcas têm buscado adequação ao formato de brasão, enquanto pessoas desejam recuperar parte da história familiar.

“Há algumas controvérsias na heráldica. Parte dos estudiosos diz que o brasão é pessoal e foi criado para aquela pessoa e naquele determinado momento, mas, hoje, as pessoas também procuram o brasão para representar a origem de uma família. Elas têm o maior orgulho de colocar o brasão num local bem bacana da casa, geralmente na sala. Também encomendam para dar de presente, pois existe um apelo histórico e afetivo, uma espécie de senso de pertencimento”, defende o novo “rei de armas” paraibano.



Brasão paraibano foi oficialmente criado em 1907, com base na antiga bandeira do estado, instituída nesse ano

Foto: Reprodução/Codata-PB



Na obra A Libertade Guiando o Povo, de Eugène Delacroix, a França é representada por uma mulher usando o barrete

Foto: Reprodução/ Museu do Louvre



No Haiti, o Brasão de Armas também contém a simbologia do chapéu frígio para personificar os valores do seu povo

Foto: Reprodução/ Site da Primatura da República do Haiti

Zé Marcolino

Vida, causos e legado do “matuto genial” que cantou o Sertão



Pouco estudo não impediu que a veia artística do compositor florescesse em canções até hoje gravadas por grandes nomes da música brasileira

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Passados exatos 37 anos desde a partida definitiva do Rei do Baião, esta sessão de **A União** traz uma memória do compositor paraibano mais cantado por ele. Trata-se de José Marcolino, caboclo “parabucano” que se imortalizou em canções como “Numa sala de reboco”, “Cacimba Nova”, “Serrote Agudo” — só para citar algumas gravadas por Seu Luiz — e 50 outras mais.

José Marcolino Alves nasceu na véspera do dia de São Pedro, em 28 de junho de 1930, no Sítio Várzea, hoje pertencente ao município de Sumé (PB). O caçula do carpinteiro Pedro Marcolino e da sua esposa, Francisca Gomes de Mello, deixou o sítio natal ainda criança, com os pais e os outros 10 irmãos, para viver no então Distrito de Prata, hoje emancipado como cidade. Foi por lá que, aos 16 anos, começou a tocar pandeiro e a integrar os trios de forró que se apresentavam nas festas da região.

“Ele era um menino bem rebelde, até por conta da inteligência. Contava que não gostava de ir à missa porque as mulheres eram desafinadas e cantavam mal, isso com oito anos de idade. Mas estudou muito pouco, fez somente o curso primário — e nem chegou a terminar. Mesmo assim, tocava violão e cavaquinho e fazia as músicas que ele fazia”, conta Maria de Fátima Marcolino, filha primogênita do compositor.

Ela relembra a confusão que foi o casamento do pai com a sua mãe, dona Maria do Carmo Alves, porque o avô materno era contrário à união. “Antigamente, os artistas não tinham valor, eram tidos como preguiçosos, gente que não tinha coragem de trabalhar

e, por isso, ficava cantando pelos cantos, bebendo cachaça. Meu avô dizia que meu pai era um vagabundo, então mamãe casou-se fugida”, relata.

Da união, nasceram sete filhos, formando uma família a qual Zé Marcolino se dedicava com afinco. No sítio Pio IX, em Prata (PB), moraram por mais de 10 anos. Ali, plantavam feijão de arranca, milho, jerimum e batata para o consumo da casa e, quando a safra era boa, também para vender. Mesmo que a música não garantisse o sustento da família, o paraibano sempre encontrava um modo de conciliar a lida com as apresentações para as quais era convidado. “Eu lembro que ele ia fazer um *show* e voltava três dias depois, então, quando chegava, já estava faltando tudo em casa. Às vezes, ele recebia só a metade do cachê e tinha que pagar também os músicos. Era uma vida muito difícil, muito difícil”, lembra Maria de Fátima.

Seu Lula

O reconhecimento veio — ainda que não tenha sido acompanhado de substancial melhora da vida financeira — com a parceria com Luiz Gonzaga. Zé Marcolino já tinha enviado várias cartas ao Rei do Baião, mas sem resposta. Quando soube que o cantor estava hospedado em um hotel de Sumé para um *show*, resolveu procurá-lo. A primeira tentativa foi frustrada, porque Gonzagão não parou para escutá-lo. O próprio Zé Marcolino narra que sentiu como se caísse uma tempestade de insegurança e pensou em desistir. Por incentivo de um amigo, tentou uma segunda vez:

“Sentamos ao redor da mesa. Ele, meio chateado com a aglomeração de pessoas que se aproximavam no mo-

mento, perguntou-me: ‘O que é que você tem para me dar em música?’. ‘Vou cantar-lhe uma que fiz em réplica a ‘Moxotó’, feita por Jackson do Pandeiro. Nesse meu xote, eu mostro as bravuras do Piancó, que fica no meu estado (...)’. Terminei de cantar a música, ele fez um ar de riso e disse: ‘Quantas músicas vai me dar para eu levar?’. Eu criei alma nova e respondi: ‘Vou dar umas três’”, contou Zé Marcolino em trecho do livro *Cantadores, Prosas Sertanejas e Outras Conversas*, que deixou escrito e foi publicado logo depois da sua morte.

Gonzaga o convidou a passar uma temporada no Rio de Janeiro, onde passou nove meses fazendo música e gravando. Além de “No Piancó”, “Pás-saro carão” e “Serrote agudo”, apresentadas naquele primeiro encontro, o Rei do Baião gravou mais três canções do compositor paraibano no disco *Ô Vêio Macho* (1962): “Sertão de aço”, “Matuto aperreado” e “A dança do Nicodemos”.

“Mas ele não ganhou dinheiro com música. Seu Luiz mandava alguma coisa quando queria mandar ou quando o meu pai pedia. Não tinha esse negócio de direitos autorais como temos hoje, que a gente grava e já recebe alguma coisa. Ele mandava porque queria ver a música gravada. Seu Luiz deu o pontapé na carreira dele”, revela a filha. Segundo Fátima, Zé Marcolino fazia as músicas sozinho e entredava letra e música, já com melodias, para gravar — e até indicava como gostaria que fosse a introdução. As músicas, no entanto, são assinadas em parceria com Luiz Gonzaga, a pedido do Rei do Baião.

Gênio

A inspiração para as composições de Zé Marcolino costumava vir das

coisas do cotidiano, mas ele também escrevia por encomenda. “Às vezes, ele chegava em casa dizendo que estava nascendo alguma coisa, pedia a viola e, pronto, já começava a dedilhar. Daí a pouco, a música já estava pronta. Ele era uma pessoa muito observadora, via uma cena ou ouvia uma história e aquilo já servia de motivo para ele escrever. Ele tinha um caderno e escrevia muita coisa”, recorda Maria de Fátima, que, por incentivo do pai, também começou a compor. Das canções encomendadas ao seu pai, ela cita “Serrote agudo”, “Cacimba nova” e “Projeto asa branca”.

Em entrevista à imprensa, o próprio Zé Marcolino contou como criou “Numa sala de reboco”, canção que talvez seja a mais tocada de sua autoria: “No sítio, no dia em que a casa é rebocada, sempre há uma festa. O pai da moça, por mais severo que seja, mesmo não permitindo o rapaz pegar na mão de sua filha, não fará objeções para que eles dançam forró, permitindo, assim, uma aproximação maior...”.

Pedro Fernandes, pernambucano admirador da obra musical do paraibano, é enfático ao se referir a Zé Marcolino: “Era um matuto genial, um gênio formado na brutalidade e na aspereza do Sertão. Pelas canções dele, você percebe as observações que ele faz — algumas músicas raras, com sentido amoroso, sem agredir; outras bem suaves, mas bem jocosas, também. Zé era um artista completo, tanto em poesia, como em melodia e harmonia. Uma figura muito encantadora”, define ele. Pedro conheceu o compositor de perto, em uma de suas apresentações na região do Pajeú, em Pernambuco.

Os causos da vida de Zé Marcolino são recontados por Pedro como quem

estivesse próximo, tamanho é o seu encanto pelo artista. Para ele, o poeta falava no íntimo, mas também fazia protestos silenciosos, como quando canta a decadência da Fazenda Cacimba Nova, ao descrever o sentimento de saudade do vaqueiro como em um aboiô.

Mudança

Da Paraíba, a família migrou, na década de 1970, para Juazeiro (BA), onde Zé Marcolino montou uma loja de peças de automóveis. A estadia nas terras baianas não passou de três anos. Rumaram para Serra Talhada (PE), onde se fixaram definitivamente e fizeram muitos amigos. Apesar da sensibilidade e do coração generoso, a filha reconhece que o pai também era explosivo e, quando se irritava, costumava dar problemas. Com o Rei do Baião, não seria diferente. Apesar da admiração mútua, era comum haver discussões.

“Eles se falavam muito por telefone, mas se entendiam e brigavam muito.

Não dava 10 minutos e Seu Luiz ligava de volta, para saber como meu pai estava, e pedia para chamá-lo. E ele ia na mesma hora. Começavam a conversar e, em pouco tempo, estava tudo bem. Eu achava aquilo muito engraçado, porque parecia briga de menino”, narra Fátima.

No auge da carreira, quando estava fazendo muitos *shows* e sendo muito procurado para gravar, um acidente com o automóvel recém-adquirido vitimou o compositor paraibano, aos 57 anos. Em 20 de setembro de 1987, José Marcolino Alves, entre as cidades de Afogados da Ingazeira e Carnaíba (PE), trombou com um animal na estrada e não sobreviveu aos ferimentos. A sua obra e o seu legado têm sido reconhecidos tanto em Pernambuco quanto na Paraíba, onde, mais recentemente, foi inaugurada, em Sumé, a Casa da Cultura Poeta Zé Marcolino, memorial particular dedicado à vida e à obra do compositor, que conta com diversos itens fornecidos pela família.

*A estrada matou quem escreveu,
O mais belo poema da estrada
Proclamou o poeta potiguar
Quando Zé fez a última caminhada.
Pajeú tua roça de improviso
Com o sangue de Zé foi irrigada.*

*Quando morre um poeta, a passarada
Silencia, prestando uma homenagem.
Mas no caso de Zé, “passo” carão
Pra cantar, revestiu-se de coragem!
Entoou uma triste “inceleção”
Pra José no aciro da rodagem*

Brás Ivan Costa Santos

Versos que fazem parte do poema “Dez estrofes pra Zé”, uma homenagem do autor ao poeta

Angélica Lúcio

angelicallucio@gmail.com

Um mesmo Brasil, diferentes formas de se informar

Não existe um único Brasil quando o assunto é informação. Essa é uma das principais conclusões de um estudo divulgado recentemente pelo Aláfia Lab, laboratório de pesquisa e inovação sobre televisão, comunicação e sociedade. Realizada em 2025, a pesquisa ouviu 1.512 pessoas em todas as regiões do país.

Intitulado “Caminhos da Informação: principais hábitos informacionais dos brasileiros por região”, o trabalho mostra como televisão, redes sociais, aplicativos de mensagens, sites jornalísticos, plataformas de vídeo e influenciadores digitais ocupam espaços distintos na preferência da população.

O Nordeste aparece como a região onde as redes sociais exercem maior influência na busca por notícias e informações. Quase 58% dos entrevistados afirmam utilizar essas plataformas como principal fonte informativa. A região também é protagonista quando o tema é política: 47,2% dos nordestinos reconem às redes sociais para se informar sobre esse assunto.

No Norte, o estudo revela a força do entretenimento como porta de entrada para o consumo informativo. Nas plataformas de vídeo, os perfis humorísticos no YouTube são os mais acompanhados pelos usuários. Além disso, os aplicativos de mensagens desempenham papel mais relevante na circulação de informações na região.

Já no Centro-Oeste, as redes sociais aparecem como a principal fonte de informação para metade da população (50%). É também onde o uso de aplicativos de mensagem mais se destaca como fonte de informação política (22,5%). A região ainda registra a liderança do TikTok como plataforma de informação (50%).



Pesquisa realizada pelo Aláfia Lab ouviu 1.512 pessoas em diferentes regiões

Artigo

Reflexões sobre a Copa de 2026

Agora que a Copa do Mundo chegou ao fim, cumpre-nos avaliá-la como tema destas notas.

O que nos chama inicialmente a atenção é a conexão entre a campeã e o futebol praticado. Nesse sentido, avultou diferença entre 2026, 1950, 1954 e 1974. É que, enquanto nestas três últimas, as melhores seleções — a brasileira, a húngara e a holandesa — não foram as vencedoras, na copa deste ano, a Espanha arrebatou o título desenvolvendo o melhor *association*.

Tal ficou claro tanto na finalíssima, em que os espanhóis amassaram os argentinos, se não no placar de magro 1 a 0, mas ao longo da partida, de franca dominação, como na semifinal do triunfo, de 2 a 0 sobre a França. Esta que, para muitos, constituía a melhor seleção, graças à pujança do ataque que firmou com Mbappé, o artilheiro da competição, não passou, todavia, de modesta quarta colocação, devido à derrota de 6 a 4 para a Inglaterra, no melhor jogo da série, em disputa do terceiro lugar.

Fora daí, e desmentindo a tradicional assertiva da ausência de lógica no futebol, a Copa do Mundo de 2026 registrou como finalistas as seleções de melhor futebol, todas ex-campeãs do mundo, a saber: Espanha, Argentina, Inglaterra e França. Cada uma com suas especificidades. A vencedora com o melhor conjunto; os hermanos com o entusiasmo das viradas de última hora; os ingleses com a velha fleuma; e os franceses com o naipe de estrelas do nível de Upamecano, Rabiot, Dembélé e Mbappé.

Falar em estrelas, o que tivemos neste



Para articulista, a Espanha arrebatou o título pelo jogo coletivo, sem individualidades

ano foi a Copa dos protagonistas, pois cada seleção despontava com profissionais que fazia gosto se ver jogar. Á Argentina vinha com Messi — de longe, a mais alta expressão individual do certame —, a Inglaterra com Harry Kane e Bellingham, a França com Mbappé, a Croácia com Modric, Portugal com Cristiano Ronaldo — que tanto me agrada —, a Noruega com Haaland e Cabo Verde com o goleiro Vozinha.

Se a Espanha não aparece na lista, isso

se deve à expressão de equipe superior às individualidades. Apresentando, de saída, o melhor técnico da competição, na pessoa do mister Luiz de la Fuente — impecável no terno azul sem gravata —, os espanhóis impressionaram pelo equilíbrio do conjunto que trocava passes com perfeição até chegar ao gol adversário. Isso apesar do isolado destaque do lateral esquerda Cucurella, de rara eficiência, na defesa e no ataque.

De certa forma, o conjunto hispânico encontrou equivalência nos africanos — Cabo Verde, República do Congo e Senegal à frente —, os quais também impressionaram pela força da totalidade. Atuando com esmero, superaram, em larga escala, os patrocinadores Estados Unidos, Canadá e México. Destes, apenas o México, com atuação superior às de Copas anteriores, revelou-se à altura da competição. Até porque americanos e canadenses não dispõem de tradição pebolista.

E o Brasil? Curiosamente, o Evangelho da missa do dia 19 de julho ensinou a parábola do joio e do trigo. Em termos esportivos, o trigo eram os finalistas da Copa de 2026, e o joio, a Seleção Brasileira, tal a polidez e a falta de articulação e formação, bem distante daquelas de 1950, 1970 e 1982.

Para tanto, bastante contribuíram alguns desacetos. Um deles foi a questão Neymar, que, afinal, não foi escalado quando mais se precisava dele, contra a Noruega. Outro, a teimosa utilização de jogadores de fora do país quando os melhores estão aqui dentro.

Nesse particular, está na hora de a CBF legislar sobre os jovens talentos que, aos 16, 17 anos, engordam, técnica e financeiramente, as formações europeias e drabes. Em nosso modo de ver, somente com a permanência desses jovens talentos aqui, a Seleção Brasileira evitará, no futuro, a repetição do vexame de 2026.

(*) Excepcionalmente, hoje não haverá a coluna do Professor Francelino Soares

DIGITALIZAÇÃO DO RH

Tecnologia expôs o que ninguém esperava

Problemas de liderança, cultura e retenção ficaram mais claros para as empresas

Agência Estado

Quando as empresas começaram a digitalizar o RH, a expectativa era clara: menos trabalho manual, mais velocidade e decisões mais embasadas. O que não estava no *script* foi o que a tecnologia trouxe junto. Ao tornar dados mais visíveis e processos mais rastreados, as ferramentas de gestão começaram a iluminar problemas que o operacional escondia sem querer: gestores que concentram pedidos de desligamento, times com queda sistemática de engajamento, culturas que não sustentam o que o discurso institucional promete.

O fenômeno tem respaldo em dados. Segundo o relatório *Global Human Capital Trends 2025*, da Deloitte, 74% dos líderes de RH afirmam que a adoção de tecnologia tornou visíveis problemas organizacionais que antes passavam despercebidos. Ao mesmo tempo, apenas 17% dizem que suas organizações estão preparadas para agir sobre o que os dados revelam. A tecnologia entregou o diagnóstico. A capacidade de tratar o que foi diagnosticado ainda não acompanhou.

“A digitalização não criou os problemas de gestão: ela tirou a cortina. Empresas que antes não tinham visibilidade sobre rotatividade por área, sobre o impacto de cada gestor na retenção ou sobre onde o engajamento cai primeiro começaram a ter acesso a essas informações. E aí vieram as perguntas para as quais nem sempre havia resposta pronta”, afirma Thomas



Foto: Reprodução/Magnific

Segundo especialistas, empresas precisam usar o que a tecnologia já mostra, sem ruídos

Costa, Diretor de Growth da Redarbor Brasil, detentora do Pandapé.

Na prática, o que muda é o nível de exposição. Quando o RH opera sem dados organizados, problemas de liderança são percebidos tarde, geralmente quando o profissional já pediu demissão ou quando o time inteiro sinalizou insatisfação em uma pesquisa anual. Com ferramentas de análise contínua, os padrões aparecem antes. Um gestor com alta taxa de desligamento dentro do seu time deixa de ser uma percepção e passa a ser um número rastreável. O problema é que muitas empresas ainda não desenvolveram o protocolo para agir quando o número aparece.

Segundo levantamento da McKinsey, empresas com alta maturidade em *people analytics* têm 2,4 vezes mais chances de superar concorrentes em indicadores de retenção de talentos. Contudo, atingir esse nível de maturi-

dade exige mais do que adotar plataformas: requer que lideranças estejam dispostas a ser responsabilizadas pelo que os dados mostram e que o RH tenha autonomia para transformar *insights* em intervenções reais.

“O dado só gera valor quando alguém age com base nele. Muitas empresas chegaram ao estágio de enxergar o problema com clareza, mas ainda não consolidaram os mecanismos internos para tratar o que a tecnologia revela. Isso exige mudança de cultura, não de sistema”, comenta Thomas Costa.

Esse hiato entre enxergar e agir tem implicações diretas sobre retenção. Quando os colaboradores percebem que a empresa coleta dados sobre clima e engajamento, mas não muda nada a partir deles, o efeito sobre a confiança é negativo. De acordo com pesquisa da Qualtrics, 41% dos profissionais afirmam que a falta de

ação após pesquisas internas reduz sua confiança na liderança. Ouvir sem responder pode ser mais prejudicial do que não perguntar.

O movimento também reposiciona o papel do RH dentro das organizações. A área que antes justificava sua relevância pelo volume de processos que conduzia agora precisa demonstrá-la pela qualidade das decisões que orienta. Essa transição não é automática e depende de algo que nenhuma plataforma entrega por padrão: a disposição das lideranças para tratar gestão de pessoas como uma variável estratégica, não como uma função de suporte.

“A pergunta que as empresas precisam responder agora não é se têm tecnologia suficiente. É se têm maturidade para usar o que a tecnologia já mostra. Dados sem ação viram ruído. E ruído, dentro de uma organização, custa caro”, alerta Thomas Costa.



HQs no Cinema

Ranking das cinco maiores arrecadações globais de adaptações ocidentais de quadrinhos fora do eixo tradicional da Marvel e da DC Comics:

Homens de Preto 3 (US\$ 654 milhões)

Um extraterrestre planeja voltar ao tempo e matar o Agente K, o que pode mudar toda a história, colocando a humanidade em risco. Para salvar não apenas a vida do parceiro, mas também o mundo, o Agente J faz uma viagem no tempo para impedir o crime. Onde ver: HBO Max, Amazon Prime, YouTube e Google Play Filmes.

Homens de Preto (US\$ 589 milhões)

Os agentes K e J são policiais futuristas que trabalham em um projeto supersecreto do governo. Ele envolve a captura e deportação de seres espaciais não autorizados a ficar na Terra. De 1997. Onde ver: Amazon Prime, YouTube, Google Play Filmes e Claro TV.

Os Smurfs (US\$ 564 milhões)

Baseado na série de histórias em quadrinhos franco-belgas *The Smurfs*. Gargamel tenta capturar os Smurfs para tê-los como amuletos. Assustados e liderados pelo Smurf Desastrado, os pequeninos entram em uma gruta proibida durante a lua cheia. Eles acabam sendo transportados por um portal para o Central Park, em Nova York. Lá, Desastrado, Ranzinza, Smurfette, Gênio, Papai Smurf e Valente encontram refúgio com um casal. De 2011. Onde ver: HBO Max, Netflix, Amazon Prime e YouTube.

As Tartarugas Ninja (US\$ 485 milhões)

Filme estadunidense de super-herói baseado nos personagens de mesmo nome, criados por Peter Laird e Kevin Eastman. As Tartarugas Ninja são quatro tartarugas mutantes que lutam contra o mal: Leonardo, Rafael, Michelangelo e Donatello. Elas moram nos esgotos de Nova York e aprendem artes marciais com o Mestre Splinter. De 2014. Onde ver: Paramount, Amazon Prime e YouTube.

300 (US\$ 456 milhões)

O rei Leônidas e seus 300 guerreiros de Esparta lutam bravamente contra o numeroso exército do rei Xerxes. Após três dias de muita luta, o sacrifício e a dedicação destes homens uniu a Grécia no combate contra o inimigo persa. Onde ver: HBO Max, Netflix, Claro TV e Amazon Prime.

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)

Tiras

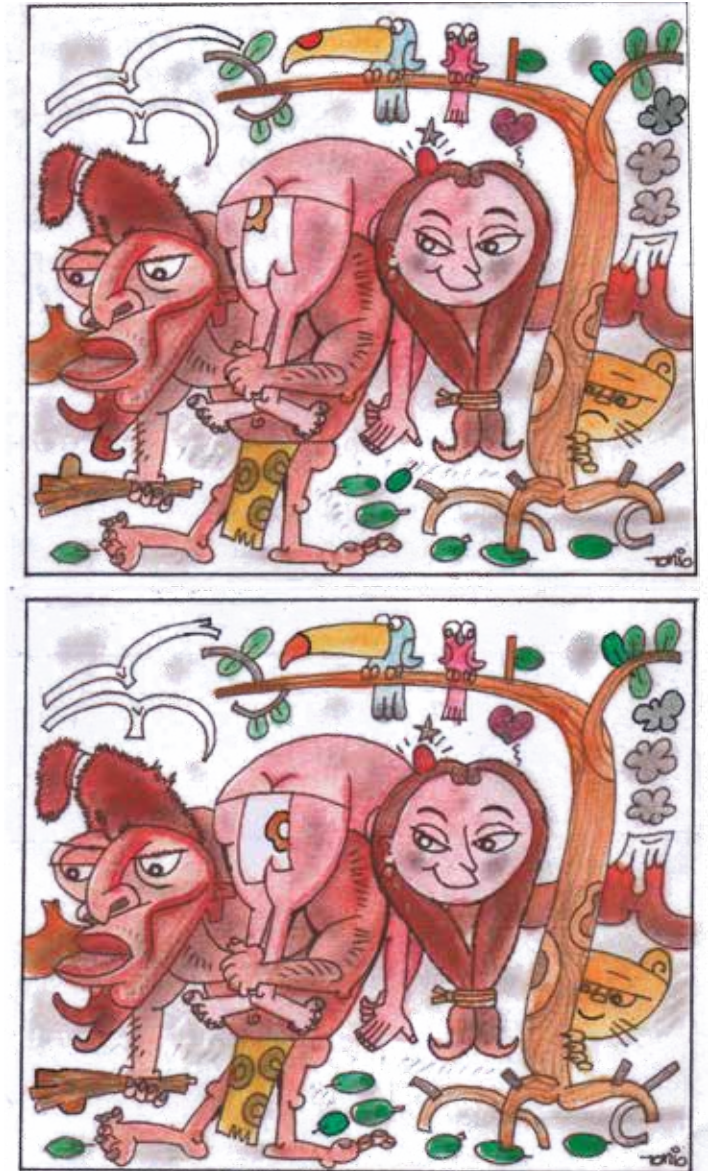
O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)



Solução

1 – fumaca de vulcão; 2 – bico de pássaro; 3 – cavanhague; 4 – asa de pássaro; 5 – língua da mulher; 6 – folha; 7 – boca da oncinha; 8 – folha do chio; 9 – clava.